

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Tiago Timponi Torrent

**A REDE DE CONSTRUÇÕES EM PARA (SN) INFINITIVO: UMA ABORDAGEM
CENTRADA NO USO PARA AS RELAÇÕES DE HERANÇA E MUDANÇA
CONSTRUCIONAIS**

Rio de Janeiro
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**A REDE DE CONSTRUÇÕES EM PARA (SN) INFINITIVO: UMA ABORDAGEM
CENTRADA NO USO PARA AS RELAÇÕES DE HERANÇA E MUDANÇA
CONSTRUCIONAIS**

Tiago Timponi Torrent

Tese de Doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Professora Doutora Maria Luiza Braga
Co-Orientadora: Professora Doutora Maria Margarida Martins Salomão

Rio de Janeiro
Outubro de 2009

**A REDE DE CONSTRUÇÕES EM PARA (SN) INFINITIVO: UMA ABORDAGEM
CENTRADA NO USO PARA AS RELAÇÕES DE HERANÇA E MUDANÇA
CONSTRUCIONAIS**

Tiago Timponi Torrent

Orientadora: Profa. Dra. Maria Luiza Braga

Co-orientadora: Profa. Dra. Maria Margarida Martins Salomão

Tese de Doutorado submetida ao programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Linguística.

Aprovada por:

Presidente, Profa. Dra. Maria Luiza Braga – UFRJ

Profa. Dra. Maria Margarida Martins Salomão – UFJF

Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho – USP

Profa. Dra. Nilza Barrozo Dias – UFF

Profa. Dra. Lílian Vieira Ferrari – UFRJ

Prof. Dr. Mario Eduardo Toscano Martelotta – UFRJ

Rio de Janeiro
Outubro de 2009

“A linguagem e a vida são uma coisa só. Quem não fizer do idioma o espelho de sua personalidade não vive; e como a vida é uma corrente contínua, a linguagem também deve evoluir constantemente. Isto significa que como escritor devo me prestar contas de cada palavra e considerar cada palavra o tempo necessário até ela ser novamente vida. O idioma é a única porta para o infinito, mas infelizmente está oculto sob montanha de cinzas.”

Guimarães Rosa

*Ao Mario Roberto Lobuglio Zágari:
grande linguista, excelente professor
e inestimável amigo.*

AGRADECIMENTOS

Escrever os agradecimentos devidos a todos os que, de alguma forma, colaboraram com esta tese, sem esquecer ninguém, talvez seja um desafio maior do que terminá-la, mesmo porque, enquanto a tese se circunscribe ao domínio da teoria, os agradecimentos são devidos a pessoas e instituições presentes em todos os domínios da vida de seu autor.

No domínio das relações institucionais, agradeço à Universidade Federal do Rio de Janeiro, a qual, através do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras, forneceu-me as bases acadêmica e administrativa necessárias para a conclusão desta tese. Agradeço também à University of California at Berkeley, por me acolher como um membro de sua comunidade acadêmica durante meu período de estágio de doutoramento no exterior; à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior – CAPES –, pela concessão da bolsa de estudos para a realização desse estágio, e à Universidade Salgado de Oliveira, campus de Juiz de Fora, pela concessão da licença de afastamento. Agradeço ainda à Universidade Federal de Juiz de Fora, por ter me transformado de graduando em linguista, possibilitando que eu aproveitasse as excelentes oportunidades de aprendizado oferecidas a mim ao longo do doutorado.

Já no domínio das relações acadêmicas, agradeço aos professores com quem tive o prazer de estudar ao longo do doutorado: Conceição Paiva, Maria Maura Cezário, Vera Paredes, Andrew Garrett, Bernd Heine, Elizabeth Traugott, Gilles Fauconnier e Mark Turner. Sou imensamente grato, em especial, a três grandes professores que se tornaram importantes interlocutores desta tese, tendo me ajudado a construí-la com suas indagações e pontos de vista enriquecedores: a Lílian Ferrari, Mário Martelotta e Adele Goldberg, meu mais sincero muito obrigado.

Agradeço à Maria Cristina Lobo Name e à Laura Suttle, pelo auxílio na elaboração da *web survey*, e aos doutores Nilza Dias, Sônia Bittencourt, Paulo Gago e Terezinha Cristina Campos de Resende, pela disponibilização dos *corpora* utilizados na tese. Muito obrigado também aos colegas de doutorado da UFRJ e da UC Berkeley, aos alunos, professores e funcionários da UNIVERSO e da UFJF e a todos os voluntários que responderam aos testes aplicados através da *web*.

Ainda no domínio das relações acadêmicas, mas já mescladas ao domínio das relações interpessoais, agradeço às minhas três orientadoras: à Maria Luiza Braga, pelo carinho, pela atenção, pela gentileza, pelo saber impressionante e pela incrível humildade e disposição em compartilhá-lo; à Margarida Salomão, pelo estímulo, pela confiança, pela genialidade motivadora, pela paixão pela Linguística e pela insistência, e à Eve Sweetser, pela disposição em ajudar, ouvir, analisar os dados e compartilhar seu vasto conhecimento, mesmo em um momento tão difícil.

Por fim, no domínio das relações interpessoais, agradeço aos meus pais, Luiz Antônio e Clarice; ao meu irmão e melhor amigo, Paulo, e à minha quase-irmã, Mônica, tão fundamentais na minha vida que fica impossível listar todas as razões pelas quais eu lhes devo agradecimentos. À minha avó Lolota; ao meu avô Diniz; à Dim e a todos os meus tios, tias, primos e primas, por serem tão legais, tão carinhosos, tão preocupados com o meu bem estar e tão orgulhosos mesmo das mínimas conquistas; mas, acima de tudo, por serem a família mais legal do mundo. À família Sathler Sigiliano pelo carinho, pela confiança, pelo apoio constante e pela vibração a cada obstáculo vencido.

Obrigado aos amigos, por me aguentarem, divertirem e apoiarem durante esses anos de doutorado. Obrigado especialmente àqueles amigos que acompanharam mais de perto as desventuras desta tese, servindo, inclusive de cobaias e interlocutores: Alice Frascarolli, Ana Paula Rocha, Angélica Rodrigues, Belén Flores, Cláudia Miranda, Daniela Fabrino, Eduardo Fernandes, Elisa van Eyken, Fernanda Santos, João Mauler, Karen Sampaio, Karla Yotoko, Lúcia Piúma, Luciana Ávila, Luiz Fernando Rocha, Pedro de Paula, Priscilla Mouta, Maria Luiza Barone, Nilza Dias, Neiva Pinto, Rodrigo França, Sheyla Castro, Simone Borrelli, Simone Ribeiro, Vanessa Moreira, Vinícius Damasceno, Wagner Arbex, Wander Gomes, além da caravana de JF, Andréia Reis, Keylla Manfili e Sandra Almeida.

Agradeço, finalmente, ao meu único amor, Natália, por estar presente em todos os domínios da minha vida. Nunca imaginei poder compartilhar com uma única pessoa a minha vida acadêmica e profissional, além das minhas amizades e da minha família. Hoje, não me imagino fazendo isso com mais ninguém. Obrigado por ser a leitora mais atenciosa dos meus trabalhos, a melhor colega de turma, a melhor parceira de trabalho, a amiga mais próxima, a melhor namorada de todas e a pessoa com quem quero envelhecer.

Torrent, Tiago Timponi.

A Rede de Construções em Para (SN) Infinitivo: Uma abordagem centrada no uso para as relações de herança e mudança construcionais / Tiago Timponi Torrent. – Rio de Janeiro: UFRJ / FL, 2009. xvi, 166f.:il.; 2,0cm.

Orientadoras: Maria Luiza Braga

Maria Margarida Martins Salomão

Tese (doutorado) – UFRJ / Faculdade de Letras / Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2009.

Referências Bibliográficas: f.149-153.

1. Gramática das Construções. 2. Rede Construcional. 3. Generalizações de Superfície. 4. Abordagens Centradas no Uso. 5. Construções em Para (SN) Infinitivo. I. Braga, Maria Luiza *et al.* II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística. III Título.

RESUMO

A REDE DE CONSTRUÇÕES EM PARA (SN) INFINITIVO: UMA ABORDAGEM CENTRADA NO USO PARA AS RELAÇÕES DE HERANÇA E MUDANÇA CONSTRUCIONAIS

Tiago Timponi Torrent

Orientadora: Profa. Dra. Maria Luiza Braga

Co-orientadora: Profa. Dra. Maria Margarida Martins Salomão

Resumo da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Linguística.

Esta tese trata da rede de construções do Português do Brasil (PB) que compartilha o esquema sintático *para (SN) infinitivo*. Tal rede é composta por 17 padrões construcionais nos quais o referido esquema pode funcionar (i) como uma construção sintaticamente independente das demais com as quais se combina; (ii) como um dos argumentos perfilados por outra construção; (iii) como parte integrante de construções modais e aspectuais; ou (iv) como uma construção de perspectivização discursiva. As Construções em Para (SN) Infinitivo compartilham também a propriedade semântica de apontarem para um espaço-mental que representa o destino de um movimento no plano das intenções. Desenvolve-se uma análise sincrônica das relações de herança existentes entre as construções em estudo, propondo-se, com base na Hipótese das Generalizações de Superfície, uma rede de motivações para tais construções no PB atual. Evidência estatística para a proposição da rede é fornecida através da aplicação testes de similaridade semântica em falantes universitários do PB, nos quais se julga a possibilidade de anteposição do esquema sintático em questão em relação ao seu contexto construcional mais imediato. Posteriormente, investiga-se o percurso histórico de formação dos padrões construcionais em *para (SN) infinitivo*, desde o Latim, passando pelo Português Europeu Medieval e Clássico, até o PB. Em vista da impossibilidade de se tratar, diacronicamente, a Rede de Construções em Para (SN) Infinitivo como produto de um processo unidirecional de gramaticalização, propõe-se a Hipótese da Convergência Construcional por Via de Generalizações de Superfície, segundo a qual, construções não relacionadas historicamente, ou oriundas de processos de gramaticalização distintos, podem formar uma rede motivada sintática e semanticamente pelo efeito das generalizações realizadas pelos falantes a partir das formas de superfície das construções. Tanto a análise sincrônica quanto a diacrônica são baseadas em dados de fala e escrita, respectivamente, levantados a partir de *corpora* da fala mineira e de textos históricos de diversos gêneros.

Palavras-chave: 1. Gramática das Construções. 2. Rede Construcional. 3. Generalizações de Superfície. 4. Abordagens Centradas no Uso. 5. Construções em Para (SN) Infinitivo.

ABSTRACT

THE PARA (NP) INFINITIVAL CONSTRUCTION NETWORK: A USAGE-BASED APPROACH FOR CONSTRUCTIONAL INHERITANCE AND CONSTRUCTIONAL CHANGE

Tiago Timponi Torrent

Orientadora: Profa. Dra. Maria Luiza Braga

Co-orientadora: Profa. Dra. Maria Margarida Martins Salomão

Abstract da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Linguística.

This dissertation focuses on a network of constructions sharing the *para (NP) infinitive* schema in Brazilian Portuguese (BP). Such network comprises 17 constructional patterns – or, in some cases, constructional groups – in which the schema can function (i) as a construction which is syntactically independent of those to which it is combined; (ii) as one of the arguments profiled by another construction; (iii) as a part of modal and aspectual constructions; or (iv) as discourse perspectivization construction. Para (NP) Infinitival Constructions also share the semantic property of pointing to a mental-space representing the destination of an intentional movement. Through the synchronic analysis of the inheritance relations found among those constructions a motivation network involving them is proposed based on the Surface Generalizations Hypothesis. Statistical evidence is provided through semantic similarity assessment tests in which undergraduate native speakers of BP were asked to evaluate the possibility of preposition of the schema in study in regards to its immediate constructional context. Thereafter, the historical path of the *para (NP) infinitival* constructions is investigated, from Latin to BP, passing by both Medieval and Classical Peninsular Portuguese. Given the impossibility of treating, considering the diachronic data, the *para (NP) infinitival* family of constructions as a byproduct of a unidirectional grammaticalization process, the Constructional Convergence via Surface Generalizations Hypothesis is proposed. According to this hypothesis, historically unrelated constructions – or those resulting from distinct grammaticalization processes – can form a syntactically and semantically motivated network due to the effect of the speaker's ability of generalizing over surface constructional patterns. Both the synchronic and the diachronic analyses are based on real data, collected from *corpora* of Minas Gerais and from historical texts belonging to several genres.

Keywords: 1. Construction Grammar. 2. Construcion Network. 3. Surface Generalizations. 4. Usage-Based Approaches to Language. 5. Para (NP) Infinitival Constructions.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	xiv
LISTA DE QUADROS	xv
LISTA DE TABELAS	xvi
INTRODUÇÃO	17
1 METODOLOGIA	23
1.1 Corpora Utilizados	23
1.1.1 <i>Corpora Escritos</i>	24
1.1.1.1 O Português Europeu Medieval e Clássico	25
1.1.1.2 O Português do Brasil	27
1.1.2 <i>Corpora Falados</i>	28
1.2 Mecanismos de Busca Utilizados	30
1.3 Quantificação dos Dados Provenientes do Levantamento em Corpora	32
1.4 Teste de Julgamento de Similaridade Semântica	33
2 ABORDAGENS CENTRADAS NO USO	35
2.1 A Gramaticalização	43
2.1.1 <i>Processos da Gramaticalização</i>	44
2.1.2 <i>Parâmetros da Gramaticalização</i>	50
2.1.3 <i>Princípios da Gramaticalização</i>	52
2.2 A Gramática das Construções	54
2.2.1 <i>A Gramática Cognitivista das Construções e a Hipótese das Generalizações de Superfície</i>	55
2.2.2 <i>A Mesclagem Construcional</i>	66
3 A REDE CONSTRUCIONAL EM PARA (SN) INFINITIVO	75
3.1 Caracterização do Esquema Sintático	75
3.2 Identificação das Construções em Para (SN) Infinitivo	75
3.3 As Construções em Para (SN) Infinitivo	77
3.3.1 <i>Construção Adjuntiva Final em Para Infinitivo</i>	77
3.3.2 <i>Construção de Dativo com Infinitivo</i>	82
3.3.3 <i>Construção Manipulativa de Complementação em Para</i>	87

	<i>Infinitivo</i>	
3.3.4	<i>Construção Manipulativa de Complementação Mesclada em Para Infinitivo</i>	90
3.3.5	<i>Construção de Tempo Decorrido de Complementação em Para Infinitivo</i>	91
3.3.6	<i>Construção Nominal de Complementação em Para Infinitivo</i>	93
3.3.7	<i>Construção Nominal Volitiva de Complementação em Para Infinitivo</i>	94
3.3.8	<i>Construção Predicativa em Para Infinitivo</i>	95
3.3.9	<i>Construções Habilitativas em Para Infinitivo</i>	96
3.3.10	<i>Construção Modal com Dar</i>	98
3.3.11	<i>Construção Modal com Ser</i>	99
3.3.12	<i>Construção Modal com Deixar</i>	100
3.3.13	<i>Construção Aspectual com Estar</i>	101
3.3.14	<i>Construção Aspectual com Dar</i>	102
3.3.15	<i>Construções Adverbiais Intensificadoras em Para Infinitivo</i>	103
3.3.16	<i>Construções Perspectivadoras de Ato de Fala em Para Infinitivo</i>	104
3.3.17	<i>Construções Perspectivadoras de Tópico Discursivo em Para Infinitivo</i>	104
3.4	A Hipótese das Generalizações de Superfície e A Rede Construcional em Para (SN) Infinitivo	106
3.4.1	<i>Teste de Julgamento de Similaridade Semântica</i>	108
3.4.2	<i>A Rede Construcional em Para (SN) Infinitivo</i>	116
3.5	Conclusões Parciais	122
4	A MUDANÇA GRAMATICAL NAS CONSTRUÇÕES EM PARA (SN) INFINITIVO	124
4.1	A Construção Adjuntiva Final em Para Infinitivo	128
4.2	A Construção Nominal de Complementação em Para Infinitivo, A Construção Aspectual com Estar e a Construção Nominal Volitiva de Complementação em Para Infinitivo	131
4.3	A Construção de Dativo com Infinitivo e As Construções Manipulativas de Complementação e de Complementação	133

Mesclada em Para Infinitivo	
4.4 As Construções Habilitativas Possessiva e Existencial em Para Infinitivo	136
4.5 A Construção Modal com Ser	138
4.6 A Construção Modal com Dar	140
4.7 Demais Construções em Para Infinitivo	142
4.8 Conclusões Parciais	142
5 A HIPÓTESE DA CONVERGÊNCIA CONSTRUCIONAL POR VIA DE GENERALIZAÇÕES DE SUPERFÍCIE	144
6 CONCLUSÕES	147
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	149
APÊNDICE – TESTE DE JULGAMENTO DE SIMILARIDADE SEMÂNTICA APLICADOS, ATRAVÉS DA WEB, EM FALANTES NATIVOS UNIVERSITÁRIOS DO PORTUGUÊS DO BRASIL	154

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Esquema do processo de coleta de dados utilizado na tese	32
Figura 2: Esquema do desenvolvimento da auxiliação com <i>be going to</i> (HOPPER & TRAUGOTT, 2003 [1993], p.69)	47
Figura 3: Representação da construção de movimento causado	57
Figura 4: Tirinha da Mafalda	67
Figura 5: Representação gráfica da mesclagem	68
Figura 6: Exemplo de construção de movimento-causado 'Raquel jogou a bola pela janela'	72
Figura 7: O processo de emergência por mesclagem do DCI	74
Figura 8: O processo de emergência por mesclagem da Construção Manipulativa de Complementação Mesclada em Para Infinitivo	91
Figura 9: Distribuição de frequência das Construções em Para (SN) Infinitivo no PB do século XXI	106
Figura 10: Escores médios atribuídos, em uma escala de 1 a 7, a cada sentença alternativa à Construção Adjuntiva Final em Para Infinitivo. Letras iguais indicam diferenças estatisticamente significativas entre escores ($p < 0,05$)	110
Figura 11: Escores médios atribuídos, em uma escala de 1 a 7, a cada sentença alternativa à Construção Manipulativa de Complementação em Para Infinitivo. Letras iguais indicam diferenças estatisticamente significativas entre escores ($p < 0,05$)	111
Figura 12: Escores médios atribuídos, em uma escala de 1 a 7, a cada sentença alternativa à Construção Nominal de Complementação em Para Infinitivo. Letras iguais indicam diferenças estatisticamente significativas entre escores ($p < 0,05$)	112
Figura 13: Escores médios atribuídos, em uma escala de 1 a 7, a cada sentença alternativa à Construção Nominal de Complementação em Para Infinitivo. Letras iguais indicam diferenças estatisticamente significativas entre escores ($p < 0,05$)	113
Figura 14: Escores médios atribuídos, em uma escala de 1 a 7, a cada sentença alternativa à Construção Habilitativa Possessiva em Para Infinitivo. Letras iguais indicam diferenças estatisticamente significativas entre escores ($p < 0,05$)	114
Figura 15: Rede Construcional em Para (SN) Infinitivo	120

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Textos do Português Europeu – Medieval e Clássico – pesquisados através dos sítios do CIPM e do CP, acompanhados do número aproximado de palavras que os compõem.	27
Quadro 2: Textos do Português do Brasil pesquisados através dos sítios do Museu da Língua Portuguesa, do <i>Projeto Para Uma História do Português do Brasil do Rio de Janeiro</i> (PHPB/RJ) e do CP, bem como retirados de Barbosa e Lopes (2002), acompanhados do número aproximado de palavras que os compõem.	28
Quadro 3: <i>Corpora</i> do Português do Brasil do século XXI, acompanhados do número aproximado de palavras que os compõem.	29
Quadro 4: Tipos de construção às quais a CAFPI pode se combinar.	82
Quadro 5: Distribuição diacrônica das Construções em Para (SN) Infinitivo.	127

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Parâmetros da gramaticalização, conforme definidos por Lehmann (2002 [1982]) 50

Tabela 2: Escores médios atribuídos a todas as paráfrases construídas através da anteposição do esquema *para (SN) infinitivo*. Letras iguais indicam diferenças estatisticamente significativas entre o escore atribuído à CAFPI e os escores atribuídos às demais construções avaliadas ($p < 0,05$) 115

INTRODUÇÃO

O padrão sintático *para (SN) infinitivo* tem seu uso registrado em diversos contextos construcionais¹ no Português do Brasil (PB), conforme é possível observar nos 20 exemplos abaixo, retirados de *corpora* de projetos² focados no levantamento e descrição da fala mineira:

- (1) E lembrei docê na hora, falei, ô Lú o di que o Tales vié aqui eu vô querê que cê faz isso que eu vô levá lá pra casa **pra gente cumê** (PFJF – PON2)
- (2) Então **a sociedade só ce...cedeu essa..essa casa, essa antiga maternidade e a área do terreno pra prefeitura construí esse mini...essa mini policrínica** e em troca ês vão construí dois salões pra sociedade São Vicente de Paula... (IBITI – VIC)
- (3) E quando ele morreu... ninguém esperava a morte do Oswaldo... surpreendeu a a São Geraldo.... **ela pediu o Carlos...** que ele conhece tudo aí... **pra assumí lá e vendê** as coisa dela lá (PFJF – PON1)
- (4) Ana Clara, na hora que o bizerro for mamá **pede pro Ti chegar** com ele aqui pra gente fotografá o bizerrinho mamano, né? (PFJF – TOM)
- (5) Tudo bem... **demoro catorze anos pra ela acreditá** no que eu tinha falado, mas... (PFJF – TOM)
- (6) Aquele quarto ali deve ser mais **fácil pra você limpa**, hein Marta? (PFJF – JFA)
- (7) Quem sabe cantá jongo por aqui? Que **eu sô doida pra pegá... gravá** algum cantadô de jongo... ainda tem? (IBITI – AUR)
- (8) Ahan... e da família dele num **ficô ninguém pra seguí** ele? (IBITI – AUR)
- (9) A turma de Coimbra que... dava uma vaia e saía todo mundo do trem porque **não tinha nada pra ver** lá dentro. (PFJF – PON3)
- (10) INQ.-Senhora entendia que que eles cantavam?
INF.- Uai a gente entendia, mais eu num tenho nada guardado na minha mente não.
INQ.- Sobre o que que eles falavam não?
INF.- Não.
INQ.- Mais **dava pra entendê**?
INF.- Uai dava uai. (IBITI – AUR)
- (11) Ela conversô co'a...co'a secretária lá da prefeitura e falô que **era pra conversá com o motorista...** do ônibus, o motorista do ônibus me trazê, sem passagem. (IBITI – AUR)
- (12) Se vocês deixarem, se você **deixá pra lavá** vasilha de noite e não de manhã igual cê deixa... (PFJF – JFA)
- (13) INQ: Senhora nunca pensô em operá...fazê uma cirurgia ?
INF: De veia ?
INQ: É.
INF: Não...quando eu furei e...elas a primera veiz, **tava pa ganhá** esse minino que veio co'cê. (IBITI – MNE)
- (14) Eu não entendo nada e agora o meu, meu disquete **deu pra dá** problema. (PFJF – TOC)
- (15) Agora e- essa que o Pablo me trouxe não é um metal memo... Ela é pesada é... Mas ele foi lá... Nu- nesse conventu lá... E adquiriu ela lá. Diz ele que andô **pra daná**. (PFJF – PON3)
- (16) É... aconteceu algumas vezes, né? **Pra você ter uma noção**, em mil novecentos e sessenta e sete eu tava em Ponte Nova... É... eu era um moleque... Mas, é... setenta, setenta e dois, setenta e três, se quisesse vir a Ponte Nova, tinha que ser de trem ou então se não chovesse... (PFJF – PON3)

¹ A noção de contexto construcional se refere às demais construções junto das quais o esquema *para (SN) infinitivo* pode ser utilizado.

² Os projetos de onde foram retirados os dados serão listados na seção de metodologia desta tese. Desde já, fica o agradecimento aos coordenadores e organizadores de todos os *corpora* utilizados.

- (17) Então, aí não, contei a história pro Tomás e o Tomás... era funcionária dele. **Pra simplificar**: vamos ajudar vocês a não perder a viagem não. Eu vou dar toda a orientação pro ocês, vou dar um mapa da/do percurso... e ceis vão fazer assim, assim e assim, e lá, em tal lugar assim, assim, tinha um acampamento grande lá. U governu tava querendo fazer uma reforma agrária. (PFJF – PON3)
- (18) O município grande, o município de mais de oitocentos quilômetros quadrados, só o distrito de Ibitipoca tem mais de duzentos quilômetros quadrado, você imagina administrá esse gigante desse município c'uma renda pequena... **Pra te dá um exemplo**, Bicas, a cidade, município de Bicas tem quarentas quilômetros quadrado... Ele tem a mesma arrecadação de Lima Duarte... (IBITI – WAL)
- (19) Clara: Que que faz isso, administração?
Sonia: Engenharia de produção?
Clara: É
Sonia: Faz um jeito de você produzir menos de preferência com menos mão-de-obra. Cê cria um esquema de produção, umas planilhas, maquinário...
Clara: Muita coisa de matemática?
Sonia: Sim, é só cálculo física matemática... E aí tem um professor que, eu acho que é de cálculo, que tá deixano ele muito doido. Num quer concordá com as coisas que ele vem desde o primário. Eu falei oh, Felipe, viaja e entra na do cara que um mais um num é dois que dois mais dois num é quatro...
Clara: Aqui, mas... depois **pra arrumá emprego**...
Sonia: Num existe ((risos))
Clara: Depois, um engenheiro de produção ele arruma emprego é em empresa?
Sonia: É... fábrica (PFJF – TOM)
- (20) Aline: aí, esse aqui tava bloqueado, né? Juntô... mas esse aí não... nossa senhora na hora que, que acabô de arrancá já tava começando a fisgar
Paula: esse é aquele dia que... que levaram você lá onde a Adriana tinha ido?
Aline: foi na hora que...
Marta: **pra ranca**... eu ranquei dois
Aline: eu tirei os dois ao mesmo tempo
Marta: mesmo lado?
Aline: mesmo dia, mesmo lado (PFJF – JFA)

Conforme se pode perceber nos exemplos de (1) a (20), os padrões de combinação do esquema sintático *para (SN) infinitivo* junto das construções com as quais aparece varia. No exemplo (1), o esquema sintático em questão tem como contraparte semântica a noção de finalidade. Partindo-se do pressuposto de que toda construção se constitui em um pareamento de forma e sentido – ou função – (cf. GOLDBERG, 1995; 2006), tem-se que o exemplo (1) é uma construção autônoma, a Construção Final em Para Infinitivo³. O mesmo ocorre com os demais exemplos.

Nos exemplos de (2) a (7), o esquema encontra-se mais integrado ao contexto construcional circunvizinho, funcionando como uma espécie de complemento da construção à qual se encontra integrado. Em (2), ele funciona como complemento indireto do verbo transferencial, caracterizando a Construção de

³ Uma discussão aprofundada sobre a proposição de cada uma das construções bem como dos nomes para cada uma delas será apresentada a partir da seção 3.3, sendo que, no momento, a razão para nomeá-las refere-se exclusivamente à criação de um atalho didático para se referir a algumas delas ao longo do capítulo 2.

Dativo com Infinitivo (cf. TORRENT, 2005; 2008; 2009a; 2009b); em (3) e (4), como complemento dos verbos manipulativos, o que aponta para as Construções Manipulativas de Complementação em Para Infinitivo; já em (5), o esquema é complemento indireto da Construção de Tempo Decorrido de Complementação em Para Infinitivo. Por fim, em (6) e (7), a estrutura argumental que prevê o esquema não possui um núcleo verbal como as demais, mas um núcleo nominal, logo, serão denominadas Construções Nominais de Complementação em Para Infinitivo. Em realidade, a construção em (7) parece estar relacionada à em (6) por um link de herança por instanciação (cf. GOLDBERG, 1995), uma espécie de uso especializado, que acabou por desenvolver uma função mais específica, neste caso, a de indicar volição.

A ocorrência (8) é um exemplo da Construção Predicativa em Para Infinitivo. Nela, o esquema funciona como predicativo do sujeito da cópula. Essa construção parece estar sendo substituída, no PB atual, pela Construção Predicativa em Por Infinitivo, exceto nos casos em que se encontra mais idiomatizada, em expressões como “*ficar para morrer*”.

A Construção Habilitativa em Para Infinitivo vem representada em (9) e compartilha com as construções em (6) e (7) o fato de o esquema sintático *para (SN) infinitivo* estar mais ligado a um núcleo nominal. Entretanto, não se trata em (8) de um caso de complementação, mas sim de uma relação de adjetivação, em outras palavras, o esquema em estudo codifica um atributo do núcleo nominal com qual se combina.

Nos usos registrados de (10) a (12), o esquema *para (SN) infinitivo* encontra-se idiomatizado junto aos verbos *dar*, *ser* e *deixar*, exercendo função modalizadora. No primeiro caso, tem-se a Construção Modal com Dar (cf. SALOMÃO, 1990; 2007; VELLOSO, 2008; TORRENT, 2005; 2007; 2008; 2009a; 2009b), a qual codifica modalização de possibilidade; em (11), tem-se a Construção Modal com Ser (TORRENT, 2007), cuja contraparte semântica aponta para a noção de obrigação, dever; e, por fim, no exemplo (12), a Construção Modal com Deixar, a qual codifica permissão.

Em (13) e (14) aparecem duas construções marcadoras de aspecto: respectivamente, a Construção Aspectual com Estar, a qual indica a iminência da ação codificada pelo infinitivo, e a Construção Aspectual com Dar, de função inceptiva-iterativa.

No exemplo (15), o esquema *para (SN) infinitivo* também funciona autonomamente como uma construção, porém, desta vez, além de não permitir que a posição do verbo infinitivo seja ocupada por outros verbos que não *danar* ou *encardir*, ele não codifica finalidade, mas sim intensidade, o que caracteriza outra construção, a Adverbial de Intensidade em Para Infinitivo.

As ocorrências de (16) a (18) apresentam, assim como a construção em (14), alto grau de idiomaticidade, ou seja, elas possuem esquemas fechados, no sentido de não ser possível que substituam os itens lexicais que a compõem. Por outro lado, apresentam função diferente, visto que re-enquadram a perspectiva do falante sobre o ato de fala em que está engajado. Dada a sua idiomaticidade, cada um desses padrões deve ser visto como uma construção diferente, entretanto, por razões didáticas, eles serão nomeados, em conjunto, como Construções Perspectivadoras de Ato de Fala em Para Infinitivo.

Por fim, as construções em (19) e (20) compartilham com aquelas listadas de (15) a (18) o fato de possuírem escopo sobre o discurso. Entretanto, enquanto as Construções de Perspectivização de Ato de Fala sinalizam uma alteração da postura do falante no que tange ao modo como abordará o tópico discursivo, vemos nos exemplos (19) e (20) que o esquema *para infinitivo* é usado para introduzir ou alterar o foco sobre o tópico da conversa. Logo, dada sua função de alçarem uma nova temática à posição de tópico conversacional, essas construções serão classificadas como Perspectivadoras de Tópico em Para Infinitivo.

Como se pôde notar, as 20 construções exemplificadas acima apresentam contrapartes semânticas próprias. Entretanto, propõe-se que todas elas compartilham um esquema de significado comum, qual seja o do movimento para um destino, conforme prevê um dos princípios fundamentais da Gramática Cognitiva das Construções (cf. GOLDBERG, 1995; 2006), o da Motivação Maximizada, segundo o qual, a semelhança formal entre tais construções é um indicativo da existência de relações de significado entre elas.

Isso posto e com base em uma aproximação entre os pressupostos teórico-analíticos da Gramática Cognitivista das Construções (cf. GOLDBERG, 1995; 2006) e da Gramaticalização (cf. BYBEE, 2003; HEINE, 2003; HOPPER, 1991; HOPPER & TRAUGOTT, 2003 [1993]; LEHMANN, 2002 [1982]; SWEETSER, 1988; 1990; TRAUGOTT & DASHER, 2002), empreendeu-se uma análise diacrônica com o objetivo de averiguar se os caminhos comumente propostos para a gramaticalização

de construções seriam capazes de elucidar de alguma forma a relação entre as construções listadas acima.

Entretanto, tal análise revelou que o caminho de gramaticalização de cláusulas que leva da Adjunção à Auxiliação pela via da Complementação⁴ (HOPPER & TRAUGOTT, 2003 [1993]) parece não ocorrer com as construções em estudo, pelo menos não dentro de um *continuum* linear, sendo que as construções modais, aspectuais, adverbiais e de re-enquadramento discursivo em *para (SN) infinitivo*, segundo a análise diacrônica empreendida neste trabalho, não seguiriam um único caminho de gramaticalização a partir de uma única fonte, conforme a aplicação do *cline* prototípico da gramaticalização de cláusulas levaria a supor.

Argumenta-se, assim, que as relações semânticas entre as construções em *para (SN) infinitivo* se dão através de generalizações que o falante realiza ao adquirir sua língua com base na forma de superfície das construções (cf. GOLDBERG, 2006), o que não exclui o fato de que vários *clines* de gramaticalização possam ter ocorrido e terminado por formar a rede atual⁵. Conclui-se, portanto, que a rede de motivações das construções em *para (SN) infinitivo* se organiza a partir de uma convergência de padrões construcionais oriundos de fontes historicamente distintas por via de generalizações de superfície.

Para se chegar a essa conclusão, foi realizado um extenso levantamento de dados, o qual é descrito no capítulo de Metodologia. Esse capítulo caracteriza os *corpora* pesquisados, o método de levantamento das ocorrências e de etiquetamento dos dados citados, bem como os critérios utilizados para a seleção dos textos pesquisados. Aborda ainda a metodologia de elaboração e aplicação de um teste de julgamento de similaridade semântica, aplicado em falantes universitários do PB com o objetivo de verificar em que medida propriedades sintáticas de uma construção podem ser estendidas a outras com as quais se relaciona.

Posteriormente, tendo-se em vista a orientação analítica das abordagens para o estudo da linguagem centradas no uso – as quais são delineadas no capítulo 2 –, propôs-se, no capítulo 3, a descrição de cada uma das construções em *para (SN)*

⁴ A parataxe aqui não é considerada devido ao fato de não haver sido identificada, nos dados analisados, qualquer ocorrência do esquema *para (SN) infinitivo* nessa configuração clausal.

⁵ É importante registrar que essa hipótese abandona, sim, a possibilidade de se tratar a rede construcional em *para (SN) infinitivo* como um *continuum* único e unidirecional, sendo cada uma das construções um dos estágios do *continuum*.

infinitivo, bem como sua organização em uma rede formalmente e funcionalmente motivada. O teste de similaridade semântica, bem como uma detalhada análise de cada construção baseada na Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1997; FAUCONNIER & TURNER, 2002), na Dinâmica de Forças (TALMY, 1981; 1988; 2001) e na Teoria da Metáfora (LAKOFF, 1987; LAKOFF & JOHNSON, 2002 [1980]), forneceram o suporte estatístico e analítico necessário para a proposição dessa rede de relações de herança construcional.

A investigação diacrônica de cada construção foi realizada através de uma análise de dados oriundos de *corpora* dos séculos XIII a XVII para o Português Europeu e XVIII e XIX para o Português do Brasil. Essa análise é apresentada no capítulo 4 e culmina na proposição dos caminhos de mudança envolvidos na formação das construções em *para (SN) infinitivo*.

Dadas as conclusões dessas análises e à luz dos pressupostos teóricos da Gramática Cognitiva das Construções, propõe-se, no capítulo 5, a Hipótese da Convergência Construcional por via de Generalizações de Superfície, segundo a qual construções não relacionadas historicamente podem acabar formando uma rede construcional semântica e formalmente motivada, construída através da capacidade dos falantes de generalizar a partir de formas de superfície durante a aquisição da linguagem.

O último capítulo traz as conclusões do trabalho, bem como delineia suas contribuições para as pesquisas que propõem uma aproximação entre os pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva e da Linguística Funcional.

1 METODOLOGIA

Este capítulo se ocupa de apresentar a metodologia empregada nesta tese, tanto no que diz respeito às análises sincrônica e diacrônica de dados reais de fala e escrita, respectivamente; quanto no que tange à aplicação, através da *web*, de questionários para o julgamento de similaridade semântica entre paráfrases por parte de falantes nativos do Português do Brasil. Apresenta ainda, o tratamento estatístico dos dados coletados.

1.1 Corpora Utilizados

A análise levada a cabo neste trabalho cobre um intervalo de tempo que vai do século XIII ao XVII, para o Português Europeu, e do XVIII ao XXI, para o Português do Brasil, sendo considerados na análise tanto textos escritos quanto dados de fala. Quando possível, recorre-se ainda a dados de uso da Língua Latina, conforme apresentados pelos dicionários e gramáticas da variedade Clássica desse idioma.

Os dados escritos foram utilizados no intuito de se determinar o caminho percorrido pelas construções em *para (SN) infinitivo* ao longo da história da Língua Portuguesa. As frequências de ocorrência de cada uma das construções identificadas acima foram estimadas por século, sendo que, para cada século, foi delimitado um *corpus* por cerca de 150.000. Já os dados de fala – todos coletados na primeira década do século XXI – cumprem o papel de delinear a situação atual de uso dessas construções.

As análises apresentadas nesta tese não se definem absolutamente como quantitativas ou qualitativas por duas razões. A primeira, bastante prática, se relaciona ao fato, comum para aqueles que empreendem análises diacrônicas, de que nem sempre é possível encontrar um número de ocorrências de determinada construção que seja suficiente para sustentar estatisticamente uma análise. A segunda, mais ligada aos pressupostos subjacentes a qualquer análise linguística fundada em dados, foi sintetizada por Schiffrin (1987, p. 66), ao afirmar que os

termos *quantitativa* e *qualitativa* “representam uma dicotomia de alguma forma artificial”^{6,7}.

Schiffrin (1987, p. 66-67) explica que toda análise quantitativa envolve algum tipo de análise qualitativa, antes e depois da contagem, uma vez que é necessário tanto descrever previamente as categorias nas quais serão enquadrados os dados, quanto elaborar generalizações analíticas a partir das tendências que os números revelam. Ainda, a autora afirma que ambos os tipos de análise se fiam à ideia de que “mais é melhor”, no sentido de que as análises qualitativas acreditam que um número elevado de ocorrências de dado padrão leva a crer que a análise de sua estrutura está correta; enquanto, por sua vez, as análises quantitativas dependem de frequências elevadas para os testes de significância estatística.

Argumenta-se no texto de Schiffrin que os dois tipos de análise são complementares, mesmo que, em sentido mais geral, estejam associados a abordagens distintas da pesquisa linguística. A autora reconhece que as análises qualitativas têm como foco principal as particularidades de cada estrutura linguística, sendo, portanto, mais subjetivas. Por outro lado, as análises quantitativas buscam a identificação de generalidades estatisticamente relevantes. Ainda assim, quando se trata de analisar a língua em uso, é importante estar atento a ambos os focos. Schiffrin afirma, portanto, que é importante que o analista leve em conta tanto as generalidades observáveis muito frequentemente, tomando essa frequência como indicativo de uma preferência geral dos falantes, quanto as particularidades de cada ocorrência, mesmo que única, de um dado padrão, uma vez que uma boa descrição de suas particularidades pode servir para novas ocorrências ainda a serem encontradas em outros dados.

É nessa perspectiva que se baseiam as análises a serem desenvolvidas nesta tese.

1.1.1 *Corpora Escritos*

Para empreender as análises, foram utilizados textos escritos em prosa pertencentes a diversos gêneros textuais: códigos jurídicos, textos notariais,

⁶ Todas as traduções das obras em língua estrangeira citadas neste trabalho, salvo menção em contrário, são de responsabilidade do autor. Cada uma das citações traduzidas será acompanhada de sua versão original, reproduzida em nota de rodapé.

⁷ ... represent a somewhat artificial dichotomy.

crônicas, biografias, cartas oficiais e pessoais, bem como textos jornalísticos constituem a maioria dos textos pesquisados. Sempre que a disponibilidade de *corpora* permitiu, foram selecionados textos de gêneros diversificados, tentando-se manter certa representatividade de cada gênero nos dados coletados em cada século também no que tange a esse quesito.

Tais textos cobrem um intervalo de tempo que vai do século XIII ao XVII, para o Português Europeu (PE), e do XVIII ao XIX para o Português do Brasil (PB). As fontes de pesquisa de dados passam a ser os textos produzidos no Brasil a partir do século XVIII por dois motivos: (a) trata-se do século que marca a oficialização do Português como língua da então colônia, através do diretório do Marquês de Pombal de 1758, o qual proíbe o uso da Língua Geral e obriga o ensino do Português (cf. ILARI & BASSO, 2006, dentre outras fontes), e (b) o PB é o foco do estudo desenvolvido nesta tese, sendo que a pesquisa de dados do PE cumpre apenas a função de se obter um panorama do comportamento das construções em *para (SN) infinitivo* desde as origens da língua até seus usos genuinamente brasileiros.

Ainda, no intuito de se facilitar a referência aos dados, utilizam-se neste texto os rótulos Português Medieval (PM), relativo ao período compreendido entre os séculos XIII e XV, e Português Clássico (PC), séculos XVI e XVII. Não há qualquer comprometimento dessa nomenclatura com uma proposta de periodização da Língua Portuguesa, sendo que ela se fundamenta exclusivamente na terminologia comumente utilizada para se referir aos períodos da Literatura Portuguesa e não em traços gramaticais capazes de servir como demarcadores de estágios de mudança do idioma. Essa postura foi adotada uma vez que nenhuma das construções estudadas parece ter sua trajetória de mudanças vinculada a algum dos períodos comumente propostos de maneira direta e específica.

Foram desprezados os textos referentes ao século XII uma vez que não foram encontradas ocorrências da construção em estudo nos mesmos.

1.1.1.1 O Português Europeu Medieval e Clássico

Os dados relativos ao PM foram retirados dos *corpora* do projeto *Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM)*⁸. Como o projeto disponibiliza muitos

⁸ Disponível em: <http://cipm.fcsh.unl.pt>

textos e como este trabalho delimita um número constante de palavras por século, foi feita uma seleção prévia dos textos nos quais foram levantadas as ocorrências que seriam consideradas na análise.

Já os dados relativos ao Português Clássico foram levantados através do projeto *Corpus do Português* (CP)⁹, organizado por Davies e Ferreira e constituído por um total de 45 milhões de palavras distribuídas em textos dos séculos XIII a XX.

Uma lista completa de todos os textos pesquisados para o Português Europeu – Medieval e Clássico – encontra-se no Quadro 1, o qual apresenta o nome do texto, acompanhado de sua datação, a sigla utilizada para identificação das ocorrências nos exemplos e o número de palavras que compõem os textos.

PORTUGUÊS MEDIEVAL		
Século XIII		
Texto	Sigla¹⁰	Palavras
Notícia de Torto (1214)	NT	775
Testamento de D. Afonso II (1214)	TT	1.413
Textos notariais in Docs. Notariais dos Séculos XII a XVI (s/d,1243-1300)	DN	13.043
Textos notariais in Apêndice Documental de Clíticos na História do Português (s/d,1260-1300)	CHP	26.049
Chancelaria de D. Afonso III (1255)	CA	17.629
Textos notariais in História do Galego-Português (1262-1300)	HGP	21.115
Textos notariais do Arquivo de Textos do Português Antigo (Oxford) (s/d)	TOX	8.583
Foros de Garvão (1267-1280)	FG	6.536
Tempos dos Preitos (1280)	TP	1.588
Foro Real (1280)	FR	49.721
Dos Costumes de Santarém (1294)	CS	5.450
Subtotal		151.902
Século XIV		
Textos notariais in Apêndice Documental de Clíticos na História do Português (1304-1397)	CHP	48.432
Mosteiro de Santa Maria da Vitória (1300)	SMV	1.102
Foros de Garvão (1300-1400)	FG	684
Dos Costumes de Santarém (1331-1360)	CS	31.088
Crônica Geral de Espanha Ms.P (1344)	CGE	13.945

⁹ Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/>

¹⁰ Ao longo do trabalho, os exemplos serão identificados de acordo com as siglas entre parênteses as quais foram mantidas conforme se apresentam nas bases de dados pesquisadas, acompanhadas da informação sobre o projeto a que pertence o texto bem como o século em que foi produzido. Tal procedimento foi adotado com a finalidade de tornar mais fácil para o leitor uma eventual busca da ocorrência no texto original.

Posturas do Conselho de Lisboa (1360)	PCL	7.053
Barlaam e Josephat (1300-1400)	BJ	22.192
Chartularium Universitatis Portugalensis vol. 1 (1300)	CUP	28.342
Subtotal		152.838
Século XV		
Textos notariais in Apêndice Documental de Clíticos na História do Português (1402-1499)	CHP	43.199
Castelo Perigoso (1400-1500)	CP	28.421
Boosco Deleitoso (1400-1451)	BD	40.724
Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela (1437/1438)	LEBC	38.784
Subtotal		151.124
PORTUGUÊS CLÁSSICO		
Século XVI		
Textos notariais in Apêndice Documental de Clíticos na História do Português (1504-1548)	CHP	30.696
Chronica dos Reis de Bisnaga (1500-1600)	CRB	43.839
Forais manuelinos (1496-1520)	FM	63.165
História de um fidalgo quinhentista português (s/d)	FQP	15.069
Subtotal		152.769
Século XVII		
Anais de D. João III (1631)	ADJ	37.483
Crónica da Companhia de Jesus (1650)	CJ	38.913
Monarchia Lusitana (1619)	ML	50.372
Relação de tudo o que passou na felice aclamação do mui alto e mui poderoso Rei Dom João o IV, nosso senhor (1638)	RDJ	8.034
Mosteiro de Guadalupe e Portugal (s/d)	MGP	9.938
História de S. Domingos (1632)	HSD	5.363
Subtotal		150.103
TOTAL GERAL		758.165

Quadro 1: Textos do Português Europeu – Medieval e Clássico – pesquisados através dos sítios do CIPM e do CP, acompanhados do número aproximado de palavras que os compõem.

1.1.1.2 O Português do Brasil

Os dados de escrita relativos ao Português do Brasil advêm de *corpora* de diversos projetos, os quais são apresentados no Quadro 2. Tal quadro traz a denominação do pesquisado, acompanhado do nome ou sigla do *corpus* ao qual pertence. Na segunda coluna aparece a sigla através da qual o texto é identificado ao longo do trabalho, enquanto a terceira traz o número de palavras de cada conjunto de textos.

Há uma pequena defasagem no número de palavras para o século XVIII devido ao fato de que a maioria dos textos do Português do Brasil disponibilizados para este século tem um caráter mais literário, sendo que este conjunto de gêneros

textuais, apesar de ter sido recrutado em alguns casos, conforme se verá adiante, não foi considerado para as análises quantitativas inicialmente propostas.

PORTUGUÊS DO BRASIL		
Século XVIII		
Texto	Sigla	Palavras
Cartas do Corpus Internacional da Língua Portuguesa	CILP	27.316
Cartas Oficiais – PHPB/RJ	CO	2.523
Cartas Comerciais – PHPB/RJ	CC	6.221
Documentos Oficiais – PHPB/RJ	DO	8.328
Cartas Pessoais – PHPB/RJ	CP	4.456
Documentos Particulares – PHPB/RJ	DP	6.577
Cartas de Alexandre de Gusmão – CP	CAG	28.660
Nobiliarquia paulistana histórica e genealógica – CP	NPHG	26.173
Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco – CP	DBGP	37.090
Subtotal		147.344
Século XIX		
Cartas de Leitores e Redatores da Bahia	CLRBA	43.129
Cartas de Leitores e Redatores de Minas Gerais	CLRMG	19.639
Cartas de Leitores e Redatores do Paraná	CLRPR	17.190
Cartas de Leitores e Redatores de Pernambuco	CLRPE	37.942
Cartas de Leitores e Redatores do Rio de Janeiro	CLRRJ	14.983
Cartas de Leitores e Redatores de São Paulo	CLRSP	17.709
Subtotal		150.592
TOTAL GERAL		297.798

Quadro 2: Textos do Português do Brasil pesquisados através dos sítios do Museu da Língua Portuguesa¹¹, do *Projeto Para Uma História do Português do Brasil do Rio de Janeiro* (PHPB/RJ)¹² e do CP, bem como retirados de Barbosa e Lopes (2002), acompanhados do número aproximado de palavras que os compõem.

1.1.2 *Corpora Falados*¹³

Uma parte dos dados de fala do século XXI é oriunda do projeto *O português falado na região de Juiz de Fora e arredores – constituição de um banco de dados “anotado”* (PFJF), coordenado pela professora Dra. Nilza Barrozo Dias (UFJF/FAPEMIG) e composto por um conjunto de seis gravações de reuniões familiares informais. O tipo textual predominante é o da narrativa de história pessoal, os famosos “causos”, tão típicos da região da Zona da Mata Mineira.

¹¹ Disponível em: <http://www.estacaodaluz.org>

¹² Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/phpb-rj>

¹³ Todos os dados de fala utilizados nesta tese são provenientes de *corpora* de projetos cujos objetivos ao menos tangenciam a descrição da fala mineira. Mesmo reconhecendo-se este fato, não se pretende neste trabalho propor uma análise das construções em para (SN) infinitivo específica para a fala mineira.

Os dados pertencentes a esse projeto são identificados pela sigla PFJF, seguida de três letras que indicam a cidade de gravação (PON para Ponte Nova, TOC para Tocantins, TOM para Tombos e JUF para Juiz de Fora) e de um número que indica em qual das gravações realizadas em determinada cidade o uso foi identificado.

Outra parte pertence ao *corpus* de audiências do *PROCON de Juiz de Fora – MG* (PROCON-JF)¹⁴, cujos dados foram levantados, transcritos, refinados e organizados sob a coordenação dos professores doutores Nilza Barrozo Dias, Paulo Cortes Gago e Sônia Bittencourt Silveira, da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Os dados encontrados nos *corpora* desse projeto recebem a etiqueta PROCON-JF, seguida de uma sigla de três letras que indica o nome dado pelas organizadoras a cada uma das dez audiências utilizadas.

Por fim, o último conjunto de dados foi pesquisado em oito entrevistas do *corpus Conceição de Ibitipoca*¹⁵, levantado, transcrito e organizado sob a coordenação da Dra. Terezinha Cristina Campos de Resende para sua tese de doutoramento junto à Universidade Federal do Rio de Janeiro. As entrevistas versam sobre temas que contemplam as tradições da Vila de Conceição de Ibitipoca, bem como o turismo e as histórias pessoais.

Os dados pertencentes a esse *corpus* são identificados pela etiqueta IBITI, seguida de uma sigla de três letras que se refere ao sujeito entrevistado.

Ao todo, as transcrições dos *corpora* de língua falada totalizam 185.298 palavras, distribuídas conforme o que consta no Quadro 3.

Século XXI		
Projeto O Português Falado na Região de Juiz de Fora e Arredores	PFJF	83.173
Projeto PROCON – Juiz de Fora	PROCON-JF	33.034
Projeto Conceição de Ibitipoca	IBITI	69.091
TOTAL GERAL		185.298

Quadro 3: *Corpora* do Português do Brasil do século XXI, acompanhados do número aproximado de palavras que os compõem.

¹⁴ Os dados que compõem o corpus utilizado neste artigo foram levantados, transcritos, refinados e organizados sob a coordenação dos professores doutoras Nilza Barroso Dias, Paulo Cortes Gago e Sônia Bittencourt Silveira, os quais gentilmente disponibilizaram os mesmos.

¹⁵ A Dra. Terezinha Cristina Campos de Resende disponibilizou gentilmente seu *corpus* para a realização deste trabalho.

1.2 Mecanismos de Busca Utilizados

As estratégias de coleta dos dados adotadas foram condicionadas tanto pelo século pesquisado quanto pela variedade do Português estudada. Deparou-se, ao longo do levantamento dos textos que compõem cada *corpus*, tanto com projetos que disponibilizam seus textos integralmente na *web*, cabendo ao analista definir qual seria a metodologia de coleta dos dados, quanto com textos totalmente etiquetados, para os quais foi possível utilizar ferramentas de busca avançadas. Às vezes, para o *corpus* de um mesmo século, foi necessário usar ferramentas de coleta distintas, conforme se verá adiante.

Para o levantamento das ocorrências do esquema *para (SN) infinitivo* no PM do século XIII, todos os textos foram lidos integralmente, no intuito de se identificarem não apenas as ocorrências de *para (SN) infinitivo*, mas também de se perceberem quais seriam as outras construções empregadas para funções semelhantes. Os demais dados do PM, bem como aqueles relativos ao PC e alguns do PB do século XVIII foram levantados com o auxílio da ferramenta de busca do CP.

A ferramenta de busca disponibilizada no sítio do CP é capaz de pesquisar não só a base de dados levantada pelo próprio projeto, bem reduzida em comparação com as demais, mas também todas as demais bases de dados do Português disponíveis na rede. Assim, pouquíssimos são os dados de fato levantados pelo CP, sendo que os dados do Português Europeu levantados através desse projeto pertencem, em sua maioria ao CIPM.

Outra excelente ferramenta disponibilizada pelo CP é a etiquetagem dos dados de outros *corpora*, o que torna sua ferramenta de busca muito mais eficiente do que as dos sistemas de *text-matching* que caracterizam as ferramentas mais populares, como o *Google* ou mesmo aquelas disponibilizados pelos programas de edição de texto mais comuns no mercado.

Dessa forma, a ferramenta de busca desse corpus etiquetado permite que se defina um padrão sintático a ser buscado em um determinado intervalo de tempo. Permite ainda que se configure a busca de modo que ela cubra todas as variações ortográficas de um dado item – algo impossível em mecanismos baseados em *text-matching*. Essa característica da ferramenta foi de fundamental importância para uma busca eficiente pelas ocorrências do padrão sintático em estudo, uma vez que,

em especial até o século XV, há muitas variações ortográficas da preposição *para*, tais como *pera* e *pora*.

Dadas as possibilidades delineadas acima, configurou-se a ferramenta para que ela buscasse todas as variações ortográficas de *para* – o que é representado no sistema por *[para]*¹⁶ – seguidas por um verbo infinitivo – *[vinf]* –, permitindo-se a interposição de até oito palavras entre a preposição e o verbo, o que pareceu suficiente para abarcar a possibilidade de ocorrência de um SN ou de modificadores adverbiais entre os dois elementos buscados.

As ocorrências retornadas pelo mecanismo de busca que se encaixavam no padrão sintático *para (SN) infinitivo* foram analisadas e quantificadas.

Depois de realizada a busca descrita acima em todos os séculos, realizou-se nova busca, mais especificada, com o objetivo de se confirmar se algum dos padrões construcionais, identificados no PB atual e não encontrados no *corpus* delimitado para um dado século, de fato não ocorria naquele período. Por exemplo, para se verificar a ocorrência da Construção Modal com Dar em um dado século, no qual ela não tenha ocorrido, configurou-se a ferramenta de busca para levantar ocorrências do verbo *dar*, conjugado em qualquer tempo e modo – *[dar]* –, seguidas por qualquer variação ortográfica da preposição *para* – *[para]*. O mesmo foi feito para os demais padrões construcionais.

Nesse tipo de busca, foram considerados todos e quaisquer textos disponíveis para cada século, incluindo-se, nesse caso, os textos literários. As ocorrências encontradas por este método não foram consideradas nas análises quantitativas, mas foram levadas em conta no processo de datação das construções e na proposta de análise de seu percurso histórico.

Por fim, os textos do PB do século XVIII que não são acessíveis pelo CP, bem como todos os do século XIX, as transcrições das audiências do *PROCON de Juiz de Fora – MG*, das reuniões familiares gravadas pelos pesquisadores do projeto *O português falado na região de Juiz de Fora e arredores* e das entrevistas com os moradores de *Conceição do Ibitipoca – MG*, foram submetidos ao processo de busca padrão do programa *Microsoft Office Word*, versão 2007: utilizando-se a

¹⁶ O uso de colchetes no mecanismo de busca do CP faz com que o sistema considere na busca todas as possíveis variações de uma dada palavra ou todas as formas de uso de uma dada categoria gramatical.

ferramenta *Localizar*, buscaram-se ocorrências de *para*, *pra(s)*, *prá(s)*, *pera*, *pora*, *preu*, *pro(s)*, *procê(s)*, *prele(a)(s)* e *pru(s)*.

A Figura 1 esquematiza os processos de coleta de dados descritos nesta seção.



Figura 1: Esquema do processo de coleta de dados utilizado na tese.

1.3 Quantificação dos Dados Provenientes do Levantamento em *Corpora*

Após levantados, os dados foram analisados de acordo com os grupos de fatores definidos e submetidos à análise de porcentagem através do *software* GOLDVARB 2001, versão 1.0.2.13¹⁷. Os grupos de fatores definidos variaram de acordo com o propósito da análise e serão apresentados ao longo dos capítulos três e quatro.

Não foram consideradas as análises probabilísticas fornecidas por esse programa, uma vez que a análise empreendida não tem preocupação variacionista.

¹⁷ Desenvolvido por John Robinson para o Departamento de Línguas e Ciência Linguística da Universidade de York, a partir da versão GOLDVARB 2.0, de autoria de Sankoff e Rand.

1.4 Teste de Julgamento de Similaridade Semântica

A fim de fornecer evidência estatística para o papel das generalizações de superfície na formação da Rede Construcional em Para (SN) Infinitivo, foi conduzida uma *web survey* através do sítio da internet SurveyMonkey¹⁸, o qual disponibiliza ferramentas de criação de pesquisas virtuais, bem como de coleta de dados e emissão de relatórios a partir do material coletado.

A pesquisa (vide Apêndice) consistiu em um conjunto de 25 questões em que os participantes foram convidados a julgar se uma dada sentença funcionaria como uma boa paráfrase de outra, tomada como referência para a questão. Dessa forma, cada questão trazia uma sentença de referência acompanhada de um conjunto de 3 a 5 outras sentenças que deveriam ser pontuadas, em uma escala de 1 a 7, em relação à sua similaridade semântica com a sentença inicial. Na escala, a nota 1 era equivalente a dizer que a sentença em análise era uma PÉSSIMA ALTERNATIVA à sentença de referência, enquanto a nota 7 indicava ser a paráfrase uma ÓTIMA ALTERNATIVA.

As paráfrases foram selecionadas visando-se a verificar a hipótese de que as construções que compartilham o esquema *para (SN) infinitivo* mantêm, motivadas pela alta frequência da construção adjuntiva de finalidade, a possibilidade de se combinarem com a Construção de Anteposição Adjuntiva, mesmo naqueles contextos construcionais em que o esquema em estudo ocupa a posição de complemento de outra construção ou em que se encontra incorporado a uma estrutura modal ou aspectual. Em outras palavras, os testes visaram a verificar se a anteposição do esquema *para (SN) infinitivo* ao contexto construcional ao qual se combina é mais tolerada pelo falante do que a inversão das outras estruturas que são consideradas como paráfrases desse esquema.

Logo, como pode ser visto, por exemplo, na segunda questão da Seção 1 do questionário constante no Apêndice I, as questões traziam alternativas em que a sentença de referência – *Você é cara-de-pau **pra falar** que eu estou mentindo* – era substituída por: (a) uma sentença construída com uma paráfrase estruturalmente diferente do esquema, colocada na mesma posição – *Você é cara-de-pau **de falar** que eu estou mentindo* –; (b) uma sentença com anteposição do esquema *para (SN)*

¹⁸ <http://www.surveymonkey.com>

infinitivo – ***Pra falar que eu estou mentindo você é cara-de-pau*** –; (c) uma sentença com anteposição do esquema concorrente – ***De falar que eu estou mentindo você é cara-de-pau*** – e (d) uma sentença em que o verbo infinitivo era substituído por outro.

Dentre as 25 questões propostas, apenas 15 enfocavam as construções em *para (SN) infinitivo*, tendo as outras dez a função de controlar o efeito de *priming*¹⁹ construcional sobre o sujeito da pesquisa. Tal controle consiste em apresentar, ao sujeito que responde os testes, situações de uso em que o emprego das estruturas alternativas ao esquema em foco seja considerado comum pelo falante. Assim, evita-se que o sujeito passe a julgar “normais” apenas as estruturas em foco, uma vez que elas seriam apresentadas com mais frequência.

Outra estratégia empregada nos testes foi a apresentação aleatória das alternativas para cada questão. Dessa forma, evita-se que o sujeito que responde o questionário crie um padrão de escalonamento das alternativas com base na percepção do fato de que o mesmo tipo de alteração na estrutura da sentença de referência sempre aparece na mesma ordem entre as sentenças alternativas.

A pesquisa foi respondida por 30 falantes, todos eles cursando o Ensino Superior ou tendo concluído essa etapa da formação universitária. Para a análise dos dados foram utilizadas as estatísticas descritiva (média e desvio padrão) e inferencial. O Teste de Shapiro Wilk foi utilizado na verificação da normalidade de cada paráfrase, adotando-se nível de significância $p < 0,05$. Nenhuma das sentenças, dentre todas as alternativas que compõem todas as questões, apresentaram distribuição normal. Logo, a análise de variância (ANOVA) foi empregada com os testes não-paramétrico de Kruskal-Wallis e post-hoc de Newman-Keuls para verificar se havia ou não diferenças estatisticamente significativas entre os escores atribuídos pelos falantes a cada sentença.

¹⁹ O efeito de *priming* construcional se refere ao fato de que, quando exposto a determinado padrão de uso de uma dada construção, o falante tende a considerar tal padrão mais “normal” da próxima vez em que se deparar com ele. Assim, para evitar que o informante do teste fosse levado a julgar as sentenças contendo a estrutura *para (SN) infinitivo* como boas por ter sido exposto mais frequentemente a elas ao dar suas respostas, o teste forneceu ao falante a mesma quantidade de exposição à estrutura das paráfrases a serem investigadas comparativamente à estrutura das construções estudadas nesta tese.

2 ABORDAGENS CENTRADAS NO USO

As abordagens²⁰ centradas no uso têm ganhado força no contexto atual da pesquisa em Linguística. Essa afirmação pode ser confirmada pelo fato de que os pesquisadores passam a recorrer cada vez mais às análises de dados, sejam elas sincrônicas ou diacrônicas, para a validação de suas hipóteses de trabalho; consideram a influência de fatores extralinguísticos sobre a produção de falantes reais; ou, ainda, invertem o olhar sobre os fenômenos em estudo, passando a considerar as estruturas linguísticas como consequências do uso e não definidoras dele.

O termo “usage-based model” foi cunhado por Langacker no livro *Foundations of Cognitive Grammar* (1987). Segundo o linguista, em modelos ou abordagens centrados no uso,

Importância substancial é dada ao uso real do sistema linguístico e ao conhecimento de um dado falante sobre esse uso; a gramática é tida como a responsável pelo conhecimento de um falante acerca de toda a gama de convenções linguísticas, independentemente do fato de tais convenções poderem ou não ser abarcadas por postulados mais amplos. Trata-se de uma abordagem não-reducionista para a estrutura linguística que emprega redes esquemáticas totalmente articuladas e enfatiza a importância de esquemas de generalização menos abstratos. (LANGACKER, 1987, p.494)²¹

Salta aos olhos, na proposta de Langacker, uma forte contraposição teórico-metodológica das abordagens centradas no uso em relação àquela que dominou em larga medida os estudos da segunda metade do século XX, qual seja a gerativista. Em texto posterior, intitulado “A Dynamic Usage-Based Model” (LANGACKER, 2000), o autor afirma que sua proposta foi direcionada no sentido de contrapor ao espírito minimalista, reducionista e dedutivo da Linguística Gerativa (cf. CHOMSKY, 1965; 1995), a abordagem maximalista, não-reducionista e indutiva da Gramática Cognitiva.

²⁰ Optou-se pela utilização do termo abordagens, no lugar de teorias, já que alguns dos pressupostos teóricos a serem elencados neste trabalho não se auto-intitulam teorias, tais como a Hipótese das Generalizações de Superfície (GOLDBERG, 2006).

²¹ Substantial importance is given to the actual use of the linguistic system and a speaker’s knowledge of this use; the grammar is held responsible for a speaker’s knowledge of the full range of linguistic conventions, regardless of whether these conventions can be subsumed under more general statements. It is a nonreductive approach to linguistic structure that employs fully articulated schematic networks and emphasizes the importance of low-level schemas.

Dessa forma, ao invés de se postular uma gramática mínima e um conjunto de habilidades inatas altamente especializadas para dar conta de um processo de aprendizagem realizado a partir de estímulos também mínimos, a Gramática Cognitiva parte do pressuposto de que os falantes aprendem uma enorme quantidade de informações sobre sua língua, sendo que tal aprendizado se baseia em capacidades cognitivas compartilhadas por outras habilidades que não a linguística.

Ainda, a proposta de um modelo baseado no uso definida por Langacker denuncia a falácia da oposição entre regras e listas, tão cara ao gerativismo, segundo a qual não se aprende uma língua internalizando listas de palavras ou expressões, mas sim formulando e aplicando regras mais gerais de combinação desses itens. O autor aponta para o fato de que as abordagens baseadas no uso defendem que o aprendizado por regras e aquele processado item a item sejam complementares e não opostos. Um modelo baseado no uso, portanto, nega o princípio dedutivo fundamental da gramática mínima enquanto

reconhece que os padrões linguísticos ocupam todo o espectro que vai do totalmente idiossincrático ao absolutamente genérico. Em um tratamento completo da estrutura da língua, regras completamente genéricas aparecem como sendo mais atípicas do que paradigmáticas. Uma outra faceta da orientação indutiva da Gramática Cognitiva é a afirmação de que as regras só podem emergir como esquematizações de expressões que ocorrem de fato. Não importa quão longe a abstração criada vá, os esquemas emergentes nascem do solo do uso real. Finalmente, há razões para crer que esquemas mais locais, que expressam regularidades de menor escopo, podem ser mais essenciais à estrutura linguística do que esquemas mais abrangentes, que representam generalizações mais amplas. (LANGACKER, 2002, p.3)²²

Define-se, então, como princípio fundador das abordagens centradas no uso, uma profunda relação entre a estrutura linguística e os usos que são feitos de determinada língua. Tomasello explicita tal relação, ao afirmar que a abordagem para o estudo da linguagem centrada no uso

é representada pelo grupo de teorias mais comumente chamado de *linguística cognitivo-funcional*, mas também conhecido como *linguística baseada no uso*, o que enfatiza sua máxima do processamento central que afirma que **as estruturas da língua emergem dos usos da língua**. (...) As teorias baseadas no uso

²² recognizes that linguistic patterns occupy the entire spectrum ranging from the wholly idiosyncratic to the maximally general. In a complete account of language structure, fully general rules stand out as being atypical rather than paradigmatic. Another facet of Cognitive Grammar's bottom-up orientation is the claim that "rules" can only arise as schematizations of overtly occurring expressions. However far this abstraction may proceed, the schemas that emerge spring from the soil of actual usage. Finally, there is reason to believe that lower-level schemas, expressing regularities of only limited scope, may on balance be more essential to language structure than high-level schemas representing the broadest generalizations.

defendem que a essência da linguagem é a sua dimensão simbólica, enquanto a gramática é derivada desta. A habilidade de nos comunicarmos com outros indivíduos da espécie é uma adaptação biológica específica da espécie. Porém, em contraste com a gramática gerativa e com as outras abordagens formalistas, nas abordagens baseadas no uso, **a dimensão gramatical da língua é um produto de um conjunto de processos históricos e ontogenéticos** chamados, coletivamente, de gramaticalização. (Grifo nosso) (TOMASELLO, 2003, p.5)²³

Observam-se já de início, grifados no fragmento acima, dois trechos que explicitam bem a relação entre uso e estrutura linguística. O primeiro aponta para o caráter emergente das estruturas, as quais deixam de ser consideradas como dadas ou largamente estáveis e passam a ser encaradas como um produto de usos recorrentes e eficazes de grupos de falantes. O segundo é uma espécie de consequência lógica do primeiro e afirma a influência das construções históricas de uma dada comunidade, bem como das capacidades cognitivas desenvolvidas ao longo da infância dos falantes, na constituição da gramática de sua língua.

Assim, nas abordagens centradas no uso, as estruturas da língua deixam de ser consideradas como a força motivadora absoluta dos usos dos falantes. Não se trata de negar a existência de estruturas relativamente estáveis e duradouras na língua e nem mesmo de afirmar que, durante o aprendizado de uma língua, nenhum tipo de estrutura pré-existente seja reconhecido pelo falante. O que se afirma é que tais estruturas relativamente estáveis e reconhecíveis em determinado estágio da aquisição são derivadas de situações eficazes de uso linguístico, ocorridas, com grande frequência, ao longo da história de uma comunidade de fala.

Nesse sentido, Tomasello afirma, referindo-se aos estudos de Givón, que

No nível das construções, (...) frases inteiras assumem uma nova forma de organização, ou seja, sequências soltas de discurso se transformam em construções sintáticas organizadas de forma mais rígida. Novamente, a caracterização de Givón é pertinente: **a sintaxe de hoje é o discurso de ontem**. (grifo nosso) (TOMASELLO, 2003, p.14)²⁴

Apesar de ser nítido que essas abordagens se encontram em uma perspectiva diametralmente oposta à da Linguística Gerativa, fato este decorrente da

²³ ...is represented by a group of theories most often called cognitive-functional linguistics but sometimes also called usage-based linguistics to emphasize their central processing tenet that language structure emerges from language use. (...) Usage-based theories hold that the essence of language is its symbolic dimension, with grammar being derivative. The ability to communicate with conspecifics symbolically (conventionally, intersubjectively) is a species-specific biological adaptation. But, in contrast to generative grammar and other formal approaches, in usage-based approaches the grammatical dimension of language is a product of a set of historical and ontogenetic processes referred to collectively as grammaticalization.

²⁴ On the level of constructions, (...) whole phrases take on a new kind of organization; that is, loose discourse sequences become more tightly organized syntactic constructions. Again Givón's characterization is apt: today's syntax is yesterday's discourse.

adoção da hipótese de que estruturas emergem dos usos, faz-se necessário apresentar com maior profundidade as consequências teórico-metodológicas dessa inversão de uma perspectiva dedutiva de aquisição da linguagem para uma que seja abdução.

Barlow & Kemmer (2000) detalham um pouco mais a definição das abordagens centradas no uso, elencando oito propriedades fundamentais presentes, com maior ou menor ênfase, na maioria dos estudos que se propõe adotar tal olhar sobre os fenômenos da linguagem.

Todas essas propriedades derivam do princípio fundamental das abordagens centradas no uso exposto acima, sendo a primeira delas “a importância da frequência” (BARLOW & KEMMER, 2000, p.x). Segundo os autores, ao se tratar o sistema da língua como sendo derivado da experiência do falante, a frequência assume um papel duplamente importante: é, ao mesmo tempo, um resultado e uma força modeladora do sistema. É resultado porque demonstra a aplicação de uma regra previamente emergente que já está fixada no inconsciente coletivo dos falantes. Já sua categorização como força modeladora do sistema advém de dois papéis aparentemente contraditórios desempenhados pela alta taxa de repetição de determinado elemento linguístico: o de possibilitar mudanças no sistema e o de manter as propriedades das construções.

Bybee (2003, p.621) também ressalta a influência da frequência sobre os sistemas linguísticos ao afirmar que a alta frequência de uso pode provocar a reanálise de uma construção outrora decomponível em itens autônomos como um único elemento linguístico. Assim, a frequência atua na redução tanto da massa fonética das construções quanto de sua carga de significado, tornando-as mais gramaticais²⁵. Por outro lado, é também a repetição a responsável pela manutenção das propriedades morfossintáticas dos elementos linguísticos, em especial daqueles irregulares, atribuindo-lhes estabilidade e possibilitando seu armazenamento na mente dos falantes.

Tomasello (2003, p.15) corrobora as colocações de Bybee (2003), ao assinalar que

A frequência é crucial também porque, como se sabe, construções que ocorrem com frequência são geralmente irregulares. Tal irregularidade pode ser mantida porque itens e construções que são muito frequentes podem ser aprendidos e

²⁵ Mais adiante, trataremos detalhadamente do processo de gramaticalização, oportunidade em que retomaremos os conceitos de frequência e redução de forma e significado.

usados por si, como ilhas construcionais, enquanto itens e construções que são menos frequentes tendem a ser regularizados por crianças em busca de padrões.²⁶

A segunda propriedade das abordagens centradas no uso guarda relação com a colocação das atividades de compreensão e produção no centro – e não na periferia – do sistema linguístico. De acordo com Barlow e Kemmer (2000), já que a formação e a operação do sistema da língua são construídas a partir do uso, não há razão para se postular qualquer diferença entre competência e performance: esta nada mais é do que uma parte daquela. Cai por terra a noção de erros de performance, trazidos à tona em algumas análises gerativistas como forma de justificar a “aparente transgressão” de princípios da gramática universal por parte de um falante qualquer.

A terceira propriedade decorre da segunda e reside na presunção de que, se o processamento e a produção desempenham papel central na estruturação do sistema linguístico, logo, eles devem ser fundamentais no processo de aprendizado que leva à aquisição de uma dada língua. Essa propriedade coloca as abordagens definidas aqui novamente em choque com aquelas de orientação gerativista, as quais partem dos princípios (a) de que há uma Gramática Universal detentora de toda a informação que serve de base à aquisição e (b) de que a importância do estímulo é marginal nesse processo. A contraposição entre as duas abordagens no que tange à aquisição da linguagem faz-se muito relevante devido ao fato de a questão da aquisição ter sido elevada à categoria de principal questão a ser resolvida pela linguística.

Nos tratamentos formalistas da aquisição, o estímulo tem papel secundário, funcionando apenas como uma espécie de pista para que a criança realize seleções paramétricas com base em sua gramática universal e inata. Nos tratamentos centrados no uso, será a partir da interação com outros falantes que a criança irá estruturar seu sistema linguístico, primeiramente através da memorização de palavras, passando à aquisição de construções específicas para determinadas situações de interação até a aquisição de construções abstratas, tais como padrões de transitividade (cf. TOMASELLO, 2003).

²⁶ Frequency is also crucial because, as is well known, constructions that occur frequently are often irregular. This irregularity can be maintained because items and constructions that are highly frequent can be learned and used on their own, as construction islands, whereas items and constructions that are less frequent tend to get regularized by pattern-seeking children.

Dispensa-se, portanto, a postulação de adaptações genéticas específicas para que se possa justificar teoricamente um processo de aquisição minimamente dependente do estímulo porque, nessas abordagens cognitivo-funcionais, parte-se do princípio de que “os processos de gramaticalização e sintaticização podem realmente criar estruturas gramaticais a partir de enunciados concretos – e a gramaticalização e a sintaticização são processos histórico-culturais e não biológicos” (TOMASELLO, 2003, p.13).

A quarta propriedade apresentada por Barlow & Kemmer (2000, p. xii) retoma o princípio fundamental das abordagens centradas no uso para afirmar que as representações linguísticas, por serem emergentes, não são armazenadas como entidades totalmente fixas. Os autores argumentam que a perspectiva cognitivista para os estudos da linguagem (a ser abordada mais adiante) assume que as unidades linguísticas são rotinas cognitivas, ou seja, são padrões recorrentes de ativação neural, e não informações armazenadas em um determinado ponto do cérebro. Logo, quando não estão em uso, as estruturas linguísticas nada mais são do que padrões de conectividade desenvolvidos a partir de experiências anteriores.

O emprego de dados reais para a construção das análises e teorias constitui a quinta propriedade dos modelos aqui discutidos. Dada a relação íntima entre sistema e uso, torna-se inadequado desenvolver qualquer análise nessa perspectiva a partir de exemplos construídos. Assim, é de fundamental importância que o linguista fundamente suas proposições em dados reais, coletados em situações de interação o mais próximo possível da realidade cotidiana, mesmo porque, apenas a partir de um conjunto de dados reais será possível ao analista avaliar o papel da frequência, apresentado na primeira propriedade, assim como a relação existente entre o uso, a variação sincrônica e a mudança diacrônica.

Essa relação constitui a sexta propriedade das abordagens centradas no uso e se verifica na medida em que variações na frequência de uso de determinado elemento linguístico podem mostrar desde as influências das diferentes experiências de cada falante sobre sua produção – denunciando as influências dos fatores sociais sobre a língua, assim como já demonstrado nos trabalhos de Sociolinguística Variacionista – até a motivação diacrônica para o emprego de determinado tipo verbal em determinada construção, por exemplo.

Barlow & Kemmer ressaltam que, nas abordagens de cunho mais cognitivista – tais como a deste trabalho – os processos de variação podem ser entendidos

como possibilidades alternativas licenciadas pelo sistema da língua. A imensa potencialidade desses processos estaria ligada ao fato de que o mapeamento entre uma dada forma linguística e sua contraparte conceptual não é simples e direto. Nesse sentido, segundo Fauconnier & Turner (2002), a variação linguística e as mudanças dela decorrentes se devem à não-especificação das redes de integração conceptual, ou seja, as formas linguísticas apenas deflagram os vários aspectos das integrações conceptuais por elas ativadas, surgindo, portanto, um espaço para variações que, ao longo dos anos, através do uso reiterado por parte dos falantes, podem produzir uma mudança linguística específica. Pode ser que uma acepção se convencionalize associada ao uso da forma em questão: em outras palavras, que se **idiomatize ou gramaticalize**, constituindo uma nova estrutura emergente.

A abordagem para a variação e a mudança linguísticas proposta por esses dois autores encontra eco na Teoria da Inferência Sugerida para a Mudança Semântica (TISMS), proposta por Traugott e Dasher (2005). Segundo essa teoria, os casos de mudança semântica regulares e, portanto, analisáveis de maneira mais generalizante, podem ser tratados de forma unificada como situações em que uma dada forma codificadora de um dado significado passaria a ser polissêmica, ou seja, passaria a codificar novos significados relacionados ao significado anterior – ou motivados pelo mesmo.

De acordo com a TISMS, a grande força motivadora da mudança semântica através da polissemia seria de ordem pragmática, o que significa dizer que, em linhas gerais, um processo de mudança desse tipo teria início quando um dado sujeito, envolvido em um evento de fala específico, com um contexto específico, inferisse um novo significado para uma dada forma, a partir de pistas fornecidas por seu interlocutor. Tal inferência, por ser bem-sucedida, passaria por um processo de generalização até que se criasse um novo pareamento de forma e sentido mais estável semanticamente. Nas palavras dos próprios autores,

historicamente, existe um caminho que vai dos significados codificados, passando pelos significados dos enunciados (inferências sugeridas) e pelos significados pragmaticamente polissêmicos (inferências sugeridas genéricas) até chegar a novos significados (codificados) semanticamente polissêmicos. (TRAUGOTT & DASHER, 2002, p.35)²⁷

²⁷ ...historically, there is a path from coded meanings (Ms) to utterance-token meanings (IINs) to utterance-type, pragmatically polysemous meanings (GIINs) to new semantically polysemous (coded) meanings.

Em meio a esse processo, entre os estágios de inferência sugerida e inferência sugerida genérica, o novo significado codificado pela forma estaria sujeito a pressões dos falantes e ouvintes no sentido de atribuir àquela inferência contextualmente situada um valor social mais relevante. Estas mesmas pressões agiriam ainda quando da transformação da inferência sugerida genérica em um novo significado codificado.

Diferentemente do proposto por Fauconnier e Turner (2002) – ou mesmo por Sweetser (1990) –, Traugott e Dasher consideram também outros processos, que não as projeções metafóricas, como operadores da mudança semântica, quais sejam, a metonimização e suas variedades mais específicas: a subjetificação e a intersubjetificação, sendo aquele um processo semasiológico através do qual o falante desenvolve significados para um lexema que externam suas perspectivas e atitudes, inseridas em um dado evento de fala, enquanto este promove um tipo de mudança que resulta no desenvolvimento de significados que revelam explicitamente um design baseado no recipiente, um *design* de enunciados para uma audiência específica no nível do discurso (TRAUGOTT & DASHER, 2002, p.30-31).

A sétima e a oitava propriedades dos modelos centrados no uso apontam para a necessidade de se considerarem elementos paralinguísticos no tratamento da linguagem. Barlow & Kemmer chamam a atenção para a interconectividade existente nos diversos sistemas cognitivos, dentre eles o linguístico, bem como para a influência crucial do contexto sobre a produção na operação do sistema linguístico.

Retomam, assim, trabalhos de tradição cognitivista focados na natureza enciclopédica do conhecimento linguístico, nas influências das experiências corporais e sensoriais sobre a organização da linguagem, bem como no caráter contínuo dos diversos tipos de processamento mental (cf. LAKOFF, 1987; LAKOFF & JOHNSON, 1980; 1999).

Já no que tange ao contexto, os autores ressaltam que as formas linguísticas não carregam o significado (cf. FAUCONNIER, 1997; FAUCONNIER & TURNER, 2002; SALOMÃO, 1997; 1999), sendo subespecificadas e altamente dependentes da situação de produção para que possam cumprir seu papel de auxiliar o interlocutor no processo de construção do sentido.

Brevemente definidas cada uma das propriedades das abordagens centradas no uso, passar-se-á agora à discussão mais aprofundada de algumas dessas

abordagens. Neste trabalho, maior ênfase será dada às propriedades concernentes à frequência, à variação e à mudança, à dependência contextual das formas linguísticas e, por óbvio, ao caráter emergente das estruturas linguísticas. As questões relativas à aquisição e à interface do sistema linguístico com outros sistemas cognitivos serão exploradas em trabalhos futuros.

2.1 A Gramaticalização

À primeira página do clássico *Grammaticalization*, de Hopper e Traugott (2003 [1993]), encontra-se aquela que é, provavelmente, a definição mais retomada para o termo gramaticalização:

...a gramaticalização se refere à parte do estudo da mudança lingüística preocupada com questões sobre como os itens lexicais e construções passam, em certos contextos lingüísticos, a desempenhar funções gramaticais e como os itens gramaticais desenvolvem novas funções gramaticais. (HOPPER & TRAUGOTT, 2003 [1993], p.1)²⁸

Tal definição aponta para o estudo de um fenômeno bem delineado, que ocorre quando uma dada forma lexical ou construção adquire um significado gramatical, ou quando uma forma gramatical passa a indicar novos significados gramaticais. Porém, por mais claro que esse conceito possa parecer, ele envolve uma série de desdobramentos, os quais serão apresentados a seguir.

Gonçalves et al. (2007, p.16) atestam que o termo em causa pode se referir tanto a um paradigma quanto a um processo. Quando é definida como paradigma, a gramaticalização apresenta-se como uma perspectiva para o estudo da maneira pela qual construções gramaticais surgem e são utilizadas na língua. As colocações de Tomasello (2003) acerca do caráter emergente das estruturas lingüísticas ampliam essa perspectiva, expandindo-a a qualquer fixação de padrões de uso na língua.

Quando é vista como processo, a gramaticalização refere-se apenas à identificação e análise de itens que se tornam mais gramaticais. Seu estudo apenas como processo não requer, necessariamente, a adoção da ideia de emergência das estruturas linguísticas tão cara às abordagens centradas no uso, incluindo-se dentre elas a desenvolvida neste trabalho.

²⁸ ... "grammaticalization refers to that part of the study of language change that is concerned with such questions as how lexical items and constructions come in certain linguistic contexts so serve grammatical functions or how grammatical items develop new grammatical functions.

A gramaticalização pode, ainda segundo os mesmos autores, ser observada de um ponto-de-vista sincrônico, em trabalhos que visam a analisar os diferentes graus de gramaticalização de determinada construção em um dado momento da língua; ou de um ponto-de-vista diacrônico, caso a análise esteja centrada em delinear o caminho percorrido pela construção ao longo do tempo até se apresentar como a forma gramaticalizada perceptível na sincronia em estudo.

Neste trabalho, quando o termo gramaticalização for usado, ele estará tanto evocando a um paradigma relacionado a uma concepção de gramática emergente, quanto se referindo a um processo específico, através do qual uma dada forma, outrora utilizada em referência a uma entidade qualquer no mundo extralinguístico conforme percebido pelo falante, passa a desempenhar funções gramaticais na língua, podendo se tornar cada vez mais gramatical. Na concepção adotada neste trabalho só é possível tratar esse fenômeno em uma perspectiva diacrônica, já que se acredita ser necessário conhecer os processos sócio-históricos adjacentes a ele, sob pena de se propor uma hipótese explicativa que, apesar de validada nos pressupostos teóricos da gramaticalização, só se verifique na intuição do analista e não nos dados reais.

2.1.1 Processos da Gramaticalização

Conforme afirma Heine (2003, p.579), há quatro processos interrelacionados que costumam estar envolvidos na gramaticalização: dessemantização, extensão, decategorização e erosão.

A dessemantização se refere à perda ou desbotamento do significado lexical das formas gramaticalizadas. Através desse processo, a forma passa a perder sua capacidade de sinalizar uma entidade específica no mundo extralinguístico percebido pelo falante. Entretanto, isso não significa que a forma perca totalmente sua carga de significado.

Sweetser (1988), em seu seminal artigo “Grammaticalization and Semantic Bleaching”, expõe, através de um estudo de caso da marcação de dativo nas línguas bódicas, que alguns tipos de estruturas inferenciais são preservados ao longo da dessemantização, ou desbotamento semântico, das formas gramaticalizadas. Tais estruturas são os esquemas imagéticos metaforicamente estruturados, ou seja, representações cognitivas de rotinas experienciadas cotidianamente pelos falantes.

Esses esquemas são as bases de categorias cognitivas constantemente recrutadas pela linguagem, tais como o esquema de movimento, de transferência, ou de dinâmica de forças.

Sweetser (1990) usa este último esquema imagético em seu tratamento dos modais em Inglês. Segundo a autora, modais como *must*, *may* e *might* não possuem dois sentidos distintos, um deôntico e um epistêmico, mas sim apresentam uma extensão de um significado mais básico, fundeado em um esquema semântico de dinâmica de forças²⁹ para os domínios deôntico e, posteriormente, epistêmico e até mesmo pragmático.

Em um primeiro momento, os verbos que serviram de fonte para os modais indicavam, a partir da conceptualização de um esquema de dinâmica de forças, a transposição de uma barreira potencial colocada entre uma dada origem e um dado destino. A partir deste esquema, surge o significado deôntico, ou raiz, do verbo modal, o qual se deve a um processo metafórico que enquadra um mundo sócio-físico de obrigações e possibilidades segundo um mundo físico de transposição de barreiras.

A partir desta noção deôntica, o esquema de significado dos modais continua a ser projetado metaforicamente para outros domínios, entre eles, o epistêmico. Neste, a noção de força que impele o sujeito a realizar uma dada ação passa a impeli-lo a acreditar em dada afirmação. Tal fato só se torna possível porque o domínio epistêmico é enquadrado, metaforicamente, como um domínio sócio-físico (SWEETSER, 1990, p.59).

A autora ainda argumenta (1990, p.74) que a crença nessa transposição de um esquema inicialmente físico para um domínio epistêmico só é possível se for levado em consideração que a capacidade cognitiva humana se baseia em realizar projeções entre domínios através de relações metafóricas³⁰. Caso se adote uma visão objetivista do estudo do significado, não faz sentido pensar que o esquema semântico que enquadra todos os diferentes usos dos verbos modais seja o mesmo, afinal, tratam-se impedimentos físicos, sociais e epistemológicos da mesma forma. Porém, dada a capacidade projetiva da cognição humana, entender que a noção de

²⁹ Conforme definido por Talmy (1981, 1988 apud SWEETSER, 1990, p. 50-53).

³⁰ A noção de projeção entre domínios será discutida de forma mais aprofundada mais adiante neste texto.

possibilidade epistêmica é a contraparte, no domínio do pensamento, da noção de permissão, no domínio do mundo real, é consequência natural e inevitável.

Conclui-se, portanto, que, na gramaticalização assim entendida, uma mesma forma linguística muda seu sentido historicamente para abarcar os diversos domínios cognitivos que se relacionam metaforicamente. Assim, há, ao mesmo tempo, no processo de gramaticalização, perda de sentido em relação à forma lexical raiz e adição de um novo sentido ao esquema imagético subjacente a qualquer forma linguística.

As mudanças de significado na gramaticalização se dão em direção a um domínio topológico de significado relativamente abstrato, logo, é admissível propor que os morfemas gramaticais possuam significado, ou que guardem alguma relação com os itens lexicais dos quais se originaram³¹: eles apenas apresentam um conteúdo semântico mais abstrato e, portanto, menos ancorado em referências a entidades do mundo percebido pelo falante.

Retornar-se-á a essa questão no capítulo 3, quando forem apresentadas as construções modais em *para (SN) infinitivo*.

O segundo processo associado à gramaticalização, segundo Heine (2003), é a extensão, que consiste na expansão dos contextos de possíveis usos da forma gramaticalizada. Uma vez que a gramaticalização atua no sentido de tornar o significado das formas menos ancorado na realidade percebida, ampliando-o com base em seu esquema imagético subjacente, elas passam a poder realizar combinações antes improváveis com outras estruturas linguísticas.

O caso do desenvolvimento do auxiliar de futuro com *go* em Inglês é sempre retomado para ilustrar esse processo. Hopper & Traugott (2003 [1993]) apresentam, como decorrência dos processos de analogia e reanálise³², a extensão do emprego da construção com *be going to* para contextos em que a mesma seria improvável, caso *go* mantivesse sua função de verbo pleno. A Figura 2 traz o esquema de desenvolvimento da auxiliação com *be going to* apresentado pelos autores.

³¹ Esse aspecto do significado das construções gramaticais será abordado novamente adiante, quando se mencionar o princípio da persistência.

³² Conforme Hopper & Traugott (2003 [1993], p.68), a reanálise pode ser definida como um mecanismo não observável diretamente que envolve reorganização linear, sintagmática e geralmente local, acompanhada de mudança de regras. Já a analogia é que torna visíveis as mudanças decorrentes da reanálise, uma vez que envolve reorganização paradigmática e a mudança nos padrões de uso de determinada forma.

Observe-se que, no Estágio I, o verbo *go* ainda mantém seu sentido de verbo pleno, indicando o movimento do sujeito, enquanto a cláusula introduzida por *to* indica a finalidade do movimento. Nessa configuração, seria improvável o emprego de *like* no lugar de *visit*, uma vez que seria difícil haver um contexto em que a finalidade do movimento fosse passar a gostar de alguém.

Entretanto, uma vez reanalisada, a construção com *be going to* passa a se comportar como auxiliar de futuridade, tomando *visit* como verbo principal do período simples. Por analogia, a construção auxiliar passa a ser empregada com outros verbos, como *like*, por exemplo, estendendo suas possibilidades de uso.

			Eixo sintagmático Mecanismo: reanálise
Estágio I	be PROG	going Vmovimento	[to visit Bill] [Or. Finalidade]
Estágio II (por reanálise)	[be going to] AUX TEMPO	visit Bill Vação	
Estágio III (por analogia)	[be going to] AUX TEMPO	like Bill V	
Estágio IV (por reanálise)	[gonna] like/visit Bill		
			Eixo paradigmático Mecanismo: analogia

Figura 2: Esquema do desenvolvimento da auxiliação com *be going to* (HOPPER & TRAUGOTT, 2003 [1993], p.69)

O esquema acima também nos ajuda a ilustrar outro dos quatro processos definidos por Heine (2003) para a gramaticalização: a decategorização. Esta inclui tanto a perda de características da categoria fonte como também a perda de independência morfológica, nos casos em que a forma se gramaticaliza como um afixo. Na construção com *be going to*, o verbo *go* sofre decategorização, deixando de se comportar como verbo pleno para integrar a construção auxiliar de futuridade.

Hopper & Thompson (1984, apud HOPPER, 1991) propõem, em seu Princípio de Categoricalidade, que as categorias de Nome e Verbo devam ser vistas como instanciações prototípicas das funções discursivas básicas de identificação de

participantes – especialmente os recém-introduzidos no discurso – e de narração de eventos. Isso posto, Hopper (1991, p.31) afirma que

a gramaticalização sempre implica a perda de categorialidade nominal/verbal. De fato, as categorias outras que não a dos nomes e a dos verbos quase sempre resultam de uma mudança a partir de uma dessas duas categorias primárias.³³

O último processo elencado por Heine (2003) diz respeito à redução fonética da forma em processo de gramaticalização. A erosão é definida por Hopper & Traugott (2003 [1993], p.157) como “a perda de segmentos fonológicos” que ocorre, ao longo do processo de fusão de formas, tipicamente nas fronteiras de palavras. Conforme Sweetser (1988), a erosão fonológica frequentemente envolvida na gramaticalização pode acelerar o processo de dissociação entre os usos lexicais e gramaticais de um morfema, contribuindo para sua fixação como elemento funcional.

Bybee (2003, p. 604), argumentando sobre os efeitos da ritualização³⁴, por via da repetição, sobre o processo de gramaticalização, afirma que a alta frequência de uso de determinada forma é fator condicionante de sua erosão fonológica. Tal fato pode ser exemplificado, conforme afirmam Gonçalves et al. (2007, p.36), através do processo de gramaticalização do SN *Vossa Mercê* no Português do Brasil como pronome pessoal de segunda pessoa, em que *Vossa Mercê* > *vosmicê* > *você* > *cê*, chegando mesmo a perder sua autonomia fonológica, ao ser remorfologizado pela prefixação da preposição *para* (*procê*), conforme será mostrado na análise das construções em *para* (SN) *infinitivo* do PB atual.

Como foi possível notar, os quatro processos descritos acima são profundamente inter-relacionados e acredita-se que eles operem ao longo do tempo sobre uma determinada forma, fazendo com que ela caminhe no sentido de se tornar gradualmente mais gramatical, ou, nas palavras de Heine:

Cada um desses mecanismos dá origem a uma evolução que pode ser descrita na forma de um modelo de três estágios, chamado de modelo da sobreposição (Heine 1993, p.49-53). Os estágios envolvidos são como se segue:

- i. Há uma expressão linguística A que é recrutada para a gramaticalização.
- ii. Essa expressão adquire um segundo padrão, B, sendo que há uma ambiguidade entre A e B.

³³ grammaticalization always entails a loss of noun/verb categoriality. Indeed, categories other than noun and verb almost always result from a “down-change” of these two primary categories.

³⁴ O conceito apropriado por Bybee é o de Haiman (1994, apud BYBEE, 2003), segundo o qual a ritualização envolve quatro aspectos decorrentes da repetição: a habituação, que consiste na redução da força simbólica de determinada prática cultural; a automatização, em que uma sequência de unidades passa a ser reanalisada como único elemento; a redução das formas, através do enfraquecimento de elementos individuais e de sua reanálise em um único elemento, e a emancipação, processo no qual a função original de uma prática cultural dá lugar a uma função mais simbólica, inferida a partir de seu contexto de uso.

iii. Finalmente, A se perde, ou seja, resta apenas B. (HEINE, 2003, p.579)³⁵

Como resultado do Modelo da Sobreposição descrito acima, temos que a gramaticalização é um processo em cadeia, o que levou à proposição de termos como *chain* e *cline*³⁶, os quais enfatizam a noção de sequencialidade do processo.

Com o avanço dos estudos em gramaticalização, percebeu-se que algumas dessas cadeias começaram a se tornar aplicáveis a vários fenômenos em várias línguas diferentes, o que levou à proposição de *clines* no nível cognitivo – tais como PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE (cf. HEINE, 2003, p.586) –, no nível sintático – tais como o *continuum* de processos de vinculação de orações que parte da PARATAXE, passa pela HIPOTAXE e chega à SUBORDINAÇÃO, podendo ainda cristalizar-se mais profundamente em uma construção modal ou auxiliar (cf. HOPPER & TRAUGOTT, 2003 [1993], p. 175-211) – e no nível morfológico – VERBO PLENO > AUXILIAR > AFIXO. A proposição dessas cadeias enfatiza um traço marcante dos fenômenos de gramaticalização: sua unidirecionalidade.

Gonçalves et al. (2007, p.37) também apontam para as formas de manifestação da unidirecionalidade nos cinco níveis de análise tradicionalmente propostos para a linguagem: na fonologia, ela se manifestaria através da redução fonológica; na morfologia, pela passagem de formas lexicais a formas gramaticais; no domínio da sintaxe, manifesta-se pelo aumento, por via de reanálise, da coesão sintagmática das construções gramaticalizadas; na semântica, através da passagem de noções [+concretas] a noções [-concretas], e na pragmática, pela sintaticização de elementos do discurso.

Entretanto, o Princípio da Unidirecionalidade é motivo de controvérsias entre os estudiosos da gramaticalização. Hopper & Traugott (2003 [1993], p.139) o definem como uma “hipótese testável”, dado o grande número de casos de gramaticalização em línguas diversas que se submetem aos *clines* geralmente propostos.

³⁵ Each of these mechanisms gives rise to an evolution which can be described in the form of a three-stage model, called the overlap model (Heine 1993:48-53). The stages concerned are as follows:

i There is a linguistic expression A that is recruited for grammaticalization.

ii This expression acquires a second use pattern, B, with the effect that there is ambiguity between A and B.

iii Finally, A is lost, that is, there is now only B.

³⁶ Apesar de ambos os termos apontarem para a ideia de sequencialidade, ao termo *chain* subjaz uma noção de sobreposição dos estágios de gramaticalização que não está necessariamente presente no termo *cline*.

Já autores como Heine (2003, p.581-583) e Lehmann (2002 [1982], p. 14-17) advogam em favor do alçamento da unidirecionalidade a condição *sine qua non* da gramaticalização. Lehmann afirma que, de acordo com Givón (1975, p.76 apud LEHMANN, 2002[1982], p.17)

a gramaticalização envolve, essencialmente, um apagamento de substância tanto fonológica quanto semântica. A desgramaticalização teria que se constituir em um enriquecimento da substância fonológica e semântica. Agora, enquanto o resultado de um apagamento pode ser preditível, sua fonte não é geralmente preditível a partir do resultado; portanto, o produto de um processo de enriquecimento, ou da desgramaticalização, também não seria preditível.³⁷

Ainda assim, hipótese testável ou princípio fundador, a unidirecionalidade é bastante cara aos estudos da gramaticalização, sendo que os casos que não seguem tal princípio costumam ser tratados como idiossincráticos.

2.1.2 Parâmetros da Gramaticalização

O fenômeno da gramaticalização pode ser identificado através de parâmetros que ajudam o analista a avaliar o estágio de gramaticalidade de um determinado item ou construção. Tais parâmetros foram definidos por Lehmann (2002 [1982], p.108-143) e incluem o peso, que garante proeminência a uma dada forma no sintagma e a distingue dos demais membros de sua classe; a coesão, produto das relações estabelecidas entre as formas, e a variabilidade, uma mobilidade ou possibilidade de mudança momentâneas em relação a outros elementos.

Esses três parâmetros operam tanto no eixo paradigmático quanto no eixo sintagmático, configurando, na interação com os eixos, os seis parâmetros definidores das etapas da gramaticalização, representados na Tabela 1.

Parâmetros↓ / Eixos→	Paradigmático	Sintagmático
Peso	integridade	escopo estrutural
Coesão	paradigmaticidade	conexidade
Variabilidade	variabilidade paradigmática	variabilidade sintagmática

Tabela 1: Parâmetros da gramaticalização, conforme definidos por Lehmann (2002 [1982])

³⁷ grammaticalization essentially involves a deletion of both semantic and phonological substance. Degrammaticalization would have to be an enrichment in semantic and phonological substance. Now while the result of a deletion process may be predictable, its source is generally not predictable from the result; so the product of an enrichment process, or of degrammaticalization, would also not be predictable.

A integridade diz respeito à configuração fonológica e semântica do item em análise, quanto menos gramaticalizada a forma, mais pesada será a substância fonológica e mais traços semânticos – em especial os lexicais – estarão conservados. Já em formas em estágio avançado de gramaticalização, ocorrem a erosão fonológica e o desbotamento semântico.

O escopo estrutural é a contraparte da integridade no eixo sintagmático. Ele concerne à relação estabelecida entre determinado item e os demais. Nas formas mais gramaticalizadas, os itens modificam ou auxiliam radicais ou outros elementos, enquanto nas formas mais lexicais a relação estabelecida tende a ser mais arbitrária. O processo envolvido na alteração do escopo estrutural é a condensação, ou encurtamento das formas, conforme o que ocorre na passagem de um verbo a auxiliar e, posteriormente, a um afixo.

A paradigmaticidade e a conexidade são os parâmetros relacionados à coesão. Naquela, o processo de gramaticalização faz com que, através da paradigmaticidade, o item passe a integrar um paradigma restrito e altamente especificado de formas; nesta, faz com que, através da coalescência, o item deixe de ser um elemento justaposto a outro de forma independente para se tornar uma forma presa.

Por fim, a variabilidade de um item altera-se, à medida em que se gramaticaliza, através de dois processos: o da obrigatoriedade, que atua no eixo paradigmático no sentido de sistematizar as escolhas dos itens outrora motivadas comunicativamente, e o da fixação, o qual, por sua vez, atua no eixo sintagmático, restringindo a liberdade de posicionamento do item.

Conforme pode ser depreendido da explanação acima, a gramaticalização age no sentido de maximizar a força dos parâmetros relacionados à coesão, enquanto enfraquece aqueles relacionados ao peso e à variabilidade. Todavia, o analista não deve descartar a possibilidade de tratar um determinado fenômeno como um caso de gramaticalização caso os seis parâmetros não estejam totalmente inter-relacionados, visto que ele pode estar diante de um estágio intermediário do processo.

2.1.3 Princípios da Gramaticalização

Os princípios da gramaticalização podem variar dependendo do referencial teórico adotado. Ainda assim, guardadas as devidas proporções, eles podem ser mapeados de uma proposta para outra. Para este trabalho, optou-se por utilizar a proposta de Hopper (1991), segundo a qual são cinco os princípios gerais os quais permitem identificar os estágios iniciais de um processo de gramaticalização.

O primeiro deles, o da Estratificação, postula que novas camadas gramaticalizadas de linguagem emergem continuamente em um dado domínio funcional, coexistindo com as formas anteriores a elas. À medida que as novas construções surgem, elas passam a interagir com as camadas anteriores, as quais não caem necessariamente em desuso. Um exemplo da aplicação do Princípio da Estratificação pode ser verificado na gama de marcadores aspectuais inceptivos-iterativos em uso no Português do Brasil. Além do clássico *passar a*, surgem marcadores como *pegar* – em construções como “*ele pegô variá*” (cf. SIGILIANO, 2008) –; *desgraçar* – “*quando ela desgraça a falá, sai de baixo*” –; ou *dar*, na Construção Aspectual com Dar – “*ele deu pra falar mal dos outros*” –; sem que o marcador aspectual tradicionalmente utilizado seja abandonado pelos falantes em contextos mais formais.

O Princípio da Divergência afirma que a forma que deu origem ao elemento gramaticalizado pode continuar a ser usada com suas propriedades lexicais, submetendo-se aos mesmos processos que possam vir a agir sobre as demais construções daquela classe. A Construção Aspectual com Estar – “*ela está pra chegar*” –, estudada neste trabalho, é um bom exemplo para o princípio em discussão. Conforme se verá adiante, essa construção parece ter se originado, através de um processo de gramaticalização iniciado no século XIV, de uma instanciação da Construção Completiva Nominal em Para Infinitivo – “*ela está prestes para fazer o exame*” > “*ela está para fazer o exame*”. Apesar de uma das instanciações dessa construção ter passado por gramaticalização, ela continua sendo usada no PB atual. Ainda, nela, o esquema *para (SN) infinitivo* continua a funcionar como complemento nominal de um adjetivo e o verbo *estar* continua a funcionar como verbo de ligação.³⁸

³⁸ Os exemplos tradicionalmente fornecidos para o princípio da Divergência costumam focar as propriedades de um único item lexical, o qual desenvolve uma função gramatical, mas continua a ser

O terceiro princípio proposto por Hopper (1991) é o da Especialização, o qual reza que, à medida que a gramaticalização avança, a variedade de escolhas formais possíveis diminui. Esse princípio se aproxima bastante do conceito de obrigatoriedade proposto por Lehmann (2002 [1982]). A gramaticalização do conjunto de preposições latinas *per* + *ad* na conjunção final *para* serve de exemplo a este princípio. Conforme atestam os dados do século XIII levantados para esta tese, as preposições *en* e *de* também podiam ser usadas para introduzir orações finais infinitivas no PM, isso sem falar das formas *per*, *por* e *pora*. À medida em que o processo de gramaticalização das preposições *per* + *ad* avançou, diminuíram as possibilidades de escolha, especializando-se, para esta função, a forma *para*.

O Princípio da Persistência resume a argumentação de Sweetser (1988) acerca da manutenção de traços semânticos da forma lexical originária na forma gramaticalizada, enquanto o da Decategorização aponta para a perda de categorialidade das formas funcionais. Ambos já foram amplamente discutidos acima.

Os estudiosos da gramaticalização vêm, já há alguns anos, apontando para a importância de se considerar o caráter construcional dessa mudança (cf. BYBEE, 2003; HOPPER & TRAUGOTT, 2003 [1993]; entre outros). Justamente por isso, cabe, neste momento, delinear os limites do conceito de *Construção* a ser utilizado neste trabalho.

usado com suas propriedades lexicais, tal como o que ocorre com o verbo *pegar* em função aspectual (cf. SIGILIANO, 2008). Assim, poder-se-ia argumentar que a Construção Aspectual com Estar não serve de exemplo a esse princípio, uma vez que, nela, o adjetivo *prestes* não está mais presente. Porém, acredita-se neste trabalho que, dada a orientação construcional para a gramaticalização por ele adotada, isso não seja impedimento para considerar a construção em questão como exemplo ao princípio da Divergência. O fato de o adjetivo *prestes* não estar presente na Construção Aspectual com Estar não significa que ela não tenha divergido da Construção Completiva Nominal em Para Infinitivo, uma vez que, conforme se verá no capítulo 4, os esquemas sintáticos *estar prestes para infinitivo* e *estar para infinitivo* coexistiram como marcadores de aspecto iminente. Em realidade, conforme pode ser visto no exemplo a seguir, retirado de um fórum virtual sobre concursos públicos, eles ainda coexistem: *A vida parece engraçada. tem horas q é tudo ou nada. Na época q **estava para ser convocada** p/ a minha melhor aprovação - técnico judiciário, meu namorado de então me deu um toco pouco antes - fiquei arrasada..., logo depois no meu trabalho (q foi o 1 concurso q tinha passado mas era do executivo e **estava prestes para sair** de lá, eu reclamava bastante do baixo salário mas foi lá q conheci meu esposo e em menos de 1 ano casamos . A vida é assim, precisamos entregar na mão de Deus (sem deixar de fazer a nossa parte, é claro e aguardar... eu sou ansiosa e tenho dificuldades para aguardar, mas enfim é preciso esperar a nossa vitória chegar!!! hj em dia os concursos estão mais difíceis... mas minha classificação vem melhorando aos poucos e eu vou tentar os concursos até passar...* (Disponível em: <http://www.forumpci.com.br/topico/759430/20>. Acesso em: 30 jun. 2009). Dado o exposto, parece ficar claro que, adotada uma perspectiva construcional para a gramaticalização, torna-se incoerente manter o foco dos princípios da gramaticalização apenas sobre os itens lexicais, os quais nada mais são do que possibilidades de preenchimento para os papéis argumentais perfilados por cada construção.

2.2 A Gramática das Construções

O termo *Construção* é frequentemente utilizado em linguística, em trabalhos das mais diversas perspectivas teóricas, na designação da porção de linguagem em análise. Entretanto, quando se usa o termo acima em uma abordagem construcional para a gramática, ele sofre uma especialização de significado, ou uma objetificação (cf. TRAUGOTT & DASHER, 2002), passando a indicar um pareamento entre forma e sentido.

Porém, ainda que se conceba uma construção como um pareamento de forma e sentido, não se está adotando, necessariamente, uma perspectiva teórico-analítica única: são várias as “gramáticas das construções”. Segundo Salomão (2002, p.67-68), a “virada construcional dos estudos da gramática” surgiu na Universidade da Califórnia em Berkeley, tendo suas fundações em três diferentes correntes analíticas.

A primeira delas foi encabeçada por George Lakoff, que, a partir dos estudos sobre redes polissêmicas, estabeleceu a noção de redes construcionais figurativamente motivadas (LAKOFF, 1987). Através de uma análise das construções dêiticas e existenciais com *there* em Inglês, o autor propõe que as construções gramaticais tenham, de fato, existência cognitiva, não devendo ser consideradas como meros recursos epifenomênicos. Ressalta ainda a importância de se levar em consideração a motivação na análise das construções de uma língua e a não-composicionalidade absoluta das construções.

A segunda corrente, de acordo com Salomão (2002), remete, em origem, aos trabalhos de Fillmore e Kay sobre idiomas sintáticos codificadores de fórmulas situacionais. A construção com *let alone* (equivalente ao uso de *que dirá* em casos como “*ele não gosta nem de teatro, que dirá de ópera*”) serviu de exemplo para tais análises, mostrando que a fórmula situacional da comparação entre dois eventos era indicada por uma forma construcional de encadeamento de duas orações através da expressão conjuntiva *let alone*.

O último movimento citado por Salomão (2002) é o derivado dos estudos – sob orientação de Lakoff – de Adele Goldberg sobre a estrutura argumental das Construções Ditransitivas em Inglês, proposta que dá conta das variações de valência verbal sem a necessidade de se postularem regras lexicais que agiriam sobre a estrutura sintática. A proposta goldbergiana será amplamente discutida em

breve, uma vez que é nela que se baseia a análise construcional proposta neste trabalho.

2.2.1 A Gramática Cognitivista das Construções e a Hipótese das Generalizações de Superfície

Goldberg (1995) define o que seja uma construção da seguinte forma:

C é uma Construção sse C é um par forma-sentido $\langle F_i, S_i \rangle$ de tal forma que algum aspecto de F_i ou algum aspecto de S_i não é estritamente preditível a partir das partes componentes de C ou a partir de outras construções previamente estabelecidas. (GOLDBERG, 1995, p.4)³⁹

Através desta definição tão sucinta, Goldberg firma a pedra fundamental de onde derivarão as implicações teóricas do tratamento construcional da gramática adotado neste e em outros tantos trabalhos. Faz-se presente, a partir desta definição, o principal ponto de dissidência desta abordagem em relação às outras gramáticas, ou seja, a negação da Hipótese Forte da Composicionalidade.

Ao dizer que aspectos do sentido não são preditíveis a partir das partes que compõem uma construção, esta proposta rompe com o paradigma composicional e inaugura um novo, em que a soma dos significados das partes pode não ser igual ao significado do todo. O que não significa, porém, dizer que não seja possível fazer generalizações. A diferença aqui é que, por não serem os elementos lexicais os únicos a contribuir com os significados, e por se reconhecer também a parcela de significado trazida pela própria construção, não é preciso postular n significados diferentes para uma mesma entrada lexical. Basta considerar que um dado verbo, por exemplo, possui um sentido básico que será adequado à construção em que o mesmo figurar.

Dentro desta perspectiva, surgem outros aspectos de diferenciação teórica da Gramática das Construções em relação a outras abordagens não-construcionais da gramática, tais como a adoção de uma visão de continuidade entre o léxico e a sintaxe: os elementos léxicos também são vistos como construções, pois, assim como as sequências sintáticas, compõem-se de pares forma-sentido, sendo, porém, menos complexos e menos extensos fonologicamente.

³⁹ C is a CONSTRUCTION iff_{def} C is a form-meaning pair $\langle F_i, S_i \rangle$ such that some aspect of F_i or some aspect of S_i is not strictly predictable from C's component parts or from other previously established constructions.

Outro ponto diferencial desta abordagem é a negação da divisão absoluta entre semântica e pragmática: fatores tradicionalmente pragmáticos, como topicalização, são considerados juntamente com os tradicionalmente semânticos, como os papéis θ .

Além disso, a abordagem construcional da gramática evita a circularidade que postula regras lexicais para explicar a seleção argumental de verbos ao mesmo tempo em que define quais sejam tais regras a partir da própria seleção argumental. Na Gramática das Construções, trata-se esse processo como algo que não depende exclusivamente do verbo, mas que está também associado ao esquema da construção. Cabe ao verbo, com base em seu – ou seus – significado(s) básico(s), integrar-se ao significado da construção (GOLDBERG, 1995, p.11).

Desta forma, pode-se dizer que em cada construção ocorre uma integração entre o esquema de significado⁴⁰ do verbo e o esquema de significado da construção. Entre os elementos que fazem parte do esquema de significado do verbo, temos a definição dos *papéis de participante*, ou seja, aqueles envolvidos no significado básico do mesmo. Assim, por exemplo, no verbo *chutar* teríamos dois papéis de participantes: o *chutador* e o *objeto chutado*. Tais papéis de participantes não devem ser confundidos com os *papéis argumentais*, ou *papéis- θ* . Esses últimos são definidos pela construção e têm como exemplos os papéis de Agente, Paciente, Tema, Experienciador etc.

Quando da produção de uma dada construção, esses esquemas se integram para que o sentido final possa ser formado. Imagine-se que alguém diga que ‘o menino chutou a bola na janela’. Ter-se-ia, portanto, a integração de dois esquemas: (a) o do verbo *chutar*, que, conforme o que foi visto, envolve um *chutador* – o menino – e um *objeto chutado* – a bola – e (b) o da **Construção de Movimento Causado** que envolve um *Agente*, um *Paciente* e um *Alvo*. Assim, a representação de tal construção, segundo Goldberg (1995), seria conforme se pode ver na Figura 3.

Na primeira linha vem representado o esquema semântico da construção (Sem), com seus *papéis temáticos*; na segunda, o esquema do verbo (R) e seus *papéis de participantes* e, na última, o lado formal do pareamento forma-sentido da construção (Sint), ou seja, a configuração sintática que a mesma assume.

⁴⁰ Ao se referir a esquemas de significado, adota-se, assim como Goldberg, a noção de esquema encontrada em Fillmore (1977b, apud GOLDBERG, 1995) de que toda designação semântica é feita com base em referências a um enquadre que envolve conhecimentos prévios em relação ao mundo organizado segundo a cultura a que o indivíduo pertence.

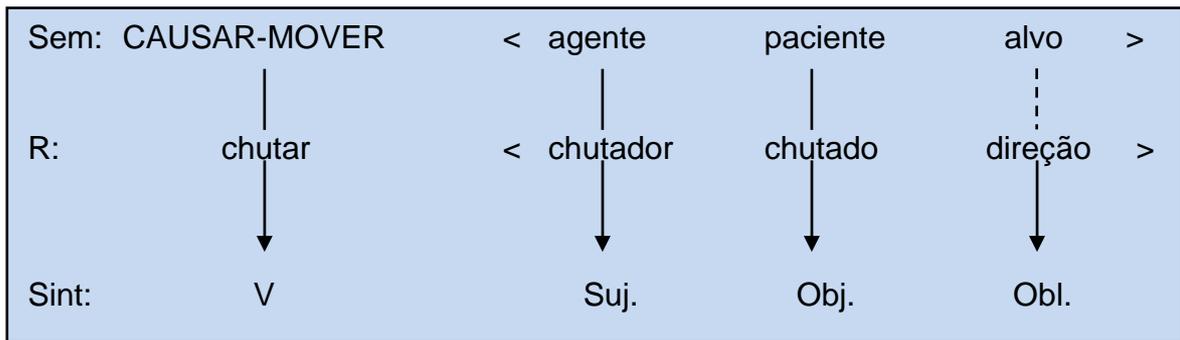


Figura 3: Representação da construção de movimento causado

Essa representação merece algumas explicações que ainda não foram dadas. Já se disse que há uma integração entre os papéis *argumentais* trazidos pela construção e os de *participantes*, trazidos pelo verbo. Tal integração se dá obedecendo a dois princípios: (a) o da *Coerência Semântica* e (b) o da *Correspondência*. O primeiro estabelece que apenas papéis que sejam semanticamente compatíveis podem ser integrados, ou seja, os papéis de participantes devem ser instanciações dos papéis argumentais aos quais serão integrados; desta forma, o *chutador* só poderia ser integrado ao *Agente*, uma vez que aquele é uma instanciação deste. Já o segundo princípio afirma que todos os participantes selecionados pelo verbo devem ser integrados a papéis argumentais da construção.

É interessante notar na Figura 3 que a construção contribui com um *papel argumental* que não possuía correspondência direta e imediata com algum papel de participante do esquema básico do verbo. Isso é perfeitamente possível. Muitas vezes as construções contribuem com papéis argumentais que serão preenchidos ou não, quando da fusão, por elementos selecionados pelo verbo. Quando se disse mais acima que o verbo tem um significado básico que se integra ao da construção, fez-se referência também a essa questão. Muitas vezes uma construção pode alterar o esquema básico de um verbo, o qual modifica o seu significado ao integrar-se a ela.

Uma vez postulado então que as construções podem contribuir com papéis argumentais que não sejam previstos em suas instanciações no esquema básico do verbo, faz-se necessário postular a existência de esquemas construcionais

disponíveis no repertório dos falantes de determinada língua⁴¹. Segundo Goldberg (1995, p.39), as construções derivam de um conjunto finito de cenas ou eventos básicos experienciados pelos falantes de cada língua. Assim, surge a Hipótese da Codificação das Cenas, segundo a qual:

Construções que correspondem a tipos básicos de sentenças codificam, como seus significados centrais, tipos de eventos que são básicos para a experiência humana. (GOLDBERG 1995, p.39)⁴²

As construções básicas estão associadas aos verbos mais básicos de uma dada língua, justamente àqueles que são aprendidos primeiramente pelas crianças. Neste sentido é interessante mencionarmos a seção 2.3.2 da obra de Goldberg (1995) – *Humanly Relevant Scenes* –, em que a autora retoma estudos da Psicolinguística que visavam a demonstrar quais verbos eram aprendidos em um primeiro momento pelas crianças. Ela mostra que esses verbos representam cenas cotidianas relevantes para a experiência humana, ou seja, representam uma construção básica. O que a criança faz é, portanto, associar um conceito básico que ela já domina a uma dada forma verbal (GOLDBERG, 1995, p.41-43)⁴³.

Prosseguindo com seu tratamento teórico das construções, no terceiro capítulo de seu livro *Constructions*, Goldberg (1995) propõe quatro princípios que regem a organização do repertório de construções de uma língua.

O primeiro princípio é o da *Motivação Maximizada*, segundo o qual, se uma dada construção é sintaticamente relacionada a outra, então, ela também é **motivada semanticamente** pela outra construção. Já o segundo princípio, o da *Não-Sinonímia*, reza que, se uma construção é diferente da outra sintaticamente, então, ela também o será semanticamente ou pragmaticamente. Como exemplo, tem-se a variação entre as vozes ativa e passiva que, se por um lado, mantêm uma equivalência semântica, por outro, diferem pragmaticamente.

O terceiro princípio, o da *Máxima Força Expressiva*, diz que o número de construções existentes em uma língua será maximizado para atender aos propósitos comunicativos. Ou seja, caso seja necessário indicar ao interlocutor eventos cujas

⁴¹ Ao se afirmar a existência de esquemas construcionais disponíveis no repertório dos falantes, não se está assumindo uma postura contrária ao caráter emergente da gramática. A constituição desse repertório será explicada em momento oportuno, quando será mencionado o papel das generalizações de superfície na constituição do repertório de construções de uma língua.

⁴² Constructions which correspond to basic sentence types encode as their central senses event types that are basic to human experience.

⁴³ A esse respeito, veja-se também Tomasello (2003).

particularidades não sejam prontamente acessíveis por via de projeções entre os domínios que compõem os signos existentes, um novo signo – ou construção – será criado na língua visando a atender esta necessidade. Por fim, o quarto princípio é aquele que funciona como um limitador ao terceiro. O *Princípio da Economia Maximizada* diz que o falante possui todas as construções de que precisa em sua língua, mas apenas elas. Esse é o princípio que evita a emergência de novas construções que não sejam absolutamente necessárias, ou seja, que não se diferenciem semântica ou pragmaticamente das outras.

A proposta original de Goldberg tem grande mérito por ter amalgamado inúmeras questões teóricas – e mesmo metodológicas e notacionais – no que tange à realização de análises linguísticas em uma visão construcional. Tem também o mérito de ser construída através de exemplos, que tornam mais didático o seu entendimento. Porém, esta proposta deixa algumas lacunas para questionamentos, alguns dos quais são respondidos pela própria autora em obra posterior.

No livro *Constructions at Work*, Goldberg (2006) começa por ampliar a noção de construção, ao afirmar que

Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja estritamente preditível a partir das partes que o compõem ou a partir de outras construções reconhecidamente existentes. **Além disso, padrões são armazenados como construções, mesmo os totalmente preditíveis, desde que ocorram de forma suficientemente frequente** [grifo nosso]. (GOLDBERG, 2006, p.5)⁴⁴

Note-se que, apesar de não descartar a não-composicionalidade absoluta das construções, a autora passa a propor uma análise construcional também para aqueles pareamentos de forma e sentido totalmente analisáveis composicionalmente, desde que sejam consideravelmente frequentes na língua ao ponto de serem rotinizados e armazenados como construções no repertório dos falantes (cf. BYBEE, 2003; TOMASELLO, 2003).

Essa mudança aparentemente pequena na definição de construção faz com que a Gramática Cognitivista das Construções – nome adotado por Goldberg para se referir ao seu modelo a partir do livro supracitado – ganhe bastante em robustez analítica uma vez que torna possível, em princípio, analisar qualquer construção de uma língua, e não apenas as mais idiomatizadas. Além disso, permite ainda uma

⁴⁴ Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist. In addition, patterns are stored as constructions even if they are fully predictable as long as they occur with sufficient frequency.

maior aproximação da abordagem construcional às demais abordagens centradas no uso, em especial aos estudos da gramaticalização, elevando o papel da frequência a uma posição muito relevante no processo de aquisição, armazenamento e desenvolvimento de padrões linguísticos.

Outro aspecto fundamental do modo como as construções funcionam, segundo Goldberg (2006, p.19-22), é a perspectiva não-derivacional da gramática. Para a autora, a prática constante da linguística gerativa de considerar uma construção em relação a uma paráfrase grosseira dela mesma, herdeira da perspectiva transformacional dessa tradição teórico-analítica, acaba por propor generalizações que ou são menos abrangentes do que as existentes entre formas superficiais semelhantes, ou são, em verdade, argumentos em favor da atenção do falante para as formas de superfície.

Dizer que dois usos linguísticos compartilham uma mesma forma de superfície não significa afirmar que sejam idênticos. Um mesmo padrão construcional pode ser preenchido por palavras diferentes, que contribuirão para seu significado, sem, no entanto, alterar a construção. É importante que se tenha em mente que, apesar de algumas construções especificarem, por exemplo, a classe gramatical dos elementos ocupantes das posições de complementação previstas ou mesmo uma ordem fixa de palavras, ao se considerarem as formas de superfície como objeto de análise, não se tratam como construções distintas usos do mesmo padrão sintático em uma ordem invertida. Isso se deve ao fato de que uma construção de Clivagem, por exemplo, pode se sobrepor a uma construção Transitiva Direta, levando ao deslocamento do objeto para antes do sujeito. Entretanto, não se trata de uma nova construção Transitiva Direta, mas sim da combinação desse padrão com o da Clivagem.

Segundo a autora, os padrões sintáticos podem variar em função do caráter combinatório do emprego das construções, ou seja, devido ao fato de que, em um determinado enunciado, o que se tem é a interação de padrões construcionais na constituição daquilo que é dito pelo falante.

A título de exemplo, observe-se o enunciado em (21):

(21) Se u mininu pegassi uma birra pra querê a laranja, a mãe comprava, né? (PFJF – PN3)

Em (21) tem-se, além da Construção Completiva Nominal em Para Infinitivo, as seguintes construções:

- Construção Condicional: *Se P, Q* (cf. DANCYGIER & SWEETSER, 2005; FERRARI, no prelo);
- Construções Transitivas: *SN V SN*;
- Construções de Sintagma Nominal: *D N*;
- Construção de Marcação Discursiva Interrogativa: *né?*;
- Construções lexicais: *mininu, pegar, birra, querer, laranja, mãe e comprar*.

Consideradas essas questões, Goldberg propõe a **Hipótese das Generalizações de Superfície**, segundo a qual

existem, tipicamente, generalizações sintáticas e semânticas mais amplas associadas à forma de superfície da estrutura argumental do que aquelas existentes entre a mesma forma de superfície e uma forma distinta da qual ela seja hipoteticamente derivada sintática ou semanticamente. (GOLDBERG, 2006, p.25)⁴⁵

Novamente a Construção Ditransitiva do Inglês serve de exemplo à postulação da pesquisadora. Goldberg (2006, p. 26-27) começa sua análise dizendo ser comum – mesmo em abordagens construcionais – tratar de forma derivacional as Ditransitivas (*'Mina sent Mel a book'*) e Ditransitivas Benefactivas (*'Mina bought Mel a book'*). Nessas propostas, tais construções seriam derivadas, respectivamente da Construção Dativa com To (*'Mina sent a book to Mel'*) e da Construção Benefactiva com For (*'Mina bought a book for Mel'*).

Entretanto, a autora afirma que, além de compartilharem uma mesma forma de superfície no que tange à sua estrutura argumental (Suj V Obj Obj₂), ambas as Ditransitivas se submetem a restrições sintáticas e semânticas idênticas, quais sejam: (a) a impossibilidade de submeter o argumento recipiente (Obj) à inversão de pergunta; (b) a impossibilidade de intercalar advérbios entre os dois objetos; (c) o *status* informacional dado e a topicalização preferenciais do argumento recipiente; (d) a necessidade de o argumento recipiente portar a característica de ser animado e (e) o fato de ambas apresentarem a noção subjacente de doação.

Quando se tentam aplicar essas restrições às suas supostas paráfrases, depara-se com o fato de que nenhuma restrição parece ser aplicável de forma semelhante aos usos das Construções Dativa com To e/ou Benefactiva com For. Em ambas, é possível (a) submeter o argumento de recipiente à inversão com palavra QU – *'Who did Mina buy/send a book for/to?'* –, (b) intercalar advérbios entre o

⁴⁵ There are typically broader syntactic and semantic generalizations associated with a surface argument structure form than exist between the same surface form and a distinct form that it is hypothesized to be derived from.

objeto e o oblíquo – ‘*Mina bought/sent a book yesterday for/to Mel.*’ –, (c) atribuir o *status* de informação dada ao argumento paciente – ‘*Mina bought/sent it for/to Mel.*’ –, (d) empregar participantes inanimados na posição de recipiente – ‘*Mina bought/sent a box for/to that place*’ – e (e) inferir outro sentido que não o de doação, vez que as construções com *for* podem indicar que algo foi feito no lugar de alguém e não, necessariamente, tendo este alguém como destinatário.

A partir dessa primeira demonstração da força das generalizações de superfície, Goldberg se preocupará tanto em contrastar suas análises com outras propostas de cunho derivacional quanto em apontar para o papel de tais generalizações na aquisição da linguagem, processo no qual elas atuam em paralelo com a aquisição item a item de algumas construções mais especificadas⁴⁶, e na organização do conhecimento do falante sobre sua língua. No que concerne a este último aspecto, a autora relaciona as generalizações a outros dois aspectos fundamentais para a análise construcional desenvolvida neste trabalho: a frequência e a motivação.

O papel dos estudos sobre frequência é de importância indiscutível para as abordagens centradas no uso. Goldberg aborda essa questão em dois momentos distintos. No primeiro deles, a autora coloca em perspectiva a proposta de Bybee (1995; 2003) no que tange ao caráter indecomponível e, portanto, não-analisável dos elementos morfológicos. Segundo Bybee, a alta frequência de uso de determinados itens, em especial os mais irregulares, faz com que este uso se torne rotinizado e, portanto, incapaz de fornecer ao falante pistas para que ele consiga depreender dele qualquer generalização.

Goldberg, tendo em mente a premissa da continuidade entre léxico e sintaxe proposta pela Gramática das Construções e a existência de construções cujas estruturas argumentais são muito especificadas – tais como os casos de auxílio em *para (SN) infinitivo* a serem tratados neste trabalho, ou mesmo expressões cristalizadas como ‘*chutar o pau da barraca*’ –, chama atenção para o fato de que construções envolvendo estrutura argumental, mesmo as idiomatizadas, permitem que o falante realize generalizações a partir delas, já que apresentam algum nível de

⁴⁶ Não serão apresentadas as análises contrastivas da autora uma vez que, no capítulo cinco, este trabalho apresenta uma proposta de tratamento não-derivacional das construções em *para (SN) infinitivo*. Quanto às questões tangentes à aquisição, conforme explicitado anteriormente, elas não serão foco deste trabalho, sendo endereçadas a trabalhos futuros.

variabilidade, ainda que mínimo. Tal variação pode ocorrer no preenchimento dos argumentos da construção, na flexão do verbo etc.

Assim, estruturas argumentais não seriam passíveis de rotinização semelhante à das construções morfológicas irregulares, o que abre espaço para o segundo aspecto dos estudos da frequência no tratamento construcional fundado em generalizações de superfície: como as generalizações podem ser feitas a partir de padrões muito especificados, o conhecimento sobre as construções de uma língua pelo falante se dá a partir da extensão do conhecimento que ele adquire sobre grupos de palavras que se comportam de forma similar para padrões mais abstratos.

Esse processo de extensão deve ser restringido, sob pena de serem criadas supergeneralizações. Segundo a autora, os falantes não limitam a extensão de um determinado padrão a outro com base apenas na frequência absoluta de uso, uma vez que, por exemplo, verbos frequentemente usados em uma estrutura argumental transitiva – tais como *pegar* – podem ser criativamente estendidos a padrões intransitivos – “*a moda pegou*” (cf. SIGILIANO, 2008).

Entretanto, o falante pode restringir o processo de extensão caso um uso seja impedido por preempção, ou seja, pelo fato de o falante já ter testemunhado um uso da estrutura em questão em outro padrão com igual valor semântico-pragmático. Assim, imaginando-se, por exemplo, que um falante do PB tenha testemunhado o uso do verbo *usar* em instanciações como “*Pedro usou a roupa branca*”, dificilmente, ele estenderá o emprego de ‘*usar*’, nesse sentido, para estruturas argumentais como ‘*A roupa branca usou*’, já que a Construção Transitiva exerce efeito de preempção sobre a Intransitiva, dada a manutenção da contraparte semântico-pragmática do verbo nos dois padrões de transitividade. Contudo, o mesmo não ocorreria com o verbo ‘*secar*’ em usos como ‘*O sol secou a roupa*’ e ‘*A roupa secou*’, já que, nesse caso, a segunda instanciação enfatiza um sentido resultativo não ressaltado na primeira.

Goldberg (2006, p.98-99) conclui seu raciocínio sobre o papel da frequência no processo de apreensão de generalizações discutindo em que medida a frequência de tipo influencia o processo. A colocação da autora a esse respeito é bastante interessante na medida em que faz nova perspectivização da importância da frequência na emergência de construções. Ela explica que

construções que já apareceram com muitos tipos diferentes são mais propensas a aparecer com novos tipos do que construções que apareceram com poucos tipos. Por exemplo, construções de estrutura argumental que foram testemunhadas com muitos verbos diferentes são mais propensas a serem estendidas para o uso com outros verbos. De alguma forma, a seguinte observação tem que estar correta: UM PADRÃO É CONSIDERADO ESTENSÍVEL PELOS APRENDIZES SOMENTE SE ELES TIVEREM TESTEMUNHADO O PADRÃO SENDO ESTENDIDO. (GOLDBERG, 2006, p.99)⁴⁷

Ainda de acordo com Goldberg, os fatores preempção e aumento de frequência de tipo, sozinhos, não são capazes de explicar a produtividade (ou limitação desta) de determinado padrão. O grau de relação semântica entre as novas instanciações do padrão e as já testemunhadas pelo falante são tão importantes quanto a frequência de tipo nesse processo.

As relações de motivação entre construções são revisitadas pela autora em *Constructions at Work* de forma a propor um paralelo entre o caráter radial da categorização humana (cf. LAKOFF, 1987) e a organização do conhecimento do falante sobre as construções de sua língua. Para Goldberg (2006), como o conhecimento sobre as construções é conhecimento, devendo ser aprendido, ele se submete aos mesmos princípios de organização dos demais conhecimentos adquiridos pelo falante.

Logo, como são pareamentos de forma e significado, as construções são categorizadas radialmente a partir de um protótipo cujas especificidades semântico-pragmáticas motivam a forma e a função de construções a ele relacionadas. Goldberg (2006, p.166-182) exemplifica essa proposta através de uma análise radial da categoria das Construções de Inversão Sujeito-Auxiliar em Inglês, as quais, segundo a autora, são marcadas formalmente pela inversão por compartilharem um caráter não-positivo, contrário às sentenças prototípicas do Inglês, as quais, por serem menos marcadas, não sofrem inversão de ordem.

Compõem a rede proposta por Goldberg, além das perguntas do tipo sim/não (“*Do you like apples?*”) e daquelas iniciadas por palavras QU- (“*What did you do to her?*”), as maldições (“*May you burn in hell!*”), as cláusulas iniciadas por expressões adverbiais negativas (“*Not until yesterday did he take a break.*”), as exclamações (“*Man, are you hungry or what!?*”) entre outras construções. A autora aponta que,

⁴⁷ Constructions that have appeared with many different types are more likely to appear with new types. For example, argument structure constructions that have been witnessed with many different verbs are more likely to be extended to appear with additional verbs. To some extent, this observation has to be correct: A PATTERN IS CONSIDERED EXTENDABLE BY LEARNERS ONLY IF THEY HAVE WITNESSED THE PATTERN BEING EXTENDED.

além de compartilharem o aspecto formal concernente à inversão de sujeito-auxiliar, todas essas construções compartilham um esquema semântico “não-positivo”, na medida em que todas as construções na rede são não-declarativas, não-assertivas ou não-focais. Portanto, é possível dizer que a rede de construções proposta é motivada tanto formalmente quanto funcionalmente.

Ao final de sua obra, Goldberg (2006, p.205-226) ocupa-se em definir, dadas as implicações teórico-analíticas de uma proposta não-derivacional de gramática, quais seriam as características de sua Gramática Cognitivista das Construções⁴⁸. O primeiro produto desse esforço consubstancia os pontos de divergência entre a perspectiva construcional e as Teorias Sintáticas da Estrutura Argumental – Syntactic Argument Structure (SAS) Theories –, marcadas por sua abordagem transformacional da gramática. Segundo a autora, as maiores diferenças são:

1. As análises SAS não adotam uma abordagem não-derivacional (mono-estratificadas) para a sintaxe.
2. Elas não enfatizam os construtos que o falante faz da situação, a ênfase recai sobre paráfrases grosseiras.
3. Nas análises SAS, “construções” são pareamentos de forma subjacente e significado grosseiro ao invés de forma de superfície e função detalhada.
4. Nas análises SAS, apenas alguns padrões sintáticos são vistos como instanciações de construções; considera-se que palavras ou morfemas sejam armazenados em um componente separado e que a maioria das generalizações sintáticas não faça qualquer referência aos significados ou funções.
5. De acordo com as análises SAS, as construções são consideradas universais e determinadas pela Gramática Universal.
6. As análises SAS não apontaram generalizações internas à língua existentes entre construções distintas, porém relacionadas.
7. Nas análises SAS, as construções são consideradas compatíveis com a arquitetura e os pressupostos do Minimalismo, o que não fornece uma forma alternativa de se enxergar o conhecimento do falante sobre a linguagem. (GOLDBERG, 2006, p.205-206)⁴⁹

⁴⁸ Goldberg (2006) utiliza o termo Gramática Cognitivista das Construções no intuito de diferenciar seu tratamento construcional da gramática de outros também construcionais, mas fundados em premissas um pouco diferentes. Esta diferenciação não será objeto de análise neste trabalho.

⁴⁹ 1. Syntactic Argument Structure (SAS) accounts do not adopt a non-derivational (monostratal) approach to syntax.

2. They do not emphasize speaker construals of situations; the emphasis is rather on rough paraphrases.

3. On SAS accounts, “constructions” are pairings of underlying form and coarse meaning instead of surface form and detailed function.

4. On SAS accounts, only certain syntactic patterns are viewed as instances of constructions; words and morphemes are assumed to be stored in a separate component, and most syntactic generalizations are assumed to make reference to semantics or function.

5. According to SAS accounts, constructions are assumed to be universal and determined by Universal Grammar.

6. SAS accounts have not addressed language-internal generalizations across distinct but related constructions.

7. On SAS accounts, constructions are assumed to be compatible with Minimalist architecture and assumptions instead of providing an alternative way to view our knowledge of grammar.

Por oposição, infere-se que a Gramática Cognitivista das Construções (Cognitive Construction Grammar – CCxG) constitui-se em uma abordagem que parte das formas de superfície dos pareamentos forma-sentido por serem as únicas existentes, preocupando-se não apenas em descrever as construções de uma língua, como também em explicar como se dá a organização do conhecimento do falante sobre essas construções. Dessa forma, é tarefa da CCxG analisar em que medida os fatores preempção, frequência de tipo e motivação interferem na abdução das generalizações de superfície e na categorização radial que os falantes realizam na construção de seu conhecimento sobre a língua.

2.2.2 A Mesclagem Construcional

Apesar de reconhecer que, em uso, as construções aparecem sobrepostas umas às outras, Goldberg (2006) não tem como objetivo detalhar de que maneira se dá esse processo. Ao que parece, há casos em que as construções apenas se seguem no discurso, sem maiores interconexões que não as prototipicamente ativadas pela ordem linear canônica ou pela inversão desta. Entretanto, casos há – e a Construção de Dativo com Infinitivo, entre outras analisadas nesta tese, parece ser um deles – em que a integração das construções se dá de forma mais profunda, o que possibilita a fixação de um novo padrão sintático.

Uma proposta de explicação para esses casos é fundada na Teoria da Mesclagem, proposta em caráter mais definitivo no livro de Fauconnier & Turner (2002). Segundo essa teoria, o pensamento humano é estruturado em unidades cognitivas localmente situadas – ou seja, conjuntos de informações estruturadas e dependentes da situação de interação – chamadas domínios ou espaços-mentais.

Quando do processo de mesclagem (cf. FAUCONNIER & TURNER, 2002), no mínimo quatro desses espaços estão envolvidos: um espaço-genérico, dois espaços-fonte e um espaço-mescla.

No espaço genérico aparecem as características compartilhadas pelos espaços-fonte, ou seja, o esquema geral do processamento a ser realizado. Assim, ele se apresenta como uma forma de domínio estável, configurado de maneira mais abstrata que os demais espaços, uma vez que se baseia, de acordo com Salomão (1999, p.30), em “expectativas bastante desencarnadas e por isso muito mais flexíveis em suas aplicações”.

Nos espaços-fonte encontra-se a estrutura dos dois elementos a serem integrados. Trata-se de dois espaços mentais, que podem consistir em domínios estáveis, tais como os Modelos Cognitivos Idealizados⁵⁰, ou em domínios locais, ativados no momento da interação. A partir desses espaços serão realizados os mapeamentos entre os domínios e as projeções seletivas que gerarão o espaço-mescla.

No espaço-mescla surge o resultado dessa integração conceptual. Por ser produto de uma integração dos espaços-fonte, o espaço-mescla possui elementos de ambos combinados de forma diferente, o que o torna distinto dos outros espaços da rede. Essa mesma combinação dos diferentes elementos faz surgir na mescla o que se costuma chamar de estrutura emergente, a qual não se encontra em nenhum dos espaços-fonte. É importante ressaltar que nem todos os elementos dos espaços-fonte serão obrigatoriamente projetados para a mescla, sendo as projeções seletivas algo de importância central para essa teoria.

A título de exemplo, considere-se a tirinha na Figura 4.



Figura 4: Tirinha da Mafalda

A piada da tirinha está justamente no fato de a personagem Libertad misturar os domínios do gênero alimentício e da produção intelectual em um terceiro domínio. Aplicando as instruções sobre o modo de funcionamento dos espaços envolvidos na mesclagem ao exemplo da tirinha da Mafalda, teríamos que colocar no espaço-genérico elementos comuns às duas fontes. Tanto no caso dos gêneros alimentícios quanto no das obras literárias, temos produtos que são feitos através de processos específicos por agentes específicos e que podem ser comercializados, custando dinheiro.

Nos espaços-fonte, teríamos a materialização desse esquema genérico em dois domínios distintos, sendo que poderíamos mapear elementos dos domínios

⁵⁰ Para uma boa definição de MCIs vide MIRANDA, op. cit.

entre si, de acordo com os papéis que ocupam no esquema. Nesse mapeamento, surgem relações entre os dois espaços, chamadas por Fauconnier & Turner (2002) de Relações Vitais⁵¹. A mais saliente dessas relações presente entre os dois *inputs* é a de Analogia. O autor a ser traduzido e o produtor de frangos são análogos porque, no espaço-genérico recrutado, eles podem ser considerados como possíveis valores a serem mapeados para o papel de Agente. A relação de Papel-Valor, outra das Relações Vitais propostas, é, portanto, a base da Analogia.

Uma vez mapeados, os elementos seriam projetados de maneira seletiva para o espaço-mescla, ou seja, apenas aqueles que fossem relevantes para a produção e interpretação da cena seriam recrutados. Assim, teríamos o diagrama da Figura 5.

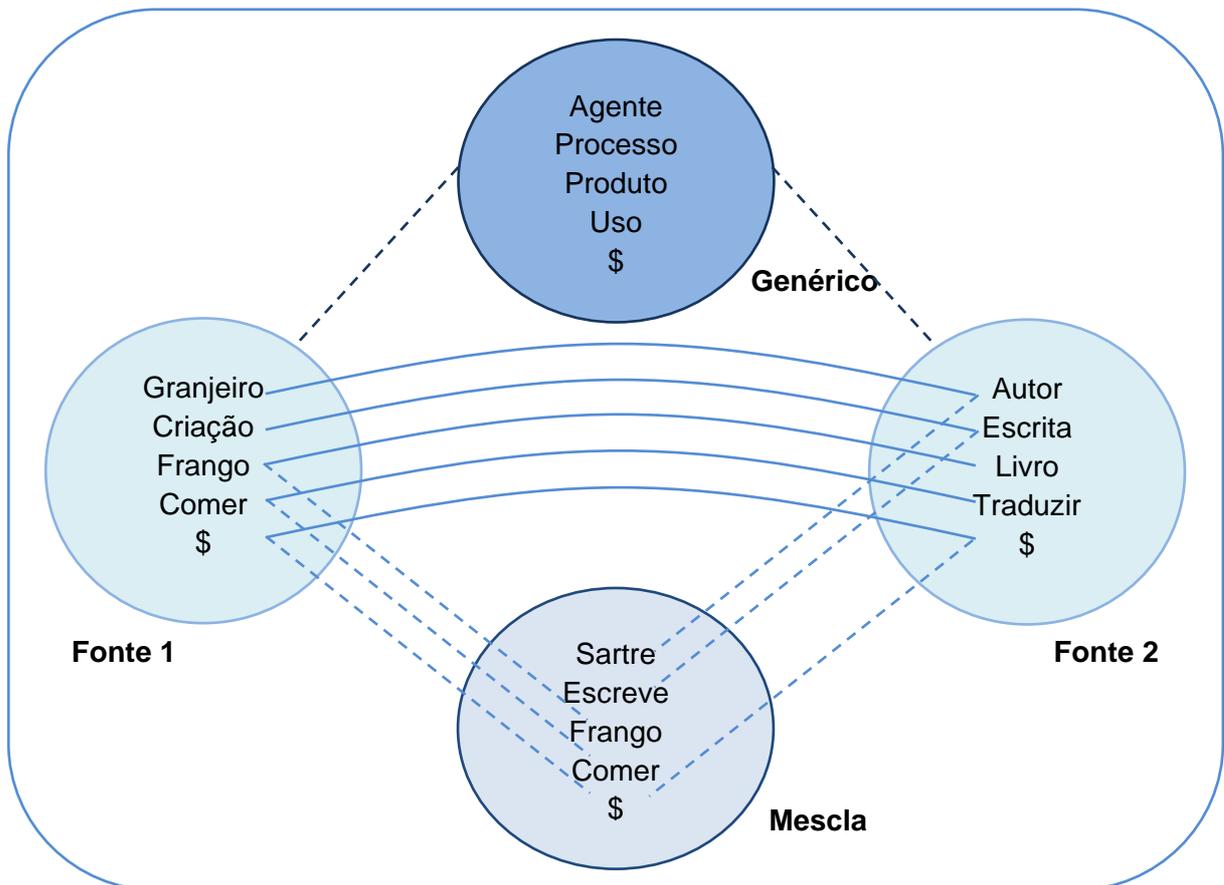


Figura 5: Representação gráfica da mesclagem

⁵¹ O conceito de relações vitais refere-se, de acordo com Fauconnier & Turner (2002, p. 92), ao conjunto de relações conceptuais, entre espaços mentais ou entre elementos dentro desses espaços, que ocorrem com muita frequência nos processos de mesclagem. Os autores listam 15 relações vitais, quais sejam: Mudança, Identidade, Tempo, Espaço, Causa-Efeito, Parte-Todo, Representação, Papel, Analogia, Desanalogia, Propriedade, Similaridade, Categoria, Intencionalidade e Unicidade.

Para a constituição da mescla, elementos das duas fontes foram recrutados: Sartre e o ato de escrever foram trazidos da fonte 2; entretanto, o produto deixa de ser o livro para ser o frango que, juntamente com sua utilidade – ser comido –, advém da fonte 1. É importante notar também que o valor financeiro de ambos os produtos é trazido de ambos os espaços, isso porque, como fica claro na fala de Libertad, o valor gerado pela tradução da obra é equivalente ao preço do frango.

A relação de Analogia entre os elementos dos dois espaços é comprimida em outra relação: a de Identidade. Isso porque, na formação da mescla, Sartre é quem produz o frango comido através do valor financeiro gerado pela tradução de seu texto pela mãe de Libertad. Quando o significado da mescla emerge, Sartre é o único Agente presente e não há qualquer referência explícita ao granjeiro. Isso se dá através da compressão da relação de Identidade em Unicidade.

Um ponto fundamental a se ressaltar após esta explanação sobre o processamento cognitivo realizado na leitura da tirinha é o de que toda ela só foi possível porque havia uma forma linguística complexa que apontava para esse processamento também complexo, ou seja, foi pela combinação de todas as construções presentes na fala de Libertad que se tornou possível o mapeamento entre o frango e a obra traduzida.

Dessa forma, de acordo com Fauconnier & Turner (2002), para cada integração conceptual existe uma integração de formas linguísticas. Essa releitura enriquece a abordagem construcional da gramática, uma vez que passa a analisá-la de forma mais integrada, levando em consideração a sua função principal que é a de ser um equipamento eficiente o bastante para alimentar os processos de compressão e descompressão que os participantes do processo interativo precisam realizar no seu esforço de mútua compreensão.

Cada construção, segundo Mandelblit (1997), é o produto de uma integração de estruturas formais capazes de ativar ou desencadear o processo de integração conceptual correspondente. A autora afirma desenvolver em sua tese:

uma análise do processamento de sentenças (geração e interpretação) como sendo um caso de operações de mesclagem conceptual e linguística, como se estruturas gramaticais servissem de marcadores formais de tais operações conceptuais. (MANDELBLIT, 1997, p.2)⁵²

Afirma mais adiante que:

⁵² ... an analysis of sentence processing (generation and interpretation) as a case of conceptual and linguistic blending operations, with grammatical structures serving as formal markers for such conceptual operations.

Símbolos lingüísticos, em particular, parecem estar associados a (e, por essa razão, também despertam ou ativam) alguma forma de representação conceptual. (...) Considera-se que o processo de *integração lingüística* seja paralelo a um processo de *integração conceptual*. (MANDELBLIT, 1997, p.2)⁵³

Essa proposta é consoante com a visão de Fauconnier & Turner (2002). Os autores afirmam que, dentro de uma dada sociedade, uma série de padrões de compressão muito usuais acabam por se tornar convencionais e são associados a formas gramaticais bastante características (FAUCONNIER & TURNER, 2002, p.353). Esses padrões de compressões específicos configuram redes de integração, tanto formal quanto conceptual, específicas, fazendo com que unamos duas coisas em nosso processamento mental: um significado específico e uma forma específica.

Nas palavras dos próprios autores:

Nós podemos unir duas coisas mentalmente de várias maneiras. Mesclá-las é um subtipo dessas maneiras, e as mesclas que satisfazem os princípios reguladores são um subtipo ainda menor. Um subtipo menor ainda consiste naqueles padrões centrais de compressão que estão internalizados em uma dada cultura. O próximo subtipo abaixo consiste naqueles padrões centrais de compressão internalizados que se associam a formas gramaticais. (FAUCONNIER & TURNER, 2002, p.353)⁵⁴

Tal associação não se dá de forma totalmente direta, ou seja, a forma lingüística não oferece todas as informações sobre o evento ao qual se relaciona, ela apenas marca os caminhos que devem ser descobertos pelos seres humanos envolvidos no processo comunicativo quando estes forem descomprimir a referida forma, realizando, por si mesmos, as integrações conceptuais necessárias para que se chegue ao entendimento. Por outro lado, assim como os espaços mentais, as formas lingüísticas também têm existência cognitiva, sendo, portanto, possível mesclá-las, assim como mesclamos qualquer outra entidade conceptual. A possibilidade de mesclar formas lingüísticas abre as portas para um processo de emergência de construções muito produtivo na língua: a mesclagem construcional.

Mudada a forma de entender o fenômeno, muda também a forma de representá-lo. Para que seja possível dar conta dos processos de integração ocorridos no pareamento forma-sentido da construção, faz-se necessário acrescentar à notação de Goldberg (1995) a condição de registrar as projeções

⁵³ Linguistic symbols, in particular, are assumed to be associated with (and therefore also trigger or activate) some form of conceptual representation. (...)It is assumed that the process of linguistic integration parallels a process of conceptual integration.

⁵⁴ We can bring two things together mentally in various ways. Blending them is one subset of those ways, and the blends that satisfy the governing principles are a much smaller subset. An even smaller subset consists of those core compression patterns that are entrenched in a culture. The next subset down consists of those entrenched compression patterns that have associated grammatical forms.

entre domínios cognitivos⁵⁵. Assim, passa-se a indicar a relação entre algumas construções através de redes de integração de espaços mentais.

Veja-se, na Figura 6, o exemplo discutido por Mandelblit (1997) em sua tese: aquele da Construção de Movimento Causado. A escolha de tal exemplo também se mostra interessante pelo fato de ter sido esta a construção selecionada para exemplificar a representação proposta por Goldberg (1995).

Note-se que a figura apresenta três espaços, sendo dois espaços-fonte e um espaço-mescla. Na Fonte 1, encontra-se representado o evento que se busca indicar com a forma linguística, mostrada na Fonte 2. As projeções entre elementos do domínio conceptual e elementos do domínio formal constituem o pareamento forma-sentido ao qual a proposta original da Gramática das Construções se refere. Feitos os mapeamentos entre os espaços, surge no espaço-mescla uma construção cujos valores já estão preenchidos pelos elementos selecionados do espaço-fonte que representa o evento em questão, enquadrados pelo esquema sintático proveniente da Fonte 2.

Note-se também que cada uma das setas localizadas entre os espaços-fonte representa uma projeção realizada entre eles. Tais projeções seguem três princípios de otimalidade que fazem com que cada participante do evento seja mapeado a um papel disponível na construção da melhor forma possível. Segundo Mandelblit (1997, p.34), são os seguintes os princípios:

Princípio 1: Apenas papéis que são percebidos como sendo semanticamente compatíveis podem ser mapeados entre si (este princípio segue o *Princípio da Coerência Semântica* para a fusão de Verbos e construções de Goldberg, 1995).

Princípio 2: Quando dois participantes do evento concebido (Fonte 1) instanciam o mesmo papel temático e existe apenas um elemento correspondente na Construção a ser integrada (Fonte 2), então a instanciação mais típica do papel (entre os dois participantes) será mapeada para a Construção a ser integrada. (...)

Princípio 3: Nenhum participante da sequência de eventos concebidos é mapeado para mais de um papel semântico na Construção a ser integrada.

No caso do exemplo na Figura 6 todos os princípios foram respeitados. É importante notar também que, além disso, ou seja, além do mapeamento dos papéis do evento para os da construção, há uma mesclagem das predicções da Fonte 2 no verbo da Fonte 1.

⁵⁵ Na literatura considerada, *domínio* designa *grosso modo* aquilo que também se trata como *frame*: estruturas organizadas de memória, na forma de *cenais conceptuais* (mais especificadas ou mais genéricas); enquadramentos comunicativos destas mesmas cenais; molduras interacionais.

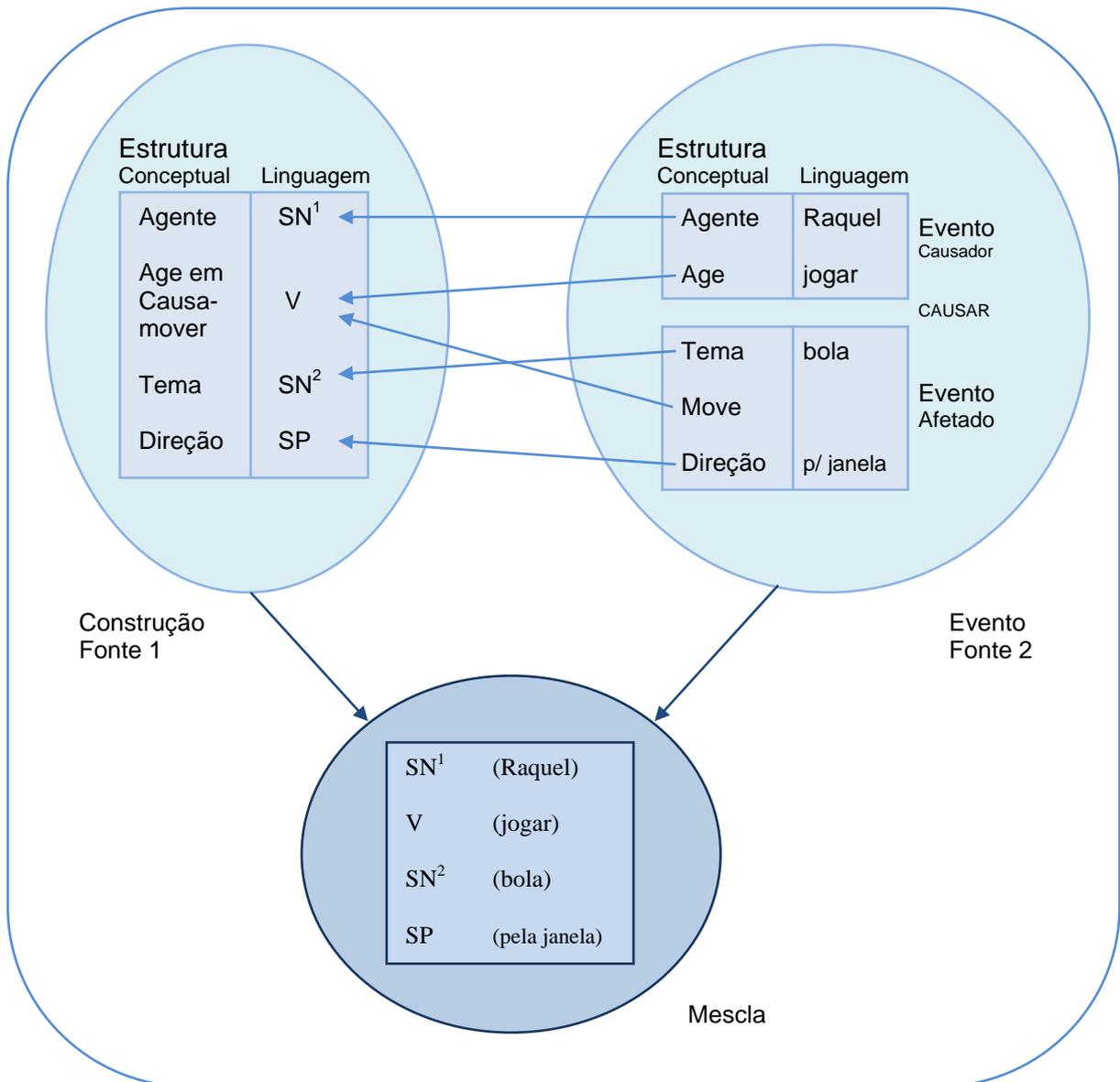


Figura 6: Exemplo de construção de movimento-causado 'Raquel jogou a bola pela janela'

Porém, conforme mostram Fauconnier & Turner (2002, p.374), usando o exemplo da Construção de Movimento Causado em Hebraico, também estudada por Mandelblit (1997) e da Construção Causativa com Dois Verbos em Francês, nem sempre o esquema sintático previsto em uma das fontes será aquele a enquadrar os elementos provenientes da outra fonte. Há casos em que o esquema sintático da construção é emergente na mescla, ou seja, ele utiliza elementos de ambas as fontes para se estruturar e indicar formalmente o processo de mesclagem conceptual que subjaz à construção em questão.

Como exemplo dessa possibilidade, observe-se a análise feita em trabalhos anteriores (TORRENT, 2005; 2008; 2009b) acerca da Construção de Dativo com Infinitivo (DCI), ilustrada em (22) e (23).

- (22) Já tem u acampamentu, ceis vão ficar acampado lá, **eu vou mandar ceder uma parte do alojamentu proceis ficar à vontade lá**, pescam lá a vontade... só que oceis não vão no rio Araguaia. (PFJF – PON3)
- (23) Fazia parte do movimento estudantil e depois com o golpe da ditadura se tornou comunista e tal e... e... foi preso torturado e morto e nunca **devolveram nem o corpo dele pra mãe dele enterrá** e... ela... o filme é uma história dela lutando de todas as formas e maneiras possíveis pra chamar a atenção pra podê... mostrá o quê que a ditadura fazia, né? (PFJF – JFA)

Foi proposto, então, que o DCI tenha emergido através de um processo de mesclagem entre as construções Transferencial (Fonte 1) e a Transitiva do Português (Fonte 2) – inserida no esquema *para (SN) infinitivo* – e que, nesse processo, ocorra uma compressão de dois Papéis Temáticos em um único elemento da mescla, qual seja o Nominal Dativo. Além disso, costuma ocorrer um mapeamento de identidade entre os pacientes das duas construções, que se tornam correferenciais, o que pode fazer com o que o SN da Construção Transitiva seja deletado na mescla. A Figura 7 mostra como se dá esse processo projetivo.

Através dessa proposta, é possível explicar o maior encaixamento do esquema *para (SN) infinitivo* na sintaxe transferencial anterior, já que se assume que esse maior encaixamento seja sinalizador da mesclagem existente entre o participante *Beneficiário* do esquema transferencial e o *Agente* do transitivo.

A consideração da mesclagem como processo estrutural de algumas construções parece não contrariar a proposta da CCxG, uma vez que demonstra a plausibilidade cognitiva de um processo aparentemente sintático.

Essa análise será mais bem desenvolvida no capítulo que se segue, no qual se apresentará uma proposta construcional cognitivista para a rede de construções em *para (SN) infinitivo* no PB.

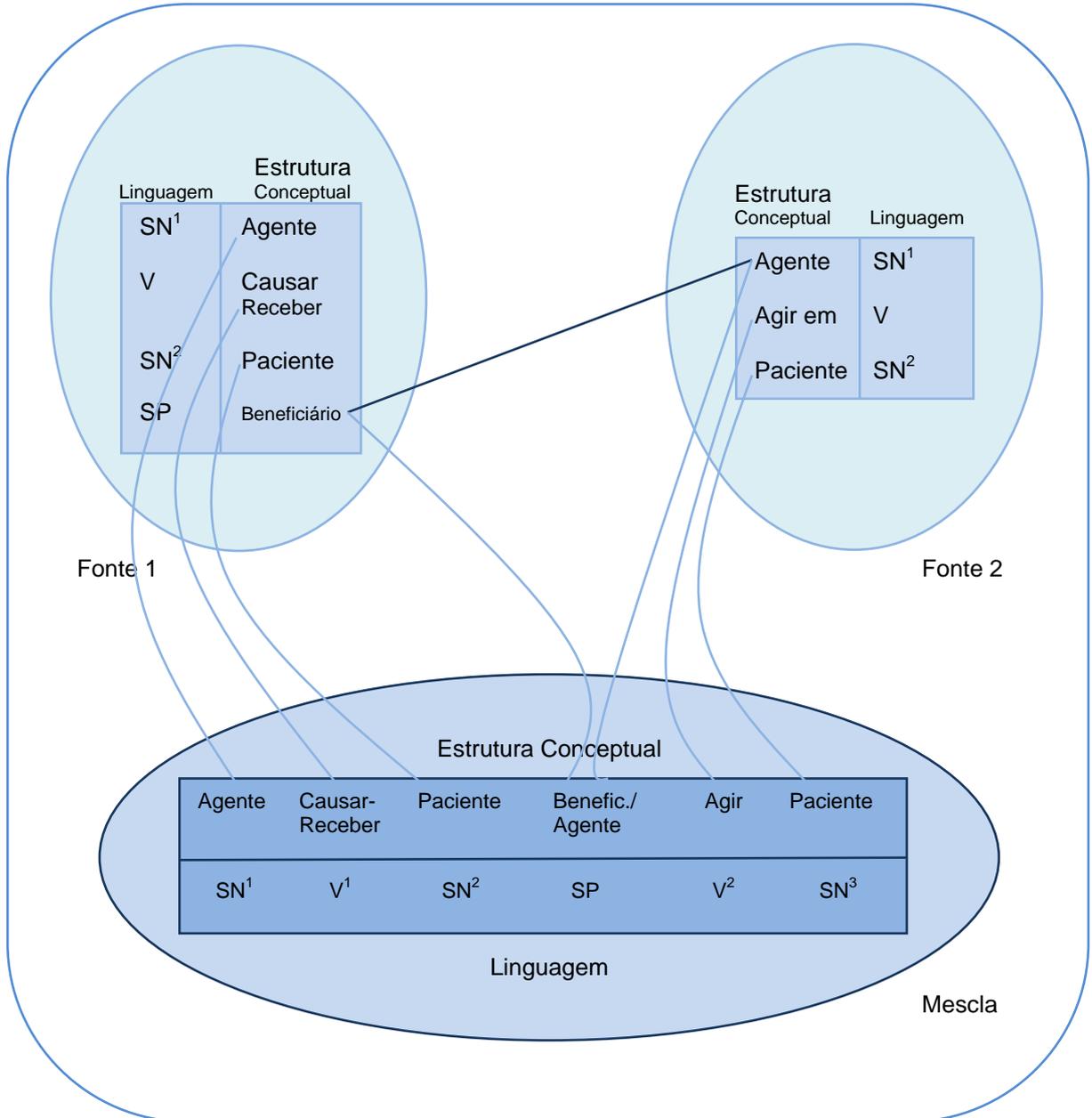


Figura 7: O processo de emergência por mesclagem do DCI

3 A REDE CONSTRUCIONAL EM *PARA (SN) INFINITIVO*

3.1 Caracterização do Esquema Sintático

Conforme já se apontou desde o início deste trabalho, as construções aqui estudadas compartilham o esquema sintático *para (SN) infinitivo*. Porém, dada a adoção de uma perspectiva construcional cognitivista nos moldes da delineada no capítulo anterior, faz-se necessário explicitar que aspectos de forma e sentido estão presentes no conjunto das construções a serem analisadas mais adiante.

No que diz respeito à forma, o esquema é sempre iniciado pela preposição *para*, a qual pode aparecer também em sua forma reduzida *pra*. Casos há em que a preposição aparece mesclada ao artigo ou ao pronome que constitui o núcleo do SN que se lhe segue (e.g. *'procê, pras meninas etc.'*). Além de poder ser preenchido por pronomes, esse SN pode ser preenchido por, nomes, sequências de determinantes e nomes ou mesmo não ser preenchido, o que justifica sua notação entre parênteses. Há ainda casos – em especial nas construções modais – em que o preenchimento do SN é vedado. Por fim, quanto ao verbo infinitivo, este geralmente não se apresenta flexionado.

Já no tangente ao sentido, todas as construções em *para (SN) infinitivo* apontam para um espaço mental que representa, ancorado no esquema cognitivo do movimento em direção a um alvo, uma resultante virtual desejada de uma dada ação, expressa por uma construção de estrutura argumental, ou pelo contexto.

A contraparte semântica das construções em *para (SN) infinitivo*, bem como aspectos de sua configuração sintática, irão variar de acordo com o contexto construcional em que o esquema será instanciado, ou seja, o fato de o esquema aparecer em posição de adjunto, de complemento, inserido em uma auxiliação, ou já cristalizado como um perspectivizador discursivo acrescentará nuances à caracterização ora proposta.

3.2 Identificação das Construções em *Para (SN) Infinitivo*

Antes que se passe à descrição, tendo em vista a sincronia atual do PB, das construções que compartilham o esquema sintático *para (SN) infinitivo*, fazem-se

necessárias certas observações que, em alguma medida, além de retomarem aspectos desta pesquisa que foram mencionados na metodologia, apontam para alguns dos princípios fundamentais das abordagens centradas no uso.

O que se quer dizer é que as construções a serem descritas a seguir, bem como a rede de construções que será apresentada ao final deste capítulo, não foram propostas *a priori*, para que, posteriormente, fossem buscados dados que as comprovassem. Obviamente, havia intuições sobre possíveis padrões construcionais em *para (SN) infinitivo* a serem encontrados, mas a maioria das construções foi identificada ao longo do processo de levantamento dos dados e a decisão referente à proposição de cada nova construção foi realizada tendo-se em vista os quatro princípios propostos por Goldberg (1995) e já delineados no capítulo 2.

Partindo-se sempre do pressuposto de que cada construção é um pareamento de forma e sentido, à medida que as ocorrências de *para (SN) infinitivo* foram sendo levantadas, procedeu-se à análise dos aspectos sintáticos e semânticos relativos ao contexto construcional em que o esquema ocorria. Assim, o princípio da *Não-Sinonímia* foi levado em consideração através tanto da análise das propriedades semântico-pragmáticas de cada construção, quanto da determinação das suas propriedades sintáticas (cf. GOLDBERG, 2006), ou seja, à medida que se determinavam as propriedades da contraparte funcional de cada forma, buscava-se relacionar tal carga de sentido com a estrutura formal observada.

Primeiramente, as construções que se comportavam exclusivamente como cláusulas de finalidade foram separadas das demais. Essas construções se caracterizam semanticamente por indicarem a meta que se quer atingir a partir de dado evento codificado na oração nuclear com a qual elas se combinam. Das 949 ocorrências de *para (SN) infinitivo*, 58,27% foram colocadas nesse grupo.

As ocorrências restantes foram agrupadas de acordo com a semelhança de suas formas de superfície (estrutura argumental, status do esquema na construção – se complemento ou não etc. –, tipo semântico dos verbos presentes na construção com a qual se combina o esquema, entre outras) e com a função exercida pelo esquema em cada uma delas (se complemento, adjetivo, predicativo, advérbio, marcador discursivo etc.).

Foi analisado ainda quão profundamente o esquema estava combinado com o contexto construcional circunvizinho. Segundo Goldberg (2006) a relação de combinação entre construções pode variar desde a sua simples sequenciação na

cadeia da fala, sem que haja qualquer interdependência sintática entre elas, até o caso em que uma dada construção pode acabar por se encaixar⁵⁶ na estrutura argumental de outra. Para as construções estudadas por este trabalho, há ainda os casos em que o esquema *para (SN) infinitivo* passa a compor, junto com um verbo específico, uma construção altamente idiomatizada.

Quanto aos princípios da *Máxima Força Expressiva* e o da *Economia Maximizada*, eles serviram como referenciais constantes no sentido de se evitarem tanto as generalizações demasiadamente amplas quanto a postulação de um número excessivo de construções que poderiam se revelar, na realidade, como instanciações de uma mesma construção. Assim, as propriedades sintáticas e semânticas de cada construção proposta foram analisadas cuidadosamente com objetivo de que fossem denominadas construções apenas aquelas que realmente utilizassem uma forma específica para um significado próprio.

Por fim, o princípio da *Motivação Maximizada*, segundo o qual uma relação sintática entre duas construções é indício da existência de motivação semântica entre elas, é o que fundamenta a proposição da rede construcional.

3.3 As Construções em *Para (SN) Infinitivo*

3.3.1 Construção Adjuntiva Final em *Para Infinitivo*⁵⁷

A forma mais frequente de instanciação do esquema estudado nesta tese – 553 ocorrências (58,27%) dentre as 949 levantadas – é aquela em que ele funciona como uma construção que se combina em uma relação de adjunção com uma construção de estrutura argumental cujos argumentos estejam todos preenchidos ou sejam recuperáveis pelo contexto. Essa construção codifica a finalidade daquela a que serve de adjunto e, portanto, recebe o nome de Construção Adjuntiva Final em Para Infinitivo (CAFPI). Vejam-se os exemplos (24) e (25).

- (24) Ele pagou uma parcela só recorrente ao mês de abril e utilizou o fundo de garantia por tempo de serviço **pra quitar** todo o saldo devedor. (PROCON – CEF)
- (25) Num é não. Não não... Não existe esse hábito. Por quê? Justamente pra coibir, esse tipo de que problema que a gente tem aqui. Ir no PROCON, ir na justiça cível, é o que a gente vem evitando muito. Por quê? A gente acaba, é perdendo tempo em síntese,

⁵⁶ Neste trabalho, o termo *encaixamento* refere-se à situação em que um dado esquema sintático ocupa um dos papéis de participante perfilados por uma construção.

⁵⁷ O "(SN)" foi removido do nome das construções para evitar que ficassem demasiado longos.

porque a gente tem se deslocar do... do local de trabalho, **pra vir** aqui falar sobre sobre esses casos. (PROCON – SUL)

Em ambos os exemplos, a construção codifica uma meta da ação expressa na construção anterior, à qual serve de adjunto. Essa propriedade semântica da CAFPI foi identificada em outros trabalhos de orientação funcionalista acerca das cláusulas de finalidade infinitivas no PB (DIAS, 2001; 2002; MARTELOTTA, 2001). Dias (2001, p. 163), baseando-se na Teoria da Metáfora, conforme proposta por Lakoff e Johnson (2002 [1980]) e Lakoff (1987), define as cláusulas de finalidade como aquelas que

codificam o *movimento* no mundo das intenções. O sujeito e/ou locutor estabelecem um propósito ou finalidade, cuja execução do objetivo demanda o deslocamento de uma origem a uma meta, com uma trajetória, no mundo das intenções. Este *movimento* no mundo das intenções *pode sobrepor-se* ao deslocamento no mundo físico.

Conforme se pode observar nos dois exemplos da CAFPI acima, a definição de Dias (2001) se aplica à construção ora discutida. Em (24), tem-se que a utilização do FGTS teve como meta a quitação do saldo devedor. Trata-se de um movimento, no mundo das intenções, em que o sujeito que utiliza o fundo visa a atingir metaforicamente um destino em que não há mais dívidas a serem quitadas. Já em (25), o movimento intencional sobrepõe-se, conforme a possibilidade aventada por Dias (2001), a um deslocamento no mundo físico, já que o funcionário do banco, que é o enunciador da sequência transcrita em (25), precisa, de fato, se deslocar fisicamente no intuito de atingir a meta relativa ao mundo das intenções.

No que tange à sintaxe, além das propriedades mencionadas acima (a de ser uma construção ligada por adjunção a outra), a CAFPI pode ou não ter o SN do esquema *para (SN) infinitivo* preenchido. Novamente segundo Dias (2001, p.132-140), isso pode ser atribuído ao fato de que, geralmente, o sujeito do verbo infinitivo é correferencial em relação ao sujeito ou outro argumento da construção núcleo, ao qual está ligado⁵⁸.

⁵⁸ Dias (2001) apresenta uma análise detalhada do fator de correferencialidade do sujeito do infinitivo em relação aos argumentos da construção núcleo ao qual ele está ligado. Segundo a autora, dentre as 416 ocorrências de cláusulas de finalidade encontradas por ela em dados de fala, 359 (86%) não traziam o sujeito explícito, sendo que 258 (62%) tinham sujeito correferencial em relação ao sujeito da cláusula núcleo e 68 (16%) ao objeto desta última. Na escrita, as proporções são semelhantes, tendo sido encontradas, dentre as 386 ocorrências levantadas, 360 (93%) sem sujeito explícito: 247 (64%) com sujeito correferencial ao sujeito do núcleo e 51 (13%) com sujeito correferencial ao objeto do núcleo. Dias (2001) ainda investigou outros fatores relacionados aos aspectos sintáticos das cláusulas de finalidade, tais como a manifestação morfológica do sujeito do infinitivo. Tais parâmetros não foram quantificados neste trabalho, uma vez que não foram considerados cruciais para a delimitação das propriedades sintático-semânticas da CAFPI. Isso se justifica pelo fato de que os

Apesar de poder aparecer anteposta à construção com a qual se combina em relação de adjunção, a CAFPI ocorre preferencialmente posposta ao núcleo. Dentre as 553 ocorrências dessa construção nos *corpora* pesquisados para esta tese, em apenas 24 (4,34%) a CAFPI apareceu anteposta à construção à qual servia de adjunto. Houve apenas um caso (0,18%) em que a construção ora discutida ocorreu em posição medial, ou seja, entre os argumentos que compunham a construção núcleo. Na grande maioria das ocorrências – 528 (95,48%) – a CAFPI apareceu posposta à construção núcleo. Os trechos em (26) e (27) exemplificam, respectivamente, a anteposição e a interposição da CAFPI.

- (26) Mas num é assim não... qui **pra ela** [Heloísa Helena] **chegá** lá ela vai fazê alianças escusas e aí quandu chegá... quando ela chegá nu poder essas alianças escusas vão vim cobrá dela, vai fica amarrada que nem u Lula fico... (PFJF – JFA)
- (27) Desde o início começou-se o serviço eles trabalhavam três dias e só iam **pra receber dinheiro** no meu serviço. (PROCON – GES)

É importante reconhecer ainda, com base nos exemplos acima, que as ocorrências da CAFPI antepostas à construção núcleo podem apontar para uma outra função que não a de codificar a finalidade. Conforme atestado por Dias (2001), as cláusulas em *para (SN) infinitivo* antepostas tendem a apresentar funções discursivas. Mais adiante se verá que foram identificadas neste trabalho duas construções em *para (SN) infinitivo* – a Introdutora de Tópico Discursivo e a de Re-Enquadre de Ato de Fala – que apresentam funções altamente discursivas e que tendem a aparecer no início da cadeia da fala.

Ainda que não se trate propriamente de uma anteposição a uma construção nuclear, uma vez que essas duas construções têm escopo sobre sequências maiores do discurso, a posição inicial parece atribuir às construções em *para (SN) infinitivo*, entre elas a CAFPI, uma função de sinalizar ao interlocutor uma alteração no ou introdução de tópico discursivo ou um re-enquadramento da postura do falante no que tange ao seu próprio discurso. Do exemplo em (26), é possível depreender essa função de introdução de tópico. O informante sinaliza para seus interlocutores que abordará o caminho, no domínio metafórico das intenções, a ser percorrido por Heloísa Helena para chegar à presidência⁵⁹.

elementos a preencherem a posição de SN na CAFPI, assim como em outras construções abertas (cf. GOLDBERG, 1995; 2006) são amalgamados ao padrão construcional quando da produção do enunciado sem que isso altere o próprio padrão.

⁵⁹ Não se pretende afirmar aqui que esse uso anteposto da CAFPI seja já uma manifestação da Construção Perspectivadora de Tópico Discursivo em Para Infinitivo, mas, sim, que ele seja um exemplo de um uso da CAFPI menos prototípico que estaria relacionado de forma mais próxima às

Entretanto, ao contrário do que se observa para a Construção Perspectivadora de Tópico Discursivo, a ser apresentada em breve, ainda é possível relacionar o esquema *para (SN) infinitivo* – “*pra ela chegar lá*” – a uma cláusula núcleo – “*ela vai fazê alianças escusas*”. Também é possível perceber a idéia de “*chegar à presidência*” como a meta a ser alcançada pela candidata. Portanto, para esse e outros exemplos semelhantes, preferiu-se classificá-los como pertencentes, mesmo que de maneira menos prototípica, ao conjunto da CAFPI.

Tal escolha não se apresenta como um problema em uma análise que, como a que se desenvolve aqui, toma as categorias como estruturas radiais (cf. LAKOFF, 1987). Isso porque, adotada essa perspectiva de categorização, abandona-se a noção de categorias fechadas como containeres, nos quais os elementos podem ou não ser colocados, e passa-se a organizar os elementos em uma estrutura radial em que a distância de um dado exemplo em relação ao protótipo da categoria é definidora de seu grau de pertencimento à categoria em questão. Nesse sentido, um mesmo elemento pode pertencer, em graus diferentes, a mais de uma categoria de uma mesma rede. Ao que parece, é esse o caso das ocorrências da CAFPI antepostas à construção núcleo.

No que tange ao exemplo em (27), é possível que se proponha uma análise alternativa, na qual se tome o SP “*no meu serviço*” como adjunto e não como argumento da Construção de Movimento. Entretanto, como se verá a seguir, optou-se nesta tese por descrever a Construção de Movimento como aquela composta pelo esquema $[SN V_{mov} SP]$, em que V_{mov} é um verbo que indica movimento em uma trajetória, e o SP indica algum ponto nessa trajetória, seja ele a origem, o destino ou mesmo um ponto aleatório. Portanto, visando-se à manutenção da coerência da análise do tipo da construção núcleo à qual a CAFPI se combina como adjunto, optou-se por considerar a ocorrência em (27) como um exemplo de interposição da CAFPI em uma Construção de Movimento.

A análise empreendida também verificou os padrões construcionais de transitividade que podem ocorrer na construção nuclear e na CAFPI⁶⁰. Para o núcleo foram encontradas sete possibilidades de construção de estrutura argumental:

construções discursivas do que as ocorrências não antepostas da construção de finalidade. A disposição das construções em Para (SN) Infinitivo em uma rede será abordada mais adiante neste capítulo.

⁶⁰ Faz-se necessário ter em mente que, além de se combinarem na cadeia da fala de forma sequencial, as construções podem ser colocadas umas dentro das outras, assim como as palavras – que também são construções – dentro dos sintagmas.

Transitiva Direta (235 ocorrências – 42,49%); de Movimento/Estativa⁶¹ (179 ocorrências – 32,37%); Intransitiva (44 ocorrências – 7,96%); Nominal (33 ocorrências – 5,97%); Transitiva Indireta (33 ocorrências – 5,97%); Transferencial (25 ocorrências – 4,52%) e Existencial (4 ocorrências – 0,72%). O Quadro 4 traz mais informações acerca das propriedades das construções núcleo identificadas nos dados. São apresentados o tipo da construção núcleo, o seu esquema de pareamento de forma e função⁶² e um exemplo de ocorrência dessa construção com a CAFPI.

É necessário que se ressaltem dois pontos importantes: (i) que o esquema da construção núcleo nem sempre apresenta todos os seus papéis de participantes preenchidos, uma vez que eles podem ser retomados do contexto e (ii) que um determinado esquema construcional não precisa ser preenchido, necessariamente por um tipo verbal específico. No caso da construção transitiva, por exemplo, o padrão *[SN V SN]* pode ter verbos de ação, de processamento cognitivo, de posse etc.

Já no que tange à construção adjuntiva, podem se instanciar na CAFPI as construções Transitiva Direta (295 ocorrências – 53,35%); Intransitiva (109 ocorrências – 19,71%); Movimento/Estativa (97 ocorrências – 17,54%); Transitivas Indiretas (23 ocorrências – 4,16%); Transferenciais (17 ocorrências – 3,07%) e Nominais (12 ocorrências – 2,17%). O cruzamento dessas frequências com as relativas ao tipo de construção do núcleo não parece indicar nenhuma tendência combinatória que não seja explicável pelas altas frequências das construções Transitivas e de Movimento nos dados levantados.

⁶¹ Construções como *“Ele foi para a escola”* e *“Ele ficou em casa”* foram agrupadas sob o rótulo de Construções de Movimento e Estativas devido a sua semelhança formal – elas compartilham o esquema SN V SP – e ao fato de que parece ser o verbo que define se a função de SP será a de codificar uma origem, um alvo ou outro ponto fixo numa trajetória. Quando se depara com ocorrências como *“Eu fiquei em casa para estudar”*, mesmo que não se trate de uma construção que indica um movimento em curso, há implícito o esquema do deslocamento por uma trajetória. Porém o que ocorre, é que o verbo a preencher a construção focaliza um ponto da trajetória em que houve uma interrupção do deslocamento.

⁶² Os papéis argumentais utilizados no Quadro 4 apresentam todas as possibilidades de preenchimento das construções de estrutura argumental listadas. Assim, na estrutura argumental Transitiva Indireta, por exemplo, haveria um subtipo em que o verbo codifica um evento experienciado e outro subtipo em que o verbo codifica uma ação. Não foram analisados cada subtipo separadamente, já que a proposta desse trabalho não é de cunho variacionista e uma vez que o fator “estrutura argumental da construção nuclear” interfere no uso da CAFPI em situações bem específicas, tais como aquelas em que se codifica na cláusula nuclear uma relação de posse ou a existência de um recurso, conforme se verá mais adiante.

Construção	Pareamento Forma-Função	Exemplo
Transitiva Direta	SN → Agente V → Agir SN → Paciente	Eu se quisé dá um... <u>comprá uma medalhinha pra dá</u> um... uma pessoa aí, Maria da... da Piedade num ia comprá Maria da Piedade não ia comprá uma Maria, Santa Maria e mandá pra ela. (PFJF – PON3)
Movimento / Estativa	SN → Agente V _{mov} → Mover SP → Alvo/Origem	<u>A patrulha do exército vai pra rua pra vê</u> se tem gente do exército fazendo coisa errada lá. (PFJF – PON3)
Intransitiva	SN → Agente V → Agir	Eu sei o que é <u>trabalhar pra ganhar</u> mil reais, que isso! (PROCON-JF – GES)
Nominal	SN → Experienc. V _{cop} → Cópula SN → Tema	Por isso nós chamamos essa, foi o que foi passado pra nós. pelo reclamante. Que <u>o seguro aqui, foi uma imposição, para se fazer o empréstimo</u> então aí, taria configurado a venda casada. (PROCON – SUL)
Transitiva Indireta	SN → Agente/Exp. V → Agir/Experenciar SP → Tema	Então <u>a gente vai depender de opiniões de terceiros especializados pra avaliar</u> esse caso, pra gente se basear em tempo de execução de serviço, em realmente o que que foi contratado.
Transferencial	SN ¹ → Agente V _{transf} → Causar-Mover SN ² → Paciente SP → Alvo	Aí tinha que <u>mandá pra cidade a televisão pra...pra concertá</u> . (IBITI – VIC)
Existencial	V _{ex} → Existir SN → Tema	Mas <u>num existe um...um...uma ressalva</u> , né? pra emancipá esses municípios que são diferentes, né? que têm suas características, no turismo.

Quadro 4: Tipos de construção às quais a CAFPI pode se combinar.

3.3.2 Construção de Dativo com Infinitivo

A Construção de Dativo com Infinitivo (CDCI)⁶³ foi estudada em trabalhos anteriores (TORRENT, 2005; 2008; 2009b), nos quais se propôs que ela se caracteriza formalmente pela estrutura $[SN V_{trans} SN para SN V_{inf}]$ e funcionalmente por comprimir no SN regido por *para* (chamado dativo) os papéis de Beneficiário da transferência e Agente do verbo infinitivo. Diferentemente da CAFPI, na CDCI o esquema *para (SN) infinitivo* funciona como um complemento da construção com a qual se combina. Logo, a complementação será considerada, neste trabalho, como

⁶³ A Construção de Transferência de Recursos com o verbo *dar* proposta por Salomão (1990) está incluída entre as possibilidades de realização da Construção de Dativo com Infinitivo. Mais adiante se mostrará que a Rede de Construções em Para (SN) Infinitivo, proposta nesta tese, e a Rede de Construções com Dar, proposta por Salomão (1990), se sobrepõem em algumas construções, configurando relações múltiplas de herança construcional.

um processo sintático-semântico através do qual uma determinada construção passa a ocupar a posição de um dos participantes de outra construção⁶⁴.

Exemplos dessa construção podem ser encontrados em (2), (23), (24) e nos trechos abaixo:

- (28) A direita seria pro pro Antenor Correia... a esquerda ia ... Zeca Fernandes... por ali a mamãe... foi dali daquela região ali ela foi criada ali porque... **vovô deu ela pra lá pá Naninha e Corinha criá ela** a mamãe lá junto cum Zeca Fernandes (PFJF – PON1)
- (29) Amanhã eu vou pagá a conta de luz e... a conta de telefone deve tá chegando, né Aline? Podia **deixar a chavinha pra mim pegá a conta de tel** aí então (PFJF – JFA)

Ao todo, foram encontradas 25 ocorrências desse padrão construcional nos dados sincrônicos levantados, o que responde por 2,63% do total. Dessas, 19 (76%) têm o *slot* do verbo finito preenchido por um verbo bitransitivo – em especial o verbo *dar*, que responde por 12 ocorrências (48% do total) – assim como ocorre no exemplo em (28). Entretanto, outros verbos, como *deixar* – vide exemplo (29) –, *ler*⁶⁵ e *colocar* também podem ocorrer na posição do verbo finito, passando a ser interpretados como transferenciais devido a uma contribuição de significado trazida pela construção.

Como se pode ver nos exemplos acima, ocorre, no SN regido por *para*, uma mesclagem dos papéis temáticos de Beneficiário da transferência e Agente do verbo infinitivo. Assim, em (28), “*Naninha e Corinha*” são, a um só tempo, as beneficiárias do ato do avô de dar sua filha, mãe do informante, e aquelas que vão realizar o ato de criar a menina recebida. Já em (29), o informante é a um só tempo o beneficiário do ato de se deixar a chavinha e aquele que vai pegar as contas que se encontram em uma caixa de correio que é aberta pela chavinha recebida.

O esquema sintático da CDCI funciona, portanto, conforme diagramado na Figura 7, do capítulo 2, como uma pista formal de um processo de mesclagem conceptual e construcional. Do ponto de vista conceptual, dois participantes de dois eventos distintos, o beneficiário de uma transferência de posse e o agente de uma ação, são mapeados entre si, primeiramente, por uma relação vital de Analogia.

⁶⁴ A posição ocupada pelo esquema *para (SN) infinitivo* não é a de objeto, conforme o que é costumeiramente entendido por complementação (NOONAN, 2007). Isso se torna possível na abordagem desenvolvida neste trabalho uma vez que, se (i) o que importa tanto para o falante quanto para a análise são as formas de superfície e se (ii) a construção prevê um complemento oblíquo em sua forma de superfície, o mais relevante não é a natureza do complemento – se objeto ou se oblíquo – mas sim o fato de ser previsto na grade de participantes da construção.

⁶⁵ O verbo *ler*, tomado fora de contexto, não seria apontado como transferencial. Porém, assim como ocorre com *sneeze* (*espirrar*), no exemplo clássico da Construção Ditransitiva analisada por Goldberg (1995) – *She sneezed the napkin off the table* –, ao se amalgamar à construção, *ler* passa a indicar o modo como se dá a transferência que possibilita que o Beneficiário se engaje no evento resultante como seu Agente ou Experienciador.

Durante o processo de mesclagem, tal Analogia entre os dois participantes dos dois eventos é comprimida em Identidade, enquanto a transferência e a ação resultante desta são concebidas como um único evento complexo em uma relação de Causa-Efeito.

Na mescla, a relação de Identidade é comprimida em Unicidade, fazendo com que o beneficiário e o agente sejam concebidos como um único indivíduo. A relação de Causa-Efeito é mantida na mescla, porém ocorre a emergência de uma estrutura de significado em que a ação a ser realizada é a resultante virtual da transferência, a qual, espera-se, se dê automaticamente caso a transferência se concretize.

Do ponto de vista construcional, mesclam-se de maneira oportunista⁶⁶ a Construção Transferencial e a Construção Transitiva Direta, a qual, por sua vez, se encontra inserida em uma Construção Adjuntiva Final em Para Infinitivo. Isso significa dizer que, devido a uma semelhança de forma e sentido entre duas construções, elas acabam por se unir em uma outra forma que é capaz de comprimir aspectos de ambas as construções-fonte. O esquema sintático *para (SN) infinitivo*, por ser introduzido por *para*, guarda semelhanças formais com a Construção Transferencial a qual, mesmo quando tem sua grade de participantes preenchida por construções não-oracionais, prevê complemento oblíquo regido por *para*, conforme pode ser visto no exemplo (30):

- (30) Sitiantes, e os sitiantes vivero com muita dificuldade...o cara tá vivo hoje com o leite trinta e dois centavos o litro, tem que andá aí às vezes quilômetros pra chegá no ponto do caminhão...chega no final do mês **aquele dinheiro num dá uma receita nenhuma pra ele**, muito pequena... então precisa do ibitipoquense ser inserido no turismo de verdade. (IBITI – WAL)

Além da semelhança formal, subjaz tanto à CAFPI quanto à CDCI a noção de movimento metafórico em direção a uma resultante desejada, o que explica o oportunismo conceptual dessa mesclagem.

⁶⁶ Exemplos clássicos de mesclagens oportunistas são encontrados em composições por truncamento, nas quais dois vocábulos são unidos seletivamente para formar um novo que, além de conter aspectos semânticos dos dois anteriores, ainda apresenta um significado emergente único. Como exemplos desse processo, podem ser citadas formações como “*chunnel*”, utilizada pelos britânicos para indicar o Eurotúnel (tunnel under the channel); “*Goianobyl*”, referente à cidade de Goiânia quando do acidente com o Césio 137; ou “*Passafogo*” e “*Del Gatilho*”, formas de ironizar a questão da violência nos bairros do Rio de Janeiro. Só é possível haver a mesclagem das construções “tunnel” e “channel”, “Goiânia” e “Chernobyl”, “passar fogo” e “Botafogo” e “gatilho” e “Del Castilho” porque, além de apresentarem semelhanças formais perceptíveis em sua superfície, compartilham enquadramentos semânticos equivalentes, respectivamente o do transporte, o da tragédia nuclear e o da violência urbana.

Ainda, há que se considerar uma das principais propriedades semânticas da CDCI, qual seja a noção de que o recurso transferido ao Beneficiário-Agente é o que possibilita sua participação no evento codificado pelo infinitivo. A proeminência desse traço semântico da CDCI foi colocada de maneira ainda mais evidente por Salomão (1990; 2007) em sua análise da Construção Habilitativa com Dar. Segundo a autora,

A Construção Habilitativa [com Dar] herda estrutura da Construção de Transferência de Propriedade através de um Link Metafórico (Goldberg 1995). Ela também se combina com a Construção de Finalidade para motivar seu *frame* como um todo. (...) Como já foi apontado anteriormente (Goldberg 2006), as Construções são motivadas por Herança e/ou através de combinação sintagmática. A Construção Habilitativa com Dar herda a estrutura de *frame* da Transferência de Posse e se combina com a Construção de Finalidade para constituir seu próprio pareamento complexo de forma e sentido. Combinada à finalidade, a Construção permite as seguintes inferências: (i) O RECURSO TRANSFERIDO HABILITA O RECIPIENTE A SE MOVER EM DIREÇÃO AO DESTINO PRETENDIDO; (ii) O RECIPIENTE HABILITADO É UM AGONISTA COM PODER DE AÇÃO; (iii) A MUDANÇA NO PADRÃO DE DINÂMICA DE FORÇAS DESBLOQUEIA O CAMINHO DO AGONISTA. (SALOMÃO, 2007, p.7)⁶⁷

Pela leitura da proposta de Salomão (2007), fica evidente que a Construção Habilitativa com Dar é uma das instâncias da CDCI, muito provavelmente aquela que possibilita a generalização do padrão construcional [*SN V_{trans} SN para V_{inf}*] para outros verbos que não o *dar*, caso se considere a hipótese das abordagens para aquisição da linguagem centradas no uso (TOMASELLO, 2003; GOLDBERG, 1995; 2006) de que os verbos que codificam as cenas mais básicas da experiência humana formam a base para a generalização de padrões de estrutura argumental.

Além da mesclagem de Beneficiário e Agente no SN regido por *para* e da noção de habilitação por via de transferência de recursos fundada na Dinâmica de Forças (cf. TALMY, 1981; 1988; 2001), a CDCI pode ser caracterizada também pela existência de correferencialidade entre o paciente da transferência e o tema da ação infinitiva. Tal fato se verificou em 11 das 25 ocorrências (44%) e é indício de que o processo de mesclagem que dá origem a essa construção pode estender aos papéis

⁶⁷ The Enablement Construction inherits structure from the Transfer of Ownership Construction via a Metaphorical Link (Goldberg 1995). It also combines with the Purpose Construction to motivate its whole frame. (...) As it has been pointed out before (Goldberg 2006), Constructions are motivated via Inheritance and/or by syntagmatic combination. The Enablement dar Construction inherits frame-structure from Transfer of Possession and combines with the Purpose Construction to constitute its own complex syntactic/semantic pairing. Combined with Purpose, the Construction allows the following inferences: (i) THE TRANSFERRED RESOURCE ENABLES THE RECIPIENT TO MOVE TO THE INTENDED DESTINATION; (ii) THE ENABLED RECIPIENT IS AN EMPOWERED AGONIST; (iii) THE SHIFT IN THE FORCE-DYNAMICS PATTERN UNBLOCKS THE PATH OF THE AGONIST.

de Paciente/Tema a compressão de Identidade em Unicidade verificada para o Beneficiário/Agente.

Assim como o que se verificou para os casos de CAFPI anteposta à construção núcleo, há ocorrências da CDCI que são menos prototípicas. Dentre as 25 levantadas, em 4 (16%) não é possível atribuir ao sujeito do infinitivo o papel temático de Agente. Um exemplo de tais ocorrências é transcrito abaixo:

- (31) Já tem u acampamentu, ceis vão ficar acampado lá, eu vou mandar **ceder uma parte do alojamentu proceis ficar à vontade** lá, pescam lá a vontade... só que oceis não vão no rio Araguaia. (PFJF – PON3)

Note-se em (31) que ao sujeito do infinitivo *ficar* atribui-se uma função mais próxima da de Experienciador do que da de Agente. No exemplo (32) a seguir, essa discrepância é ainda maior, conforme se pode verificar abaixo:

- (32) **Eu vou dá veneno pra aquele cachorro dela morrer...** ele late sete horas da manhã (PFJF – JFA)

Uma vez que o verbo infinitivo na ocorrência de CDCI acima é *morrer*, seu sujeito deve ser classificado como Paciente e não como Agente. Tampouco é possível dizer que, no exemplo acima, o cachorro seja o Beneficiário da transferência do veneno. Entretanto, optou-se por alocar essa ocorrência, assim como a transcrita em (31) e duas outras semelhantes na categoria da CDCI pelo fato de todas elas ainda compartilharem a mescla de dois elementos em um único, através da compressão de Identidade em Unicidade, e a noção de transferência como meio para se atingir um estado resultante esperado.

Por fim, há ainda o caso de 7 ocorrências (28%) em que o papel de Beneficiário é codificado também em um pronome oblíquo anteposto ao verbo finito, como o que se pode verificar na ocorrência em (33).

- (33) Dionatas, donde que o pai dele tirô... **me deu duas chances pra mim advinhá** come que escreve o nome dele. Adivinha se eu acertei? (PFJF – JFA)

A princípio, poder-se-ia argumentar que a ocorrência acima não mantém a premissa básica da CDCI, qual seja a da mesclagem de Beneficiário e Agente no SN dativo, uma vez que o Beneficiário encontra-se codificado pelo pronome oblíquo. Entretanto, novamente com base no pressuposto das categorias radiais, propõe-se que ocorrências como a encontrada em (33) não sejam, de fato, o protótipo da categoria Construção de Dativo com Infinitivo, o que não invalida o fato de que elas pertençam a essa categoria, porém, de maneira mais marginal.

Caso se leve em consideração que todas as ocorrências analisadas nesta tese são oriundas de textos reais, produzidos por falantes reais em interações reais, ganha-se mais um argumento em favor da alocação de tais exemplos na categoria da CDCI. Isso porque, em especial na interação verbal face a face, a espontaneidade do discurso pode levar, de forma natural, à produção de sequências discursivas pouco prototípicas, mas nem por isso impossíveis de serem descritas, analisadas e classificadas.

Contudo, frente ao desafio das abordagens centradas no uso, qual seja o de estudar a língua a partir de dados extraídos de situações reais de uso, é necessário adequar o olhar analítico para perceber que desvios em relação ao protótipo estabelecido não são um problema da análise, mas sim um efeito de uma miríade de fatores que podem influenciar a produção instantânea do discurso. Assim, o fato de o falante inserir um pronome oblíquo junto à CDCI não significa que ele não mais reconheça que Beneficiário e Agente são comprimidos em um único indivíduo, mas, sim, que ele se baseou em um protótipo de Construção Transferencial disponível, em que o pronome oblíquo, e não o SN regido por *para*, pode representar o Beneficiário.

O fato de ele ter se baseado nesse protótipo não impede que ele não se refira ao elemento beneficiado novamente através do SN regido por *para*, mesmo porque há evidências da atribuição do papel de Beneficiário a esse SN: (a) a marcação morfológica dativa (*mim*) se faz presente em 2 das 5 ocorrências desse padrão com a primeira pessoa do singular e (b) a possibilidade de dupla marcação do Beneficiário, em estruturas como “*Ele me deu o livro pra mim.*”, bastante comuns no PB falado.

3.3.3 Construção Manipulativa de Complementação em Para Infinitivo

O segundo padrão construcional que toma o esquema *para (SN) infinitivo* como complemento tem forma de superfície idêntica à da CDCI, porém, apresenta mapeamento funcional bem distinto. Trata-se dos casos em que a forma $[SN_{V_{prop/mov/manip}} SN_{para} SN_{V_{inf}}]$ tem a posição de V preenchida por verbos

proposicionais⁶⁸, de movimento causado ou de manipulação, tais como *pedir*, *levar* e *contratar*; a posição do segundo SN preenchida pelo elemento manipulado – ou afetado – e a resultante almejada do ato manipulativo expressa pelo esquema *para SN infinitivo*, conforme vem exemplificado em (34) e (35) a seguir.

- (34) INQ.: - Senhora é vicentina?
 INF.: - Eu sô... e tem um méis que eu num vô... até **pedi uma colega minha lá pra ela** í me representano. (IBITI – AUR)
- (35) Aí tinha uma bica d'água e ela gritava: "ah mia Nossa Senhora do Milagre, tô tão apertada...tenho que lavá ropa pos outro, tenho que lava pa nós, né?" aí diz ela que oiô assim pra lá, **pedino Nossa Senhora pa'judá**,ela viu Nossa Senhora, mia fia, diz que apareceu pa ela, evinha do lado de um caminho assim, dum atalho (inint) que tinha lá, sabe? com um cabelo grande assim, toda vestida de azul assim...azul claro...tava aquele véu assim na cabeça e a ropa tamém , a vestimenta de Nossa Senhora...diz ela qu'era a Nossa Senhora. (IBITI – APA)

Em (34), a informante é a manipuladora, ela é quem pede a uma amiga que vá a uma reunião em seu lugar. A amiga é a manipulada e o comportamento de ir à reunião é o objetivo da manipulação. Novamente, o esquema sintático *para (SN) infinitivo* aponta para um espaço mental no qual se configura a resultante almejada de uma ação causativa, nesse caso, a manipulação do comportamento da amiga.

O mesmo vale para o exemplo (35), em que a lavadeira na história contada pela informante age como manipuladora do comportamento de Nossa Senhora, no intuito de obter uma ajuda divina para conseguir terminar seu serviço que se acumulava.

É interessante notar, nas construções acima, uma alteração de transitividade na construção de estrutura argumental que toma o esquema *para (SN) infinitivo* como complemento. Originalmente, i.e., antes de se combinar ao esquema e formar a Construção Manipulativa de Complementação em Para Infinitivo (CMCPI), a Construção Manipulativa do PB – *Ele pediu dinheiro pro vizinho* – toma como complemento direto o objetivo da manipulação e como complemento indireto – regido por *a* ou *para* – o manipulado. Na CMCPI esta regência invertida possibilita que a construção que codifica o evento causador possa ser mesclada de forma oportunista ao esquema regido por *para* que codifica o evento causado.

Foram encontradas nos *corpora* do século XXI 39 ocorrências da CMCPI (4,11% do total). Nelas, a posição do verbo finito pode ser ocupada por verbos de três tipos semânticos, os quais coincidem com os tipicamente encontrados em

⁶⁸ Verbos proposicionais são entendidos nesta tese como aqueles que funcionam como *space-builders* (FAUCONNIER, 1997) que introduzem o espaço mental em que se enseja o discurso reportado.

outras línguas (cf. NOONAN, 2007, p.136-137): em 29 (74,36%), a posição de verbo finito é ocupada por um verbo de tipo semântico proposicional; em 6 (15,38%), por um verbo que indica movimento causado (*levar, colocar e botar*); e em 4 (10,26%), por verbos de manipulação/permissão (*ajustar, contratar e liberar*). A todos os tipos de verbos encontrados na construção em questão subjaz a noção de deslocamento para um destino, presente também nas demais construções em *para (SN) infinitivo* estudadas até aqui. Nos verbos de movimento causado, essa noção fica bastante transparente, visto que seu significado retoma diretamente a Dinâmica de Forças envolvida na causação codificada pela CMCPI. Para os de manipulação/permissão, recruta-se, da mesma forma, a conceptualização da relação de causa-efeito como um deslocamento, causado ou permitido, de uma origem a um destino. Já para os verbos proposicionais, a relação entre seu significado e o esquema imagético do deslocamento para um destino é sustentada ainda pela Metáfora do Conduto (cf. REDDY, 2000 [1979]).

O esquema cognitivo da causação emerge quando da integração do evento causador – manipulação, proposição ou movimento – ao evento resultante, codificado pelo esquema *para (SN) infinitivo*. Costumeiramente, conforme o previsto em trabalhos de orientação tipológica (GIVÓN, 2001, p.41; NOONAN, 2007, p. 136-137), o afetado do evento causador e o agente do evento causado são correferenciais⁶⁹, ou seja, são mapeados entre si através de uma relação vital de Analogia, a qual, por sua vez, é comprimida em Identidade, de forma semelhante ao que se verifica para a Construção de Dativo com Infinitivo. Este mapeamento conceptual é marcado formalmente pela equideleção⁷⁰ do sujeito do infinitivo, o que ocorre em 33 (84,61%) das 39 ocorrências da construção encontradas nos dados; ou pelo preenchimento desta mesma posição por um pronome de referenciação anafórica – 6 ocorrências (15,39%).

A relação de Identidade entre o manipulado do evento causador e o agente do evento causado abre o caminho para um processo de mesclagem ainda mais aprofundado, cujo produto é a construção que se descreve a seguir.

⁶⁹ Em levantamento de dados para trabalho anterior (TORRENT, 2005), foram encontradas no *corpus* do Programa de Estudos sobre os Usos da Língua (PEUL – UFRJ) ocorrências da Construção Manipulativa de Complementação em Para (SN) Infinitivo em que a correferencialidade entre o manipulado e o agente do infinitivo não se verifica. Casos como esse não foram encontrados nos *corpora* levantados para esta tese e não foram, portanto, quantificados.

⁷⁰ Optou-se por utilizar nesta tese a forma aporuguesada do termo inglês *equi-deletion*, o qual se refere, segundo Noonan (2007, p.77), ao apagamento dos sujeitos das cláusulas-complemento quando eles são correferenciais em relação a algum outro argumento da cláusula-núcleo.

3.3.4 Construção Manipulativa de Complementação Mesclada em Para Infinitivo

Uma vez que a entidade afetada pela manipulação e aquela que ocupa o papel de agente do evento causado são tão frequentemente correferenciais entre si, sua relação de Identidade é novamente comprimida, dessa vez em Unicidade. Por sua vez, a contraparte formal da construção também passa por nova compressão, na qual o SN que ocupa, na Construção Manipulativa de Complementação em Para (SN) Infinitivo, a posição de objeto do verbo finito é mesclado ao SN que ocupa a função de sujeito do infinitivo, caracterizando a Construção Manipulativa de Complementação Mesclada em Para Infinitivo, exemplificada em (36).

- (36) Seu Apolônio, **eu vou pedir pro senhor contar** outro caso aqui, qualquer um que o senhor quiser contar, que foi uma situação difícil, uma coisa assim que o senhor teve que enfrentar, por exemplo às vezes o senhor teve que sair fora de um bicho ou de uma assombração, ou qualquer um caso assim... (IBITI – AMA)

Nesse enunciado, o SN *o senhor* pode ser mapeado semanticamente tanto como o afetado pelo pedido quanto como aquele que vai contar outra história, comportamento objetivado pela manipulação. O processo de compressão é, portanto, mais avançado, uma vez que se comprime a Analogia entre o manipulado e o agente em Identidade e, posteriormente, essa relação é comprimida em Unicidade, sendo que uma única contraparte formal é utilizada para fazer referência aos dois papéis.

Além disso, o objetivo da manipulação e a ação a ser desempenhada pelo afetado-agente também são comprimidos em Unicidade, não sendo mais possível separar os dois argumentos da Construção Manipulativa como um todo. A relação de causação continua emergindo na mescla. A Figura 8 ilustra como se dá o processo de mesclagem que dá origem à construção em discussão.

Ao todo, foram encontradas 20 ocorrências da Construção Manipulativa de Complementação Mesclada em Para Infinitivo (2,11% do total). Em todas, a posição do verbo finito é ocupada por um verbo proposicional de pouca força ilocucionária⁷¹.

⁷¹ O conceito de pouca força ilocucionária se aplica, nesta tese, aos verbos proposicionais que introduzem discursos reportados nos quais o falante não perspectiviza o que foi dito como uma ordem direta.

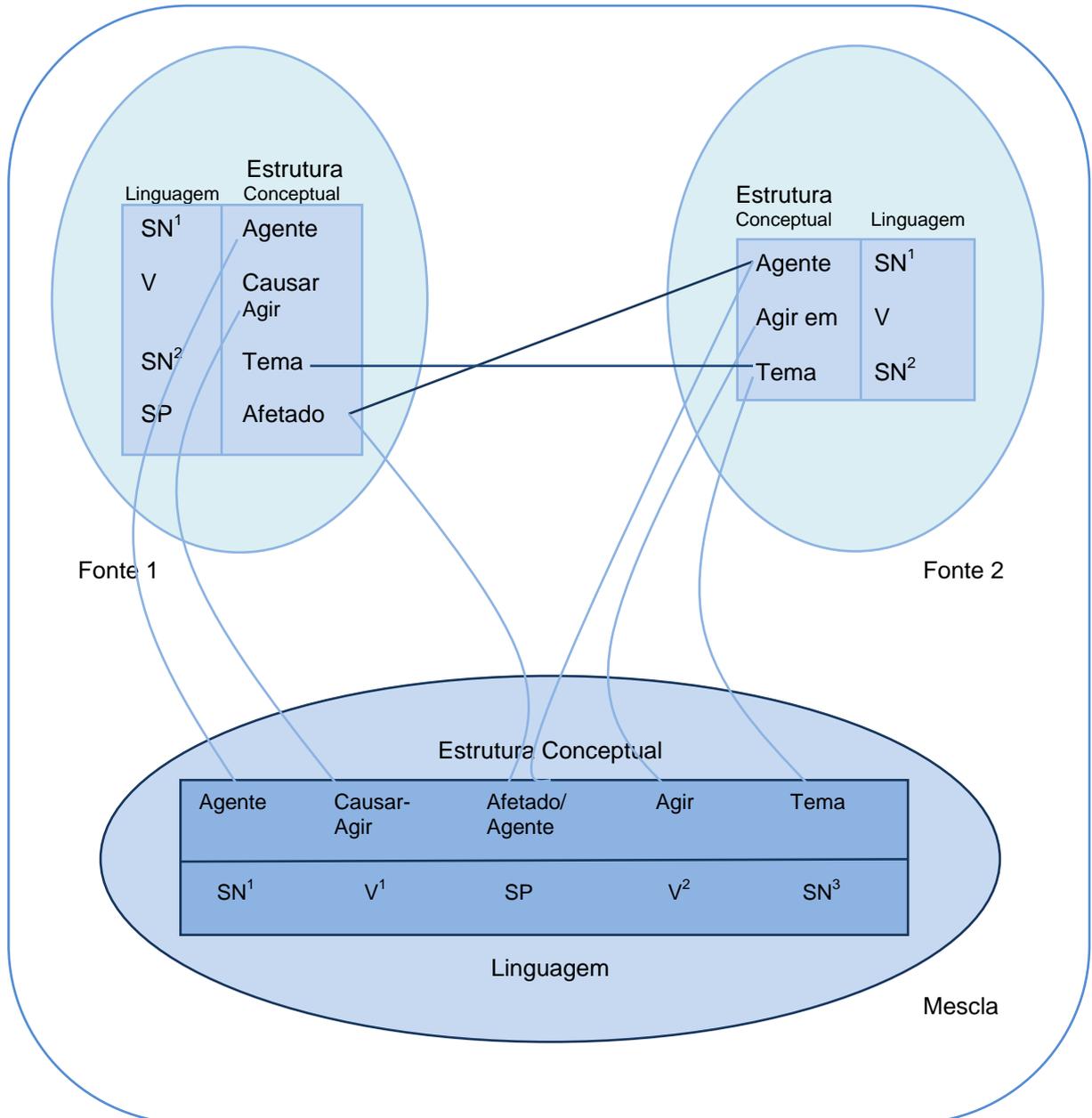


Figura 8: O processo de emergência por mesclagem da Construção Manipulativa de Complementação Mesclada em Para Infinitivo

3.3.5 Construção de Tempo Decorrido de Complementação em Para Infinitivo

Nessa construção, verbos indicando passagem de tempo duradoura – tais como *demorar* e *custar* – ocupam a posição do verbo finito, perfilando dois argumentos: um Tema/Tempo Decorrido, que preenche a posição de objeto; e uma mescla do Experienciador da passagem de tempo e do Agente/Experienciador do infinitivo, que preenche a posição de oblíquo introduzido por *para*. Assim, tem-se o esquema sintático $[V_{temp} SN \text{ para } SN V_{inf}]$, o qual se manifesta no exemplo (37).

- (37) Sonia: Ela fiou a mão na minha cara que eu tava com inveja, que eu tava com ciúmes, que ela tava casando, que ele não era nada disso, que ele era um príncipe encantado e que eu era um enalhada de quinze anos. E que eu não iria no casamento dela porque eu tava querendo evitá o trem... tudo bem... **demoro catorze anos pra ela acreditar** no que eu tinha falado, mas...
 Clara: Não catorze, menos.
 Ana: Não, catorze anos... Que eu separei.
 Sonia: Catorze anos que **cê demoro pra acreditar**, num foi?
 Ana: Foi, foi catorze anos. (PFJF – TOM)

Mais uma vez, o esquema *para (SN) infinitivo* codifica o destino de um movimento metafórico, no plano das intenções. Porém, ao invés de ser o causador do evento codificado no infinitivo, conforme o que ocorre na CDCI e nas Construções Manipulativas, o evento indicado pelo verbo finito se refere à imposição de uma barreira metafórica ao movimento em direção à resultante almejada. Tal barreira é quantificada metaforicamente em termos do tempo que se leva para que se conclua a ação ou processo expresso no verbo infinitivo.

No caso do exemplo (37), há uma barreira metafórica de 14 anos entre o momento em que Sônia avisa a Ana sobre a péssima índole do futuro marido e a separação desta última, indicativa de que o processo pretendido por Sônia – sua irmã acreditar naquilo que ela havia dito – se concretizara.

As estruturas conceptuais que dão sustentação à interpretação dessa construção são duas: a noção de Dinâmica de Forças (cf. TALMY, 1981; 1988; 2001), através da qual é possível conceptualizar a barreira interposta ao deslocamento do Agonista em direção à resultante pretendida; e a metáfora TEMPO É ESPAÇO (cf. LAKOFF & JOHNSON, 2002 [1980]), através da qual se conceptualiza essa barreira em termos do tempo decorrido entre os primeiros esforços em prol da resultante almejada e sua concretização. A existência de uma barreira à realização da resultante não significa que toda a semântica da causação esteja ausente nessa construção. Talmy (2001, p. 428) afirma que a noção de “dinâmica de forças é uma generalização sobre a noção tradicional de “causativo” na literatura linguística”⁷².

Foram encontradas nos dados de fala do século XXI seis ocorrências (0,63% do total) da Construção de Tempo Decorrido de Complementação em Para Infinitivo. Em uma delas, também reproduzida em (37), o SN que codifica o experienciador do processo de acreditar no que a irmã havia dito se encontra anteposto ao verbo *demorar*. Por se tratar de ocorrência única com o mesmo sentido dos demais usos

⁷² force dynamics is a generalization over the traditional notion of “causative” in the linguistic literature.

da construção, em que neste SN se comprimem os papéis de Experienciador da passagem temporal e Agente/Experienciador do evento no infinitivo, ela foi considerada como um exemplo da mesma construção, porém, é preciso investigar, em estudos futuros, as implicações dessa inversão para a semântica da construção ou mesmo a hipótese de ela ser uma pista dos processos históricos envolvidos na emergência desse padrão de pareamento de forma e função.

3.3.6 Construção Nominal de Complementação em Para Infinitivo

Na Construção Nominal de Complementação em Para Infinitivo (CNCPI), uma construção de estrutura argumental de núcleo nominal seleciona o esquema sintático *para (SN) infinitivo* como seu complemento oblíquo, constituindo o esquema *[N para (SN) V_{inf}]*. Foram encontradas 55 ocorrências (5,80% do total) semelhantes às exemplificadas em (38) e (39) abaixo.

- (38) Olha, Telma, eu... Eu conheço ali, porque eu fre/eu passei o, a minha infância ali na casa do meus avôs, que é era vizinho do Wagner, né ? Qué dize, aí (inint) os meus primo, tio saía caçano qualquer coisa... ou tirano cabo de ferramenta eu sempre tava junto, eu conheço bem a, eu acho que eu conheço bem a região tudo, não é ? Mas e, o Wagner é um cara **difícil pro'cê montá** uma parceria. (IBITI – JOB)
- (39) Ele ia oferecendu lá ele... achava que- se u mininu pegassi uma **birra pra querê** a laranja, a mãe comprava, né? Ele tinha essas piadinha assim, mas ele era um homem bom coitado. (PFJF – PON3)

O exemplo (38) representa o padrão de instanciação mais frequente dessa construção (49 das 55 ocorrências – 89,10%), em que o nominal que toma o esquema em estudo como complemento está, por sua vez, inserido em uma Construção Predicativa Nominal, i.e., relacionado semanticamente a outro nominal através de uma cópula. Nesse padrão, o nominal que toma *para (SN) infinitivo* como complemento é geralmente um adjetivo. Já o exemplo (39) representa os seis casos (10,90%) em que o nome que seleciona complemento regido por *para* faz parte de uma Construção de Verbo Suporte.

Em ambos os contextos, a CNCPI tem como contraparte semântica a mesma noção de deslocamento metafórico em direção a uma resultante almejada, sendo que cabe ao nominal que toma o esquema como complemento perspectivizar a relação de causação que se estabelece com a resultante almejada como direta – em casos como *pegar birra para infinitivo* ou *dar motivos para infinitivo* –, como facilitada ou permitida – *ser fácil para infinitivo* –, ou como impedida por uma barreira metafórica – em casos como *ser difícil para infinitivo* ou *estar com problemas para*

infinitivo. Em todos os casos, é a noção de Dinâmica de Forças (TALMY, 1981; 1988 2001) que embasa as interpretações que podem ser feitas dos usos dessa construção. Em outras palavras, se por um lado, a CNCPI apresenta uma multiplicidade de significados devida ao fato de a posição do nominal poder ser ocupada por diversas construções lexicais, todas muito ricas em significado; por outro, toda essa multiplicidade compartilha um eixo semântico comum fundado na categoria cognitiva da Dinâmica de Forças.

3.3.7 Construção Nominal Volitiva de Complementação em Para Infinitivo

Alguns usos da CNCPI podem se especializar através de relações de Herança por Instanciação (cf. GOLDBERG, 1995), nas quais um uso mais idiomatizado de um padrão construcional outrora mais aberto passa a codificar um significado especializado. A Construção Nominal Volitiva de Complementação em Para Infinitivo, da qual foram encontradas 11 ocorrências (1,16% do total), parece manter com a CNCPI esse tipo de relação de herança. Nela, os únicos nominais a selecionar o esquema *para (SN) infinitivo* são os adjetivos *doido* e *louco*, o que configura a forma $[SN V_{cop} \textit{doido/louco para (SN) V_{inf}]$. Tal especificação lexical leva a uma especialização semântica: as construções como a exemplificada em (40) só podem perspectivar a relação de causação em relação à resultante almejada em termos de volição extrema, i.e., o sujeito deseja fortemente que o evento codificado pelo esquema *para (SN) infinitivo* se realize.

- (40) O Danilo, rapaz, explodiu o carro o car... deu um um galope nele fui até Guarani... Os carru num güentô acompanhar carro Uno... Voltei e encostei o carro, e fui embora namorar, fui embora pra casa fui namorar lá... E o guarda pegô ficava o guarda tomando conta do carro, podia chegar lá e prendê né? Num tinha carteira... Aí eu corri pra dentro da casa da Márcia, saí, e me falaram "ó eles tão corren- **eles tão doido pra saber** quem é o dono do carro... **Doido pra sabê** quem é o dono daquele carro azul ali qué sabê onde cê tá". (PFJF – TOC)

No exemplo acima, os policiais desejam saber quem é proprietário do carro que se envolveu na algazarra promovida na cidade. A semântica de *doido* permite inferir essa volição extrema através da ideia de ansiedade que pode ser depreendida do esquema de significado do adjetivo. A conceptualização da resultante como o destino metafórico de um movimento é mantida e corroborada pelas metáforas INTENÇÕES SÃO DESTINOS e AÇÕES SÃO MOVIMENTO EM DIREÇÃO A UM DESTINO (cf. LAKOFF & JOHNSON, 2002 [1980]).

3.3.8 Construção Predicativa em Para Infinitivo

A Construção Predicativa em Para Infinitivo foi uma das que apresentaram menor frequência de ocorrência nos dados do século XXI, com apenas uma ocorrência (0,11% do total).

- (41) INQ.- E benzedô?
 INF.- Benzedô também tinha o compadre Pedro, ele binzia muito, ele morreu coitado.
 INQ.- Num tem mais benzedô?
 INF.- Aqui que'u saiba não.
 INF.- Ahan...e da família dele num **ficô ninguém pra seguí** ele?
 INQ.- Não, num ficô não...ele binzia assim fazia aques oração...benzia assim quando uma cobra murdia uma criação, né ô?
 INF.- Já benzeu a senhora?
 INF.- Já, ele já be...ele já me benzeu. (IBITI – AUR)

Como pode ser visto em (41), na Construção Predicativa, o esquema *para (SN) infinitivo* ocupa a posição de predicativo do sujeito. Trata-se de um uso também bastante especializado, uma vez que o único verbo que pode preencher a posição da cópula é o *ficar*. O esquema sintático tomado como predicativo codifica, portanto, o estado resultante almejado em direção ao qual o sujeito da cópula será – ou deveria ser – guiado.

No exemplo (41), o inquiridor pergunta à informante se não há mais benzedores no arraial. Ao receber a resposta de que o último dos benzedores que havia no lugar faleceu, o inquiridor pergunta se nenhum dos familiares do falecido optou por dar continuidade ao seu ofício, situação que se depreende ser esperada pelo inquiridor.

Apesar de não ter sido encontrado nos *corpora* pesquisados, uma instanciação bastante comum da Construção Predicativa em Para Infinitivo é aquela em que a posição do infinitivo é também lexicalmente especificada, podendo ser preenchida apenas pelo verbo *morrer*. Veja-se o exemplo (42), retirado da *web*.

- (42) O meu café da manhã consiste em duas coisas: nada e coisa nenhuma. Eu sei perfeitamente bem que agir assim não é saudável, mas não acordo com fome... Vou trabalhar em jejum e lá pelas dez da manhã como alguma coisa e bebo um suco, ou chá. Difícil é explicar essas manias quando me hospedo na casa de alguém. A minha avó **fica pra morrer**, fica oferecendo mundos e fundos... Nesses casos, acabo comendo, mesmo sem fome, só para “não fazer desfeita”.⁷³

Nesse exemplo, a avó da pessoa que escreve o comentário é levada a um estado resultante de preocupação – expresso hiperbolicamente pelo verbo *morrer* –

⁷³ Recolhido em: <http://garotasquedizemni.ig.com.br/forum/index.php?topic=4126.15>. Acesso em: 14 set. 2009.

devido ao hábito da neta de não se alimentar adequadamente pela manhã. É inferível também na Construção Predicativa uma noção aspectual de iminência, característica de outra construção que envolve o esquema *para (SN) infinitivo* e um verbo de ligação. Tal significado aspectual será mais detalhado na seção 3.3.13 e, por hora, basta dizer que ele é um subproduto da noção metaforizada de movimento para um destino que perpassa todas as construções em *para (SN) infinitivo*.

3.3.9 Construções Habilitativas em Para Infinitivo

O segundo padrão construcional mais frequente entre os 17 levantados nos *corpora* do PB atual é, na realidade, uma dupla de construções ligadas entre si por uma relação de Herança por Subparte (cf. GOLDBERG, 1995). Trata-se da Construção Habilitativa Possessiva em Para Infinitivo e da Construção Habilitativa Existencial em Para Infinitivo. Somadas, elas são responsáveis por 102 ocorrências (10,72% do total) do esquema em causa nesta tese.

- (43) Nós tamo aí com um problema pra restaurá uma igreja, uma igreja de quase trezentos anos e precisano de recurso, hoje deve tá um milhão e duzentos mil reais o restauro dessa igreja, e e como que nós vamo fazê isso, num **temos recurso pra fazê** isso...se num tivé alguém que abraça isso aí, multinacional, uma fundação de Roberto Marinho (inint), nós vamo perdê esse patrimônio. (IBITI – WAL)
- (44) Quando num tem um jornal, num tem oração, num **tem nada pra fazê**, eu vô... vô... eu passo a mão nele [no livro] lá. Eh... durante o dia, depois que eu almocei e já durmi um pouquim, até chegá a tarde que **aparece alguma coisa pra fazê**, eu ficu im casa umas quatro hora e eu ia pra ia a casa... na casa... e eu gosto de sentá ali, um dia eu leio jornal, qualquer coisa e oh... eu come... começo lê ele lá. (PFJF – PON3)
- (45) Cê acha que...que falta...o quê que **falta pra Ibitipoca pra...pra tê** atividade esportiva, quê que cê acha que falta de...mú...música, teatro, quê que cê acha que precisava providenciá em Ibitipoca pra...pros jovens? (IBITI – FAB)
- (46) Meu Deus du céu qui idéia fraca... qui idéia fraca, o Mateusinho pegava a moto dumingo eu o Mateus eh... o... ocê e o Danilo e mais alguém e num sei o quê ia por exemplo lá pá... Rio Novo **nada pra fazê** im Rio Novo aí na volta voltava postanu racha. (PFJF – TOC)

As Construções Habilitativas em Para Infinitivo (CHPI) são caracterizadas semanticamente por indicarem que a posse ou existência de dado recurso habilitam o sujeito do infinitivo a realizar a ação codificada por este verbo⁷⁴. Do ponto de vista sintático, a versão possessiva da CHPI – exemplificada em (43) – é caracterizada pelo esquema $[SN V_{poss} SN para (SN) V_{inf}]$, e ocorre 50 vezes nos dados. Em 46

⁷⁴ Em 40,19% das ocorrências dessas construções nos *corpora* do século XXI o verbo finito aprece precedido por marcas de negação, o que indica a ausência de posse ou existência do recurso habilitativo. Essa parece ser uma tendência presente nas CHPI desde o Latim, conforme se poderá depreender dos usos do verbo *habeo* a serem apresentados no capítulo 4. Porém, um estudo diacrônico mais aprofundado será necessário em trabalhos futuros no intuito de se confirmar essa tendência.

dessas ocorrências (92%), o SN regido por *para* sofre equideleção por ser correferencial em relação ao SN que funciona como sujeito do verbo que indica posse. Do ponto de vista semântico, ela codifica o significado de que um dado indivíduo possui recursos que o habilitam a tomar parte no evento codificado pelo infinitivo. A relação de causação é, portanto, perspectivizada pela ótica das circunstâncias que a possibilitam.

A alta frequência de ocorrência de correferencialidade e consequente equideleção do SN abre espaço para que uma nova construção herde parte da estrutura da versão possessiva da CHPI: a Construção Habilitativa Existencial em Para Infinitivo – exemplos (44) a (46) – emerge com o esquema $[V_{ex} \text{ SN } para \text{ } V_{inf}]$, em que não mais se focaliza a relação de posse do sujeito sobre o recurso, mas sim a existência deste último de modo a possibilitar a participação do indivíduo no evento codificado pelo infinitivo.

Ao todo, foram encontradas 52 ocorrências da versão existencial da CHPI. Nelas, a posição do V_{ex} pode ser ocupada pelos verbos *ter* (41 ocorrências, 78,85%), o que enfatiza sua relação de Herança por Subparte com a versão possessiva da CHPI; *faltar* (5 ocorrências, 9,61%), nos casos em que a ausência do recurso impede que se atinja a resultante almejada, conforme se depreende do exemplo (45); *aparecer* – exemplo (44) – e *existir* (1 ocorrência, 1,92%, cada).

Ainda, é possível, em alguns casos – 5 ocorrências, 9,61% – como o do exemplo (46), que o verbo finito não mais esteja presente, o que pode caracterizar nova Herança por Subparte, passando-se ao esquema $[SN \text{ para } SN \text{ } V_{inf}]$.

Entretanto, em todas as suas configurações, as Construções Habilitativas em Para Infinitivo mantêm a noção, fundada na Dinâmica de Forças, de que os recursos possibilitam o movimento metafórico do Agonista em direção a um destino que é a resultante esperada codificada no esquema *para (SN) infinitivo*.

A contraparte semântica das CHPI, assim como sua estrutura formal, para o caso de sua versão possessiva, em muito se parecem com as da Construção de Dativo com Infinitivo e, por consequência, com a da Construção Habilitativa com Dar (Salomão, 1990; 2007). Entretanto, no caso das CHPI não há a noção de transferência do recurso habilitador, mas sim a de sua posse, sustentada pela metáfora RECURSOS SÃO POSSESSÕES, ou existência.

3.3.10 Construção Modal com Dar

Outra das construções propostas por Salomão (1990), a Construção Modal com Dar (CMD) já foi estudada em diversos outros trabalhos (SALOMÃO, 1990; 2007; TORRENT, 2005; 2007; 2008; 2009a; 2009b; VELOSO, 2007) e pode ser exemplificada pelos enunciados em (47) e (48) abaixo, os quais reproduzem duas das 60 ocorrências (6,32%) desse padrão encontradas nos *corpora*.

- (47) Guto: E o pessoal, oh, é só pagá as coisa di casa, né?
Lucas: É... micharia... compra, faiz compra lá, fica em cinqüenta e cinco reais, sessenta reais, no máximo, e **dá pra cumê** o mês intero.
- (48) **Dá pra acender** a luz aqui? Aí, agora sim, dando a luz (PROCON – MBT)

Seus aspectos formais foram definidos por Salomão como se mostra abaixo:

- (i) ela aparece como um padrão clausal intransitivo sem sujeito;
(ii) ela governa uma cláusula infinitiva introduzida pela preposição *para*, frequentemente em sua forma reduzida *pra*, a qual pode se combinar com formas pronominais nominativas, tais como *preu* (1^a sg), ou *proce* (2^a sg) ou *prele* (3^a sg), ou apenas preceder a forma dativa *mim*. (SALOMÃO, 2007, p.3)⁷⁵

No que tange aos seus aspectos funcionais, a mesma autora afirma que essa construção é herdeira da Construção Habilitativa com Dar, a qual, conforme visto em 3.3.2, é instância prototípica da CDCI. De acordo com Salomão:

A Construção Modal [com Dar] é uma generalização feita sobre a Construção Habilitativa, da qual ela herda parcialmente sua sintaxe e semântica. Nessa Construção, não apenas o causador fica inominado, tratado como Genérico ou Indeterminado, mas também a Habilitação aparece como um Objeto Nulo (Genérico/Indeterminado ou recuperável através do contexto imediato). O escopo semântico do papel de Agonista também é dramaticamente alargado. (SALOMÃO, 2007, p.8)⁷⁶

Em trabalhos anteriores (TORRENT, 2005; 2007; 2008; 2009a; 2009b), argumentou-se que a CMD carrega um significado de modalização epistêmica, codificando a possibilidade de realização do evento resultante almejado representado no esquema *para (SN) infinitivo*. Tal possibilidade é entendida, de acordo com Sweetser (1988; 1990), através do esquema imagético da TRANSFERÊNCIA COM BARREIRAS, o qual, por sua vez, é baseado nos esquemas de Dinâmica de Forças de Talmy (1981; 1988; 2001). Propõe-se,

⁷⁵ (i) it appears as a Subjectless Intransitive clausal pattern; (ii) it governs an Infinitive Clause introduced by the Preposition *para*, frequently in its reduced version *pra*, that may combine with Pronominal Nominative forms, like in *preu* (1st sg), or *proce* (2nd sg) or *prele* (3rd sg) or just precede the Dative form *mim*.

⁷⁶ The Modal Construction is a generalization over the Enablement Construction, from which it partly inherits its syntax and its semantics. In this Construction, not only the Causer goes unnamed, treated as Generic or Indeterminate, but also the Enablement appears as a Null Object (Generic/Indeterminate or retrievable from the immediate context.) The semantic range of the Agonist role is also dramatically increased.

portanto, que, na CMD, a barreira metafórica não é capaz de impedir o movimento em direção à resultante almejada codificada pelo infinitivo. Assim, em (47), ao esquema [*Dar*_{3ªsg} *para* (SN) *V_{inf}*] codifica a possibilidade de se atingir o objetivo de comer durante o mês inteiro gastando-se cerca de R\$50,00. Já em (48), o informante questiona sobre a possibilidade de se acender a luz na sala de conciliação do PROCON.

Emerge da combinação do esquema *para* (SN) *infinitivo* com o verbo auxiliar *dar* a noção de que se alimentar durante o mês inteiro e acender a luz são concebidos como objetivos desejados pelo falante naquelas situações. Tal análise enfatiza a continuidade entre as contrapartes formais e funcionais da família de construções em *para* (SN) *infinitivo* de maneira semelhante ao que Salomão (1990) propõe para a família de construções com *dar*.

As análises para a CDCI e a CMD desenvolvidas nesta tese e em trabalhos anteriores (TORRENT, 2005; 2007; 2008; 2009a; 2009b) apresentam uma interseção com aquelas propostas por Salomão (1990; 2007). A principal diferença reside no fato de que, enquanto esta tese enfoca as construções que compartilham o esquema *para* (SN) *infinitivo*, Salomão focaliza a rede de construções com o verbo *dar*. Como há construções com *dar* que apresentam em sua estrutura o esquema *para* (SN) *infinitivo* e como há construções em *para* (SN) *infinitivo* cuja posição do verbo finito é prototipicamente – ou especificamente – ocupada por *dar*, ambas as análises argumentam que propriedades similares sejam compartilhadas pelas construções que participam de cada rede. Este fato abre a possibilidade de tratar essas duas redes como interconectadas, o que faz todo sentido em uma perspectiva de análise cognitivista e centrada no uso. Assim, construções como a CDCI/Construção Habilitativa com *Dar*, a CMD e a Construção Aspectual com *Dar* – a ser apresentada mais adiante – emergem na língua através de relações de herança e motivação múltiplas, servindo como pontos de conexão entre grupos construcionais organizados radialmente.

3.3.11 Construção Modal com *Ser*

O próximo padrão de uso modal a ser discutido é o da Construção Modal com *Ser*. Conforme já definido em trabalhos anteriores (TORRENT, 2007), compõe a contraparte formal dessa construção o esquema [*Ser*_{3ªsg} *para* SN *V_{inf}*], sendo que o

SN regido por *para* pode ser anteposto ao auxiliar *ser* por motivo de ênfase. Funcionalmente, essa construção é uma perífrase de modalização deôntica, na qual se expressa a obrigação ou a necessidade de realização do evento codificado pelo esquema *para (SN) infinitivo*, como pode ser atestado pelos exemplos em (49) e (50).

- (49) INQ.- Eh:::e chá dona Antônia? Que... que chá que... vocês tem bastane chá aqui... cêis usam bastante remédio casero?
 INF.- Ah a gente tem aqui funcho, hortelã...esse...
 INQ.- Que que a senhora disse dona Antônia?
 INF.- **É pra repetí** as mesma?
 INQ.- É...é. (IBITI – AUR)
- (50) Eu tamém tô precisano fazê uma consulta, menina, acho qu'eu tô sofreno da vista...eu tô com uma dor assim... oh... (inint) doeno assim... os olhos encheno assim de água, sabe? **Eu já era pa tê ido** num médico, mais inda num fui... pa fazê uma consulta...eu tô achano que va... qu'eu tô sofreno da vista. (IBITI – APA)

Em (49), ao ser novamente inquirida acerca das ervas que utiliza para fazer chás, a informante pergunta ao entrevistador se deve repetir os nomes das mesmas ervas que havia mencionado anteriormente. Já em (50), a informante afirma que, já há algum tempo, deveria ter procurado um médico devido a dores nos olhos. Em ambos os casos, as situações codificadas no esquema *para (SN) infinitivo* são concebidas como os destinos almeçados do deslocamento metafórico que o falante é compelido a realizar. Assim, a análise da modalidade deôntica baseada na Dinâmica de Forças proposta por Sweetser (1990), seguindo o proposto por TALMY, 1988) é válida para a Construção Modal com Ser, já que ela indica uma força que age sobre o sujeito no sentido de movê-lo em direção ao destino do deslocamento metafórico. Mais uma vez se observa a continuidade semântica entre as construções que compartilham o esquema em análise.

Ao todo, foram encontradas 30 ocorrências (3,16% do total) da Construção Modal com Ser, sendo que, com exceção da possibilidade de anteposição do SN, registrada em duas ocorrências, todas as demais seguiram estritamente o esquema sintático proposto para a construção.

3.3.12 Construção Modal com Deixar

O exemplo (51) traz uma ocorrência da Construção Modal com Deixar. Neste padrão, a modalidade é aquela de permissão, no sentido de que o objetivo almejado, novamente codificado pelo esquema em estudo, pode ser adiado.

- (51) CONC.: O senhor vai deixar ela falar agora?

Pedro: Deixo, ué...

Sandra: Entendeu? O que estaria faltando ali a sala não tem como mexer, cabô, morreu, tá? Mas o que eles já fizeram não está pronto, não está concluído. O serviço não tá pronto. O pouco que eles fizeram não está pronto. Esse que é o problema. esse que é o problema.

Pedro: Não é o fato. Foi fazendo [o serviço] e foi **deixando pra discutir** depois quanto que corta aqui, quarenta, cinquenta, sessenta. (PROCON – GES)

Em (51), o informante diz que algumas discussões que deveriam ter sido levadas adiante foram adiadas, ou seja, ambas as partes envolvidas na audiência de conciliação do PROCON – Juiz de Fora optaram, quando da realização do serviço, por se permitirem deixar para um momento posterior uma discussão que era necessária para que se planejasse o serviço para o qual estabeleceram uma relação contratual.

A análise dos modais baseada na Dinâmica de Forças (cf. TALMY, 1981; 1988; 2001; SWEETSER, 1990) também pode ser estendida para esse caso, uma vez que, na Construção Modal com Deixar, a noção física de inércia pode ser metaforicamente estendida para o domínio da interação social. As pessoas envolvidas na situação se permitem não se deslocar em direção a uma situação resultante necessária, porém desconfortável, adiando-a. É, a propósito, interessante o dado de que, em todas as três ocorrências (0,32% do total) da Modal com Deixar encontradas nos dados, o evento codificado pelo esquema regido por *para* – i.e. a resultante/destino do movimento em relação ao qual os indivíduos se permitem ficar inertes – é concebido contextualmente como desagradável.

3.3.13 Construção Aspectual com Estar

A Construção Aspectual com Estar, cuja contraparte formal é definida pelo esquema [*SN estar para V_{inf}*], indica que o SN perfilado como sujeito da perífrase se encontra na iminência de participar do evento codificado pelo infinitivo (cf. TRAVAGLIA, 1985) como seu Agente, Experienciador ou mesmo Paciente, dependendo do esquema de significado do verbo. Foram encontradas nos *corpora* do século XXI pesquisados apenas três ocorrências (0,32% do total) desse padrão construcional. Uma delas está reproduzida em (52).

(52) INQ: Senhora nunca pensô em operá... fazê uma cirurgia ?

INF: De veia ?

INQ: É.

INF: Não...quando eu furei e...elas a primera veiz, **tava pa ganhá** esse minino que veio co'cê. (IBITI – MNE)

O exemplo em (52) traz o caso em que o sujeito do verbo *estar* é o Agente do ato de dar à luz uma criança. O aspecto iminente indicado pela Construção Aspectual com *Estar* emerge de um uso especializado da Construção Nominal de Complementação em Para Infinitivo. Nesse uso, o adjetivo *prestes* selecionaria o esquema introduzido por *para* como seu complemento, conforme faz ainda hoje com os esquemas introduzidos por *a*, em expressões como “*Ela estava prestes a ter o bebê*”. Ao longo do tempo, o padrão teria passado por um processo de gramaticalização – o qual será discutido na seção 4 –, o qual teria levado à fixação do atual padrão.

3.3.14 Construção Aspectual com *Dar*

A Construção Aspectual com *Dar* foi encontrada apenas uma vez (0,11% do total) nos *corpora* pesquisados nesta tese. Ela se caracteriza por relacionar o esquema sintático [*SN Dar para V_{inf}*] à noção de aspecto habitual.

No exemplo (53) abaixo, o informante afirma que seu disquete começou a apresentar, recentemente, um problema recorrente.

- (53) Eu não entendo nada e agora o meu, meu disquete **deu pra dá** problema. (PFJF – TOC)

Salomão (1990) trata dessa construção nomeando-a Construção Habitual com *Dar*. A autora afirma que tal construção apresenta a seguinte descrição semântica, fundada em oito propriedades:

- (i) Existe um Fato.
- (ii) O Fato é que a Figura se move de maneira não-intencional em direção a um Destino.
- (iii) O Movimento foi previsto pelo Falante que reporta o fato.
- (iv) Mudança é Movimento.
- (v) Estados são Regiões Delimitadas.
- (vi) Estados são Posses.
- (vii) Hábitos são Estados.
- (viii) **O Fato de que a Figura se move de maneira não-intencional em direção a um Destino, de acordo com a previsão do falante-reportador, representa metaforicamente o Fato de que Alguém adquire um Hábito.** (SALOMÃO, 1990, p.191) (grifo nosso)⁷⁷

⁷⁷ (i) There is a Fact. (ii) The Fact is that a Figure moves non-intentfully towards a Goal. (iii) The Motion was predicted by the Speaker who reports the fact. (iv) Change is Motion. (v) States are Bounded Regions. (vi) States are Possessions. (vii) Habits are States. (viii) The Fact that the Figure moves non-intentfully toward a Goal, in accord with the prediction of the reporting speaker, represents metaphorically the Fact that Somebody acquires a Habit.

A análise de Salomão para a semântica da Construção Aspectual com Dar casa com a proposta de continuidade semântica existente na família de construções em *para (SN) infinitivo*, uma vez que o “Destino” em direção ao qual a “Figura” se move de maneira não intencional é justamente codificado pelo esquema em causa. Dessa forma, a Construção Aspectual com Dar também se configura como um ponto de interseção entre duas redes de construções do PB: aquela das construções com *dar*, proposta na tese de Salomão (1990); e aquela das construções em *para (SN) infinitivo*, proposta nesta tese.

3.3.15 Construção Adverbial Intensificadora em Para Infinitivo

A construção exemplificada em (54) e (55) constitui outro caso em que o esquema *para infinitivo*⁷⁸ funciona como uma construção sem estar ligado por uma relação de complementação ou auxiliação a outra construção de núcleo verbal ou nominal. Trata-se da Construção Adverbial Intensificadora em Para Infinitivo, um padrão altamente especificado, no qual a posição de V_{inf} é ocupada exclusivamente pelos verbos *danar* ou *encardir*. Do ponto de vista funcional, esse padrão relaciona a noção de intensidade ao núcleo verbal da outra construção à qual está ligado sintagmaticamente.

- (54) Agora e- essa [medalhinha] que o Pablo me trouxe não é um metal memo ela é pesada é- mas ele foi lá... nu- nesse conventu lá... e adquiriu ela lá diz ele que andô **pra daná**.. (PFJF – PON3)
- (55) É... mas ieu acho que lá por riba, quando tá pingano, lá também móia por riba...num desce por causa do forro, né? e a mia cama lá dentro, as menina fala: “ah, (inint)da mia mãe tá moiano tudo”...pega uma lona, até que alargo ela até os pé da cama, pá tampá a cama mai...menina essa casa móia, ma móia **pa incardí**... cuiz credo... móia demais...é que’u tô até falano, eu tô falano c’a mia(inint) “oh...essa casa ela num adianta nada tá arrumada porque...ela móia tudo. (IBITI – APA)

A construção exemplificada acima parece estabelecer com a CAFPI uma relação de Herança por Instanciação, codificando hiperbolica e metaforicamente que o evento ao qual se refere ocorre até que se atinja a exaustão, a qual é metaforicamente tomada como o destino de um movimento.

Foram levantadas três ocorrências (0,32% do total) desse padrão nos dados do século XXI.

⁷⁸ Nessas construções, o SN regido por *para* é obrigatoriamente não-preenchido.

3.3.16 Construções Perspectivadoras de Ato de Fala

As Construções Perspectivadoras de Ato de Fala constituem um grupo de cinco construções altamente idiomáticas cuja função é a de re-enquadrar o ato de fala no qual o falante está engajado. No exemplo (56), abaixo, o falante decide inserir um exemplo em seu discurso com o objetivo de fornecer um argumento extra a favor de seu ponto de vista. Na medida em que ele deseja enfatizar a incompatibilidade do orçamento do município em relação ao seu tamanho, ele compara tal orçamento ao de outro município consideravelmente menor. A construção indica, portanto, uma alteração no caminho a ser percorrido metaforicamente no discurso – noção sustentada pela noção de que DISCURSO É ESPAÇO –, já que, até esse momento, o falante não estava argumentando através de exemplos, mas, sim, teoricamente. As Construções Perspectivadoras de Ato de Fala definem um novo destino almejado para o discurso e, portanto, também são semanticamente relacionadas às demais construções em *para (SN) infinitivo*.

- (56) Em todas as reuniões...porque? eu explico porque...o município grande, o município de mais de oitocentos quilômetros quadrados, só o distrito de Ibitipoca tem mais de duzentos quilômetros quadrado, você imagina administrá esse gigante desse município c'uma renda pequena...**pra te dá um exemplo**, Bicas, a cidade, município de Bicas tem quarentas quilômetros quadrado...ele tem a mesma arrecadação de Lima Duarte... (IBITI – WAL)

Outra característica dessas construções é sua posição anteposta em relação ao contexto discursivo sobre o qual têm escopo, o que ocorreu em 100% das ocorrências encontradas. Em verdade, a anteposição do esquema *para (SN) infinitivo*, mesmo na CAFPI, conforme atestado também por Dias (2001), parece ser fator indicativo da agregação de funções mais discursivas a esse esquema.

Os demais padrões idiomáticos encontrados entre as 14 ocorrências (1,48% do total) dessas construções são *para você ter uma idéia/noção*; *para simplificar*; *para falar/dizer a verdade*; *(só) para você ver/analisar*.

3.3.17 Construção Perspectivadora de Tópico Discursivo

O último padrão de instanciação do esquema *para (SN) infinitivo* a ser descrito nesta tese é o da Construção Perspectivadora de Tópico Discursivo. Essa construção também tem escopo sobre o discurso mas, ao invés de re-enquadrar os atos de fala, ela refocaliza o tópico do discurso.

- (57) Clara: Aqui, mas ele tá fazeno engenharia de?
 Sonia: Produção
 Clara: Que que faz isso, administração?
 Sonia: Engenharia de produção?
 Clara: É
 Sonia: Faz um jeito de você produzir menos de preferência com menos mão-de-obra. Cê cria um esquema de produção, umas planilhas, maquinário...
 Clara: Muita coisa de matemática?
 Sonia: Sim, é só cálculo física matemática... E aí tem um professor que, eu acho que é de cálculo, que tá deixano ele muito doido. Num quer concordá com as coisas que ele vem desde o primário. Eu falei oh, Felipe, viaja e entra na do cara que um mais um num é dois que dois mais dois num é quatro...
 Clara: Aqui, mas... depois **pra arrumá emprego**...
 Sonia: Num existe ((risos))
 Clara: Depois, um engenheiro de produção ele arruma emprego é em empresa?
 Sonia: É... fábrica
 Clara: Um empresário praticamente, né?
 Sonia: Não
 Clara: Cê tem vontade de trabalhá em fábrica?
 Sonia: Como um gerente de produção dele. (PFJF – TOM)

Perceba-se que, em (57), Clara tenta com sucesso mudar o foco da conversa das características da graduação em Engenharia de Produção para a análise das chances de um profissional dessa área recém-graduado conseguir um emprego.

A Construção Perspectivadora de Tópico Discursivo pode ter a posição de V_{inf} preenchida, em princípio, por qualquer verbo, dependendo do tópico a ser focalizado. Da perspectiva semântica, ela aponta para um novo destino metafórico pretendido para o discurso, mantendo continuidade funcional com as demais 16 construções analisadas.

Assim, conclui-se a descrição dos padrões construcionais nos quais o esquema *para (SN) infinitivo* pode se instanciar. O gráfico da Figura 9 traz os percentuais de ocorrência de cada um dos padrões nos *corpora* do século XXI pesquisados. A CAFPI é, de longe, o padrão mais frequente. É também aquele em que o esquema de significado de *para (SN) infinitivo* se manifesta de maneira menos complexa do ponto de vista da Dinâmica de Forças e das metáforas subjacentes. Tais fatos serão de fundamental importância para a seção seguinte, na qual será proposta a rede de construções em *para (SN) infinitivo* no Português do Brasil.

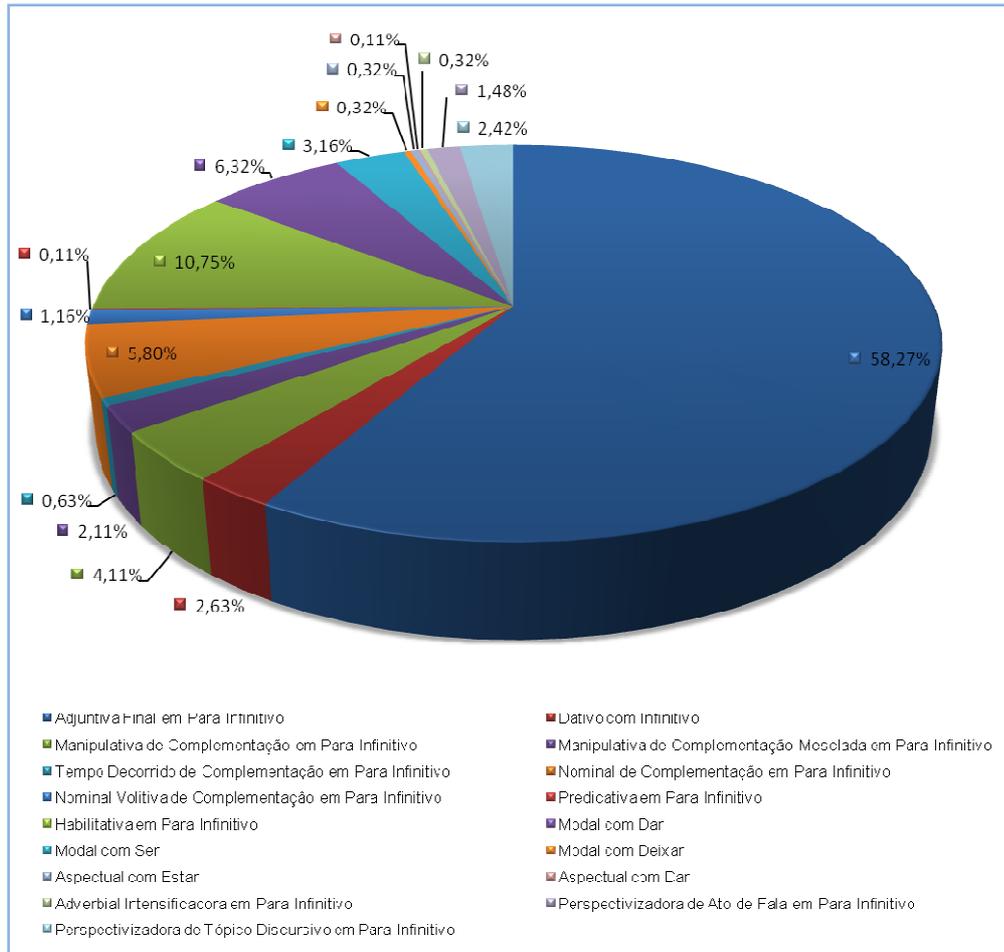


Figura 9: Distribuição de frequência das Construções em Para (SN) Infinitivo no PB do século XXI.

3.4 A Hipótese das Generalizações de Superfície e A Rede Construcional em Para (SN) Infinitivo

A seção 3.3 desta tese enfatiza fortemente o fato de que todos os diferentes padrões de instanciação do esquema *para (SN) infinitivo* compartilham aspectos semânticos fundados nas metáforas de que INTENÇÕES SÃO DESTINOS e AÇÕES SÃO MOVIMENTO EM DIREÇÃO A UM DESTINO e na categoria cognitiva da Dinâmica de Forças. Tal tipo de análise é, em realidade, esperada em uma abordagem baseada na Gramática Cognitivista das Construções, dado, em especial, o Princípio da Motivação Maximizada, segundo o qual, se uma construção é sintaticamente relacionada a outra, logo, ela é também semanticamente motivada pela outra (cf. GOLDBERG, 1995; 2006).

Entretanto, se, por um lado, a Gramática Cognitivista das Construções focaliza as relações entre construções que compartilham similaridades formais de

superfície, por outro, algumas outras abordagens prefeririam estabelecer relações funcionais entre construções que, apesar de apresentarem contrapartes formais distintas, podem funcionar como paráfrases umas das outras. Tais abordagens assumem uma perspectiva derivacional na medida em que hipotetizam que construções que podem ser parafraseadas por outras estruturas são derivadas delas através de uma série de relações de transformação.

A título de exemplo, de acordo com tais abordagens, a CAFPI seria uma forma reduzida – e, portanto, derivada – da Construção Adjuntiva Final em Para Que Subjuntivo, a qual vem exemplificada em (58).

(58) Ela comprou os ingressos **para que todos pudessem ir** ao jogo.

Essa análise ecoaria facilmente entre gramáticos mais tradicionalistas, bem como entre gerativistas. Existe uma tendência recorrente em se considerarem as construções infinitivas como “formas reduzidas” de estruturas “mais desenvolvidas”. Mesmo em algumas abordagens funcionalistas para as construções em *para (SN) infinitivo*, é possível encontrar análises que afirmam, por exemplo, que as Construções Habilitativas em Para Infinitivo sejam formas reduzidas de cláusulas relativas (cf. GORSKI, 2000).

Contudo, tais análises deixam de lado generalizações importantes existentes entre as construções que compartilham o esquema *para (SN) infinitivo*. Tomando-se o exemplo em (58), enquanto é bastante comum que o SN regido por *para* na construção infinitiva seja correferencial em relação a um dos argumentos da construção nuclear, sofrendo, portanto, equideleção, isso não tende a ocorrer nas construções subjuntivas. Ainda, tomando-se a comparação de Gorski (2000) entre as Construções Habilitativas em Para Infinitivo e as cláusulas relativas, nota-se que a análise dessa autora não dá conta de explicar, na paráfrase relativa, a noção de que o Agonista se tornará apto a realizar o movimento metafórico em direção à resultante almejada devido à posse ou existência do recurso que o habilita a fazê-lo.

Em face de tais evidências, a análise que se desenvolve nesta tese tem como norte a Hipótese das Generalizações de Superfície (GOLDBERG, 2006, p.25), segundo a qual, tipicamente, as generalizações sintáticas e semânticas encontradas entre construções que compartilham uma forma de superfície são mais amplas do que as encontradas entre uma dada construção e outra cuja contraparte sintática seja distinta, mas que possa funcionar como paráfrase da primeira. A continuidade

funcional observada entre os 17 padrões de instanciação do esquema *para (SN) infinitivo* serve de exemplo à hipótese goldbergiana.

Assim, sendo, seguindo-se a análise de Goldberg (2006) para a Construção Ditransitiva do Inglês, se a Hipótese das Generalizações de Superfície está correta, logo, além da continuidade semântica, as construções em *para (SN) infinitivo* precisam compartilhar também propriedades sintáticas que não seriam compartilhadas por suas paráfrases. A fim de verificar essa proposta, um teste de julgamento de similaridade semântica (vide Apêndice) foi desenhado e aplicado em falantes universitários do PB, conforme o que se apresenta na seção seguinte.

3.4.1 Teste de Julgamento de Similaridade Semântica

Conforme o que já foi afirmado anteriormente, a CAFPI pode ser facilmente combinada com a Construção de Anteposição Adjuntiva, i.e., ela pode ser enunciada antes da construção de estrutura argumental com a qual mantém a relação de adjunção. O exemplo (59) ilustra essa possibilidade.

(59) **Pra gente ganhar** dinheiro a gente tem que terminar o serviço dela. (PROCON – GES)

Curiosamente, a combinação de construções em *para (SN) infinitivo* com a Construção de Anteposição Adjuntiva não se restringe à CAFPI. Ela também pode ser encontrada em padrões de uso do esquema em que ele funciona como complemento em uma construção de estrutura argumental – vide exemplo (60), em que se reproduz uma ocorrência da Construção Nominal de Complementação em Para Infinitivo –, ou mesmo como parte de uma perífrase modal – exemplo (61) da Construção Modal com Dar.

(60) O pessoal fala que **pra estancá** sangue é **bom** teia de aranha. (IBITI – MNE)

(61) Guto: Cê também num tem ido pro lado de lá mais não né?

Lucas: Num tem também mais amizade pra sai né...]

Lucas: **Pra i sozinho num dá não.** (PFJF – TOC)

Com base na observação dessa propriedade atípica das construções em *para (SN) infinitivo*, visto serem os complementos e os elementos constituintes das perífrases modais resistentes à inversão, desenhou-se um teste cujo objetivo foi o de verificar a hipótese de que o padrão de instanciação altamente frequente e prototípico da CAFPI tem sua possibilidade de combinação com a Construção de Anteposição Adjuntiva generalizada pelo falante para outros padrões de

instanciação do esquema, mesmo para aqueles em que a inversão seria, aprioristicamente impedida.

O teste foi construído como um julgamento de similaridade semântica. Isso significa dizer que se forneceu ao informante uma sentença de referência em relação à qual ele deveria julgar, em uma escala de 1 a 7, outras sentenças que poderiam servir como paráfrases da primeira. Na escala, a nota 1 correspondia ao conceito “Péssima Paráfrase” e 7 a “Ótima Paráfrase”, sendo que os valores de 2 a 5 correspondiam a níveis desse *continuum*.

Foram testadas em comparação às suas paráfrases as seguintes construções: Adjuntiva Final em Para Infinitivo; Manipulativa de Complementação em Para Infinitivo; Nominal de Complementação em Para Infinitivo e Habilitativa em Para Infinitivo. Outras construções – o Dativo com Infinitivo, a Manipulativa de Complementação Mesclada em Para Infinitivo; a de Tempo Decorrido de Complementação em Para Infinitivo, a Predicativa, as modais e as aspectuais – foram testadas quanto à possibilidade de anteposição somente, sem preocupação com o confronto com estruturas “mais desenvolvidas”, uma vez que não possuem paráfrases de estruturação distinta já usuais no PB.

O modelo padrão do teste de comparação entre estruturas parafrásticas consistiu em apresentar ao informante de 3 a 5 paráfrases da sentença de referência, estruturadas da seguinte forma:

- Alternativa “a”: anteposição do esquema *para (SN) infinitivo*;
- Alternativa “b”: estrutura alternativa ao esquema *para (SN) infinitivo* nº 1;
- Alternativa “c”: anteposição da estrutura alternativa nº 1;
- Alternativa “d”: estrutura alternativa ao esquema *para (SN) infinitivo* nº 2;
- Alternativa “e”: anteposição da estrutura alternativa nº 2.

A CAFPI foi testada a partir da sentença de referência apresentada em (62) e das paráfrases listadas de (62a) a (62c).

- (62) Ele pagou uma parcela só e utilizou o fundo de garantia **pra quitar** todo o saldo devedor.
 (62a) Ele pagou uma parcela só e pra quitar todo o saldo devedor utilizou o fundo de garantia.
 (62b) Ele pagou uma parcela só e utilizou o fundo de garantia para que quitasse todo o saldo devedor.
 (62c) Ele pagou uma parcela só e para que quitasse todo o saldo devedor utilizou o fundo de garantia.

A análise de variância (ANOVA) mostra que houve diferença estatística significativa entre os escores médios atribuídos às sentenças (62a) e (62c) – Figura 10 –, ou seja, se, por um lado, o falante considera que as paráfrases em (62a) e (62b) sejam igualmente boas, o que poderia levar a crer precipitadamente que a abordagem derivacional estaria correta; por outro lado, ao se compararem as duas paráfrases em que há anteposição, a diferença estatística entre os escores se faz presente, indicando que o falante julga a inversão da estrutura subjuntiva como uma paráfrase consideravelmente pior. Em outras palavras, tal diferença estatística parece ser um indício de que o falante não generaliza para a Construção Adjuntiva de Finalidade em Para Que Subjuntivo a mesma possibilidade de anteposição que ele atesta na construção infinitiva.

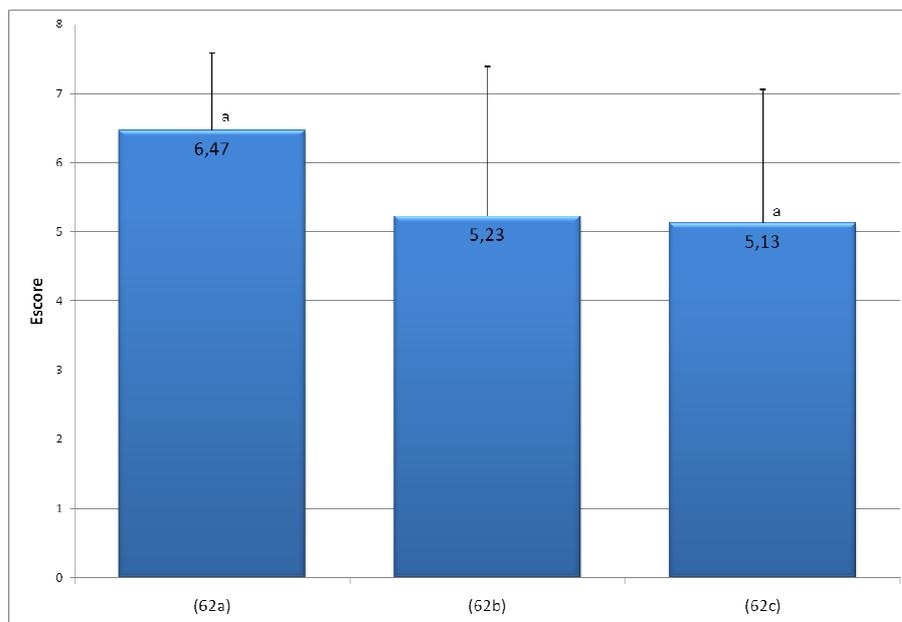


Figura 10: Escores médios atribuídos, em uma escala de 1 a 7, a cada sentença alternativa à Construção Adjuntiva Final em Para Infinitivo. Letras iguais indicam diferenças estatisticamente significativas entre escores ($p < 0,05$)

A Construção Manipulativa de Complementação em Para Infinitivo foi testada através do conjunto de sentenças em (63).

- (63) Quando o Pedro morreu, todo mundo ficou surpreso... ninguém esperava a morte dele. Então, a viúva **pediu o Jorge pra vender** as coisas do falecido.
 (63a) Quando o Pedro morreu, todo mundo ficou surpreso... ninguém esperava a morte dele. Então, pra vender as coisas do falecido a viúva pediu o Jorge.
 (63b) Quando o Pedro morreu, todo mundo ficou surpreso... ninguém esperava a morte dele. Então, a viúva pediu o Jorge que vendesse as coisas do falecido.
 (63c) Quando o Pedro morreu, todo mundo ficou surpreso... ninguém esperava a morte dele. Então, que vendesse as coisas do falecido a viúva pediu o Jorge.

Esperava-se resultado semelhante ao apresentado no Gráfico 2, porém, o resultado obtido (Figura 11) mostra não haver significância estatística entre a diferença entre os escores atribuídos às alternativas em (63a) e (63c), apesar de o escore médio de (63c) – anteposição da estrutura alternativa, com 3,9 – ter sido menor do que o da anteposição de *para* (SN) *infinitivo* – 4,23.

O escore relativamente baixo da inversão do esquema *para* (SN) *infinitivo* poderia ser atribuído ao fato de que, nessa construção, ocorre a compressão de Identidade do Afetado pela manipulação e do Agente do infinitivo. Assim, como, na anteposição, o SN regido por *para* – o qual sofre equideleção por ser correferencial ao SN *o Jorge* – aparece antes da manifestação plena de seu referente; tal anteposição pode dificultar o entendimento do falante. Para os próximos estudos, pretende-se estudar novas formas de testar essa construção no intuito de minimizar esse efeito.

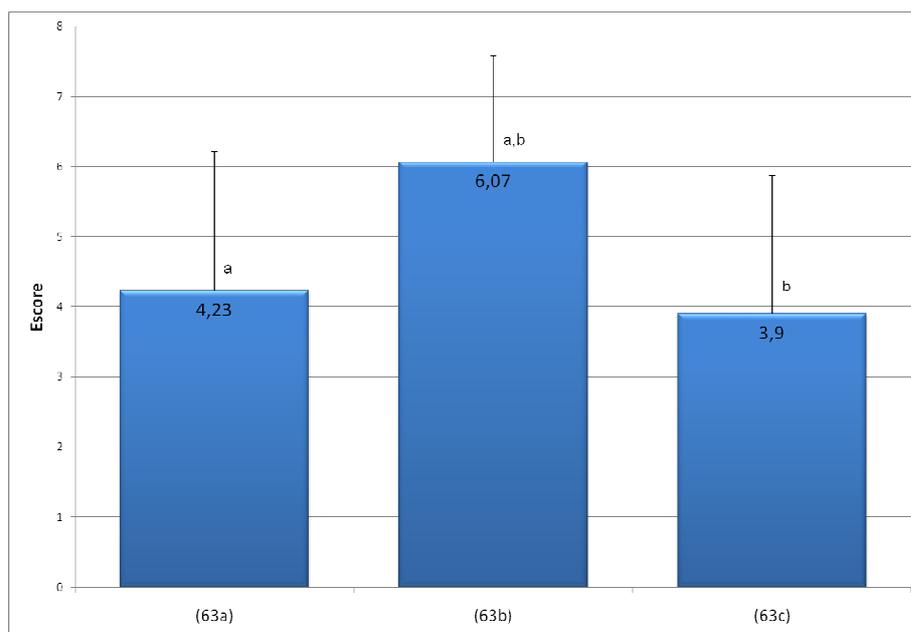


Figura 11: Escores médios atribuídos, em uma escala de 1 a 7, a cada sentença alternativa à Construção Manipulativa de Complementação em Para Infinitivo. Letras iguais indicam diferenças estatisticamente significativas entre escores ($p < 0,05$)

A próxima construção a ser testada foi a Nominal de Complementação em Para Infinitivo. A questão apresentada seguiu a mesma estrutura das demais e as alternativas foram construídas conforme o que se observa em (64).

- (64) Aquele quarto ali deve ser mais **fácil pra você limpar**.
 (64a) Pra você limpar aquele quarto ali deve ser mais fácil.
 (64b) Aquele quarto ali deve ser mais fácil de você limpar.
 (64c) De você limpar aquele quarto ali deve ser mais fácil.

Para o caso dessa construção (Figura 12), a alternativa (64c) recebe escore médio (3,03) consideravelmente menor do que as outras duas (64a = 4,77 e 64b = 6,07), o que indica que a anteposição da estrutura alternativa é muito evitada pelo falante. O escore atribuído à estrutura alternativa indica ser ela um uso muito comum no PB, entretanto, a diferença estatisticamente significativa entre as alternativas em que há anteposição do infinitivo (64a e 64c) reforça a hipótese de que a possibilidade de anteposição da CAFPI tende a ser generalizada, por via de generalizações de superfície, apenas para outras construções em *para (SN) infinitivo* e não para suas paráfrases.

Essa hipótese encontra suporte também no fato de que, geralmente, os infinitivos introduzidos por *de* no PB estabelecem com as construções nucleares às quais estão ligados uma relação de complementação. Assim, como não haveria, para o caso da estrutura *de (SN) infinitivo*, uma construção adjuntiva altamente frequente e prototípica, a combinação desse esquema com a Construção de Anteposição Adjuntiva não seria usual.

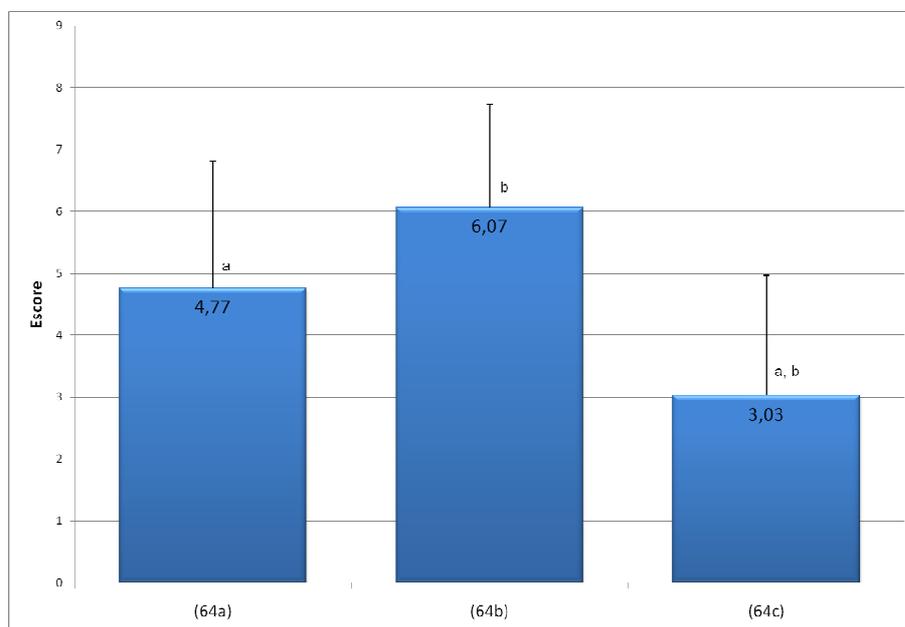


Figura 12: Escores médios atribuídos, em uma escala de 1 a 7, a cada sentença alternativa à Construção Nominal de Complementação em Para Infinitivo. Letras iguais indicam diferenças estatisticamente significativas entre escores ($p < 0,05$)

Somando-se a isso o fato de que a paráfrase com *de* não é capaz de indicar que “*você limpar o quarto*” é a resultante almejada do deslocamento metafórico classificado como fácil na construção em (64), tem-se que existem propriedades

tanto sintáticas quanto semânticas que são compartilhadas apenas pelas construções em *para* (SN) *infinitivo*.

Outra configuração da Construção Nominal de Complementação em Para Infinitivo foi testada. Nela, ao invés de haver correferencialidade entre o sujeito da cópula – “*Aquele quarto*” – e o objeto do infinitivo, havendo equideleção deste último, eram correferenciais os sujeitos da cópula e do infinitivo, conforme pode ser observado em (65).

- (65) Você é **cara-de-pau pra falar** que eu tô mentindo.
 (64a) Pra falar que eu to mentindo você é cara-de-pau.
 (64b) Você é cara-de-pau de falar que eu to mentindo.
 (64c) De falar que eu to mentindo você é cara-de-pau.

O padrão de distribuição dos escores para o conjunto (65) é muito semelhante ao verificado para (64), conforme se vê na Figura 13. Isso pode ser tomado como uma evidência de que parece ser mesmo o processo de Herança por Mesclagem que bloqueia a generalização da anteposição do esquema para a Construção Manipulativa de Complementação em Para Infinitivo, uma vez que a correferencialidade não impediu que a inversão do infinitivo regido por *para* tivesse escore médio estatisticamente maior do que a do infinitivo regido por *de*.

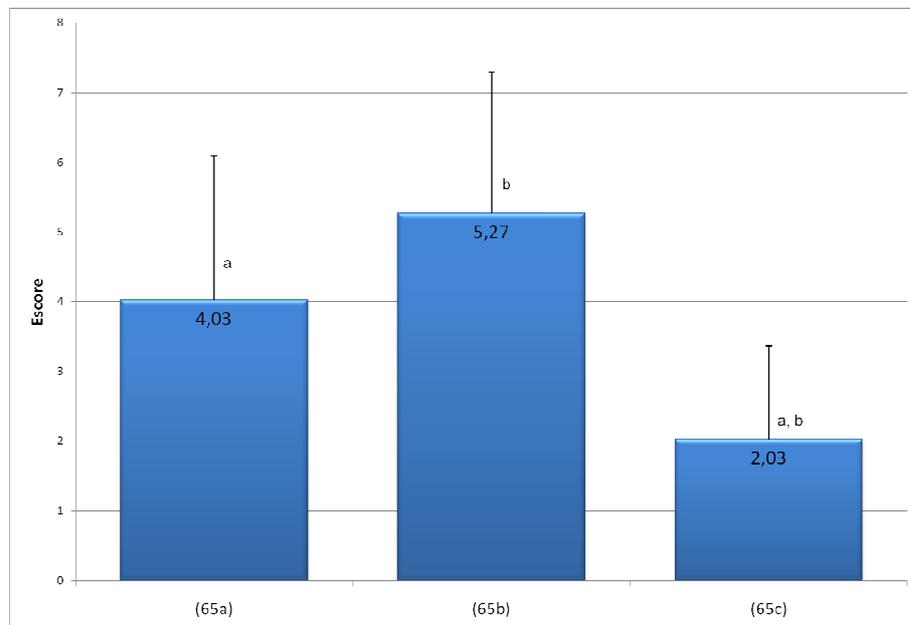


Figura 13: Escores médios atribuídos, em uma escala de 1 a 7, a cada sentença alternativa à Construção Nominal de Complementação em Para Infinitivo. Letras iguais indicam diferenças estatisticamente significativas entre escores ($p < 0,05$)

A última construção testada em relação a suas paráfrases “canônicas” foi a Habilitativa Possessiva em Para Infinitivo. Dessa vez, foram cinco as alternativas

avaliadas, já que a construção em análise pode ser parafraseada tanto por estruturas em *de (SN) infinitivo*, quanto por cláusulas relativas, de acordo com o proposto por Gorski (2000). Logo, o grupo de alternativas apresentado ao falante foi montado conforme (66).

- (66) Você **tem amigo pra sair** lá no Rio?
 (66a) Pra sair você tem amigo lá no Rio?
 (66b) Você tem amigo de sair lá no Rio?
 (66c) De sair você tem amigo lá no Rio?
 (66d) Você tem amigo com quem sair lá no Rio?
 (66e) Com quem sair você tem amigo lá no Rio?

Os escores médios para essa construção (Figura 14) fornecem as evidências mais fortes em prol das generalizações de superfície. Note-se que a combinação da construção em *para (SN) infinitivo* com a Construção de Anteposição é considerada uma paráfrase muito boa para a sentença de referência (5,17). O mesmo não se pode dizer da anteposição do esquema regido por *de*, cujo escore médio (2,17) é significativamente mais baixo do que o atribuído ao regido por *para*.

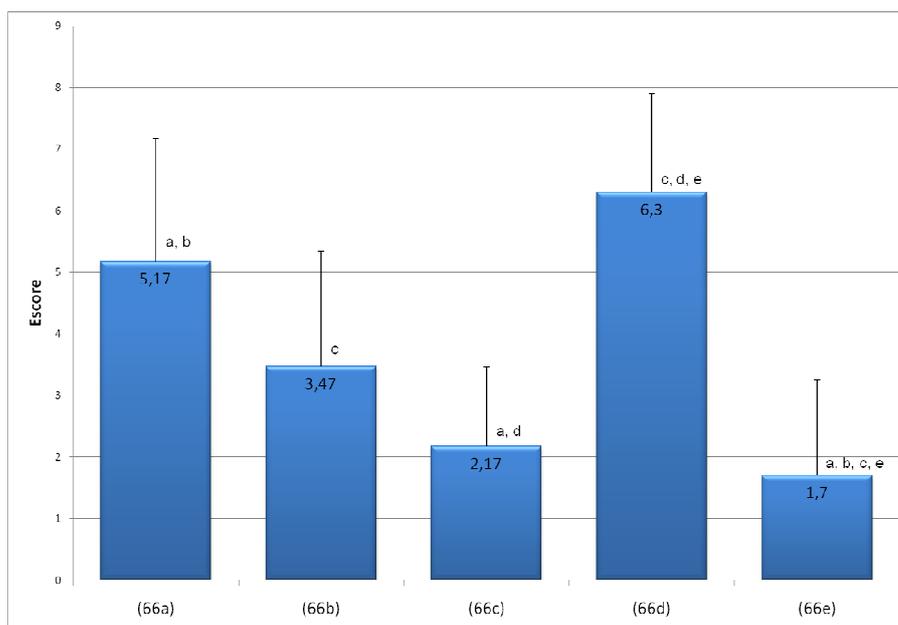


Figura 14: Escores médios atribuídos, em uma escala de 1 a 7, a cada sentença alternativa à Construção Habilitativa Possessiva em Para Infinitivo. Letras iguais indicam diferenças estatisticamente significativas entre escores ($p < 0,05$)

O escore atribuído à anteposição da paráfrase relativa é ainda mais baixo (1,7), o que indica que, apesar de julgar a cláusula relativa em ordem canônica como uma excelente paráfrase (6,3), o falante parece mudar de ideia quando é convidado a antepor a relativização.

O baixo escore da anteposição da relativa ainda fornece evidências para o fato de que a compressão de Identidade – ou Unicidade – verificável para as construções de Dativo com Infinitivo e Manipulativas parece mesmo funcionar como um elemento bloqueador da anteposição.

Por fim, foram comparados os escores médios atribuídos às paráfrases que correspondiam à anteposição do esquema *para (SN) infinitivo* para todas as construções pesquisadas. O resultado da ANOVA para esta comparação encontra-se na Tabela 2.

Construção	Escore Médio	Desvio Padrão
Adjuntiva Final em Para Infinitivo ^{a,b,c,d,e,f,g}	6,47	1,11
Dativo com Infinitivo ^a	3,43	1,91
Manipulativa de Complementação em Para Infinitivo ^b	4,23	1,99
Manipulativa de Complementação Mesclada em Para Infinitivo ^c	4,30	2,26
Tempo Decorrido de Complementação em Para Infinitivo	5,77	1,79
Nominal de Complementação em Para Infinitivo	4,77	2,05
Predicativa em Para Infinitivo	4,63	2,23
Habilitativa em Para Infinitivo	5,17	2,00
Modal com Dar	5,13	1,80
Modal com Ser ^d	1,97	1,33
Modal com Deixar ^e	3,16	2,12
Aspectual com Estar ^f	3,24	2,10
Aspectual com Dar ^g	3,63	2,24

Tabela 2: Escores médios atribuídos a todas as paráfrases construídas através da anteposição do esquema *para (SN) infinitivo*. Letras iguais indicam diferenças estatisticamente significativas entre o escore atribuído à CAFPI e os escores atribuídos às demais construções avaliadas ($p < 0,05$)

Essa tabela mostra que a generalização da anteposição adjuntiva válida para a CAFPI não chega a ser estendida para a maioria das construções formadas por mesclagem⁷⁹ – Dativo com Infinitivo e Manipulativas – e para a maioria das construções de auxiliação – Modais com Ser e Deixar e Aspectuais com Estar e Dar. Assim, ao que parece, a mesclagem e o alto grau de encaixamento das construções modais e aspectuais tendem a bloquear a inversão adjuntiva.

Não se pretende, entretanto, afirmar que a generalização da anteposição do esquema não seja uma propriedade da rede de construções em *para (SN) infinitivo*, em especial porque há construções completivas e modal em que tal generalização se faz presente. Será necessário que se realizem novos testes de modo a verificar

⁷⁹ O fato de a construção de Tempo Decorrido não apresentar escore significativamente inferior ao atribuído à anteposição da CAFPI pode ser explicado pelo fato de esse padrão construcional ainda ser encontrado sem a ocorrência da mesclagem, em exemplos como “Ela demorou 15 anos para acreditar no que eu disse”.

se os fatores hipotetizados como bloqueadores da anteposição são de fato os responsáveis por tal fenômeno.

Por hora, o que se propõe é que a generalização da possibilidade de anteposição da CAFPI é uma das propriedades da família de construções em *para (SN) infinitivo*, sendo verificável em, no mínimo, oito delas – a CAFPI, a de Tempo Decorrido, a Nominal, a Predicativa, a Habilitativa, a Modal com Dar e ainda as Perspectivadoras de Ato de Fala e de Tópico Discursivo, para as quais a anteposição é *default*.

3.4.2 A Rede Construcional em Para (SN) Infinitivo

Considerando-se a descrição das construções apresentada na seção 3.3, bem como os resultados dos testes em 3.4.1, é possível que se proponha que a semelhança formal atestada para as construções em estudo é, de fato, um indicativo da existência de motivação funcional entre elas. Em outras palavras, a metáfora INTENÇÕES SÃO DESLOCAMENTOS PARA UM DESTINO, encontrada em todas as 17 construções – ou grupo de construções –, cumulada com as similaridades formais óbvias entre os padrões, além da extensão da possibilidade de anteposição do esquema encontrada para, no mínimo, oito delas; fornece a base para a proposição de uma rede construcional motivada formal e funcionalmente.

Essa rede é concebida – com base nos trabalhos de Lakoff (1987), sobre as categorias radiais e os efeitos de prototipia, e de Salomão (1990), sobre as construções com *dar* – como tendo seu centro irradiador ocupado por uma construção prototípica, à qual as demais se encontram ligadas. Tratar famílias de construções como redes radiais não é novidade nas abordagens cognitivistas da gramática (vide LAKOFF, 1987; SALOMÃO, 1990; GOLDBERG, 1995; 2006 dentre muitos outros) e é um procedimento que vem se revelando como uma maneira robusta e elegante de analisar as relações de herança e combinação entre pares de forma e função.

Uma representação gráfica da Rede Construcional em Para (SN) Infinitivo pode ser encontrada na Figura 15. Nela, cada construção será apresentada em um retângulo no qual poderão ser encontrados o nome da construção, seu esquema sintático, seus aspectos funcionais e sua frequência nos dados do século XXI. As sombras coloridas representam os domínios construcionais aos quais os padrões

pertencem: o azul se refere ao domínio da adjunção; o amarelo, ao da complementação/encaixamento; o vermelho, ao da modalização; lilás, aspectualização; rosa, ao domínio adverbial; e marrom, ao domínio do discurso. Os *links* entre as construções são representados por setas.

O centro da rede é ocupado pela CAFPI. O *status* prototípico dessa construção é evidenciado, primeiramente, pelo fato de o seu esquema de forma e significado se fazer presente em todos os demais padrões. A princípio, poder-se-ia pensar ser tal fato um contrasenso na medida em que o protótipo de uma família de construções costuma reunir um conjunto de traços semânticos básicos, sendo que alguns deles se fazem presentes nos elementos não-prototípicos. Porém, trata-se aqui de uma rede que envolve a combinação de cláusulas, processo em que, por natureza, são inter-relacionados aspectos semânticos.

Ainda no mesmo sentido, em uma rede que envolve construções dessa complexidade sintática, há outras construções que desempenham o papel de núcleos irradiadores – protótipos –, tais como as Construções Transferenciais com *Dar* (cf. SALOMÃO, 1990, 2007), dentre outras. Assim, o *status* prototípico da CAFPI, apesar de parecer contradizer o que comumente se postula acerca do efeito de prototipia (cf. LAKOFF, 1997), deve ser perspectivizado sob a ótica da combinação de cláusulas e da multiplicidade de centros irradiadores envolvida em uma rede de construções tão complexas sintaticamente.

A segunda evidência em favor da centralidade da CAFPI na rede de construções em *para (SN) infinitivo* advém de sua alta frequência de ocorrência e tipo, uma vez que ela se combina com praticamente todas as estruturas argumentais do PB. A relação entre frequência e prototipia costuma ser proposta em estudos que se propõem investigar a aquisição da linguagem em uma perspectiva centrada no uso (cf. GOLDBERG, 2006; TOMASELLO, 2003), na qual o papel da criança, ao adquirir sua língua, consiste tanto em armazenar padrões muito idiomáticos, quanto em generalizar padrões a partir de usos experienciados. No que tange a esta segunda tarefa, as crianças tendem a produzir primeiro as estruturas sintáticas abstratas que escutam com mais frequência (vide TOMASELLO, 2003, p.173-175), generalizando suas propriedades para outros contextos, tomando-as, assim, como protótipos estruturadores de uma categoria. O mesmo raciocínio é estendido aqui para a rede de construções em *para (SN) infinitivo*, sendo que a generalização da possibilidade de inversão do esquema verificada através dos testes de julgamento

de similaridade semântica funciona como evidência da plausibilidade dessa extensão.

As construções de Dativo com Infinitivo e Manipulativa de Complementação em Para Infinitivo se encontram ligadas diretamente ao protótipo, através de um *link* de Herança por Mesclagem: devido a similaridades formais e funcionais verificáveis entre a CAFPI e as construções Transferenciais e Manipulativas, o esquema *para (SN) infinitivo* passa a preencher a posição de oblíquo dessas construções. A mesclagem se dá através de compressões de Analogia em Identidade e desta em Unicidade, além de um estreitamento da relação de causalidade entre o evento codificado pelo verbo finito e a resultante almejada para este evento. Por ser baseada em compressões mais profundas do que as verificáveis para a Construção Manipulativa de Complementação em Para Infinitivo e por herdar parte de sua estrutura temática, a Construção Manipulativa de Complementação Mesclada em Para Infinitivo é analisada na rede como ligada à anterior.

A Construção Nominal de Complementação em Para Infinitivo também está diretamente ligada ao protótipo. Tal relação é proposta tanto devido à continuidade semântica observada para essas duas construções quanto pelo fato de que é possível encontrar combinações da CAFPI com construções de núcleo nominal, nas quais o nome não perfila argumentos (33 ocorrências, 5,97% do total de CAFPIs levantadas). Essa explicação também é válida para a relação entre a Construção Predicativa em Para Infinitivo e a CAFPI. A Construção Nominal Volitiva em Para Infinitivo, por sua vez, herda a estrutura e a semântica da Construção Nominal em Para Infinitivo através de um *link* de instanciação, ou seja, ela se constitui em um uso especializado da construção-mãe, o qual apresenta um significado diferenciado, i.e., ela sempre relaciona o sujeito da cópula ao evento-resultante almejado através de uma noção de volição.

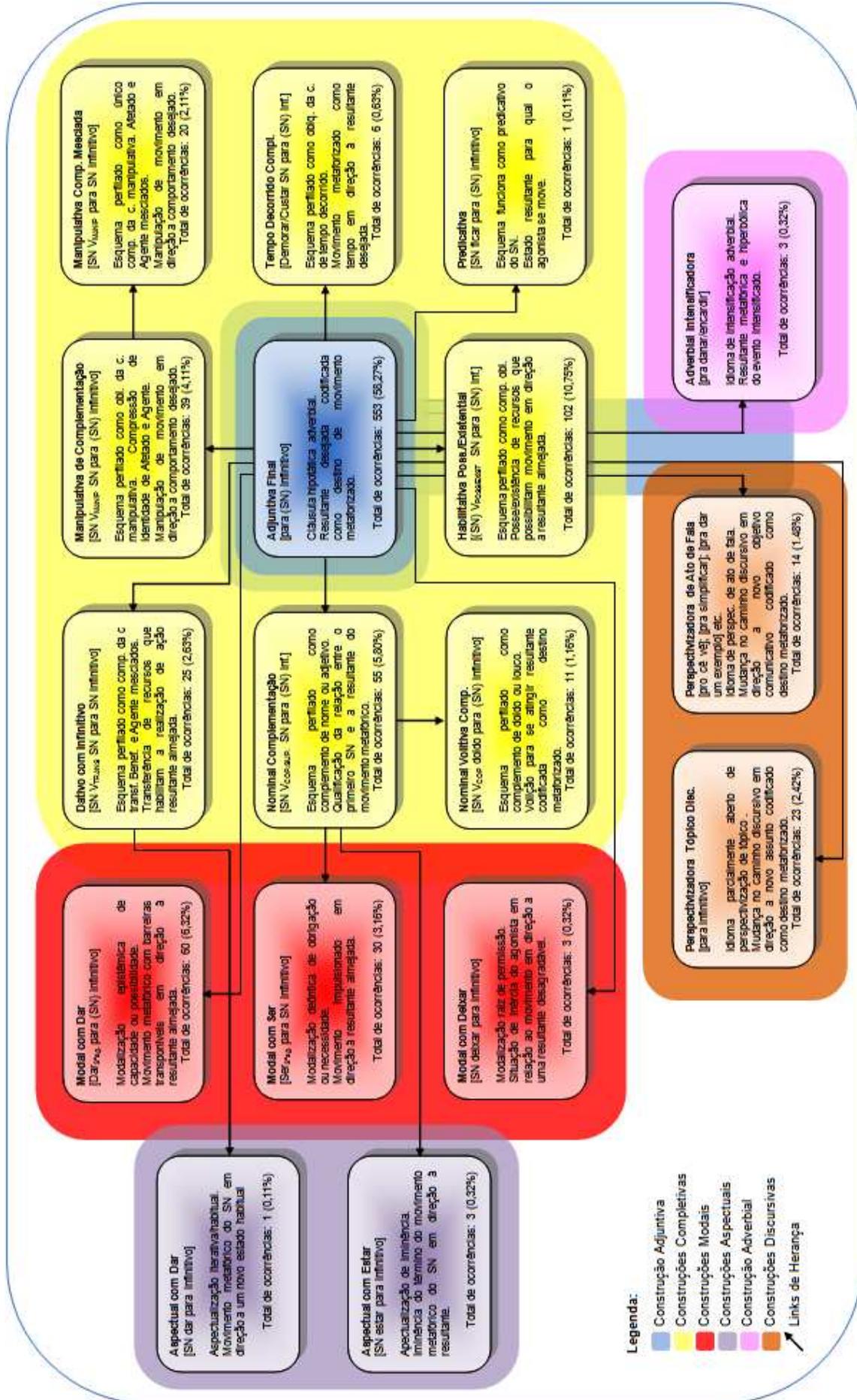
A Construção de Tempo Decorrido de Complementação em Para Infinitivo também está ligada diretamente ao núcleo da rede, porém, através de uma relação de Herança por Subparte. Propõe-se que essa construção seja derivada, pela perda da posição do SN sujeito do verbo finito, de combinações da CAFPI com estruturas argumentais transitivas que expressem o tempo que um dado Agente leva para concluir uma tarefa. Dada a forte relação metafórica existente entre espaço e tempo, essa construção é, provavelmente, aquela cujo esquema de significado mais se aproxima do da construção que ocupa o centro da rede. O alto score atribuído à

Construção de Tempo Decorrido em Para Infinitivo para a anteposição adjuntiva é indício dessa proximidade verificada entre ela e a CAFPI, tanto no que tange à sua contraparte semântica, quando no que se refere ao grau de encaixamento verificado entre o esquema *para (SN) infinitivo* e a construção nuclear, já que se trata da única construção em que ocorre mesclagem para a qual a generalização de anteposição adjuntiva é estendida.

Também ligadas diretamente ao padrão prototípico de uso do esquema em estudo estão as Construções Habilitativas em Para Infinitivo. Todavia, não se pode dizer que elas constituam uma especialização de combinação sintagmática entre a CAFPI e Construções Possessivas ou Existenciais, visto que tais construções não costumam se combinar com cláusulas de finalidade. Logo, os dados sugerem que tenha havido algum tipo de especialização prévia das construções habilitativas, o que será discutido no próximo capítulo. Também se faz necessário dizer que as Construções Habilitativas Possessiva e Existencial relacionam-se por um *link* de herança por subparte, em que a versão existencial herda parte da estrutura argumental da possessiva, estendendo a noção de posse ao domínio da existência. Tal extensão se faz possível devido à presença de um *link* de herança metafórica, sustentado na metáfora EXISTÊNCIA É POSSE.

Dentre as construções modais, apenas a Modal com Ser não está ligada diretamente ao centro da rede. Um *link* de subparte é proposto entre esta construção e a Nominal de Complementação em Para Infinitivo. Nessa abordagem, o padrão modal com *ser* seria um subproduto da supressão do argumento de sujeito da construção nominal completiva. A existência de uma construção intermediária entre o protótipo e essa modal também ajudaria a explicar seu baixo escore médio no teste de anteposição.

No que tange à Modal com Dar, caso se considere a análise de Salomão (1990; 2007), deveria ser proposta também uma relação de herança entre esta construção e a CDCI. Entretanto, tal proposta não seria sustentada pelos testes de anteposição aplicados, uma vez que, enquanto à Modal com Dar se estende a generalização de anteposição do esquema, o mesmo não se verifica para a CDCI. Assim, como a análise desenvolvida nesta tese toma o padrão *para (SN) infinitivo*, e não o verbo *dar*, como ponto de vista para a proposição da rede, será proposto apenas o *link* metafórico entre a CAFPI e a Modal com Dar, também previsto pela análise de Salomão.



Quanto à Modal com Deixar, apesar de não apresentar um alto escore para a anteposição do esquema, ela também é ligada por metáfora à CAFPI, já que nenhuma das outras construções parece manter com ela uma relação de herança.

Na emergência das construções modais com *dar* e *deixar* também está envolvida uma relação de herança por subparte, sendo que o que muda é o argumento que é removido em cada processo: para a construção com *dar*, o argumento perdido é o sujeito do verbo finito; para a com *deixar*, o objeto.

Ambos os usos aspectuais do esquema *para (SN) infinitivo* herdam por subparte a estrutura argumental de construções completivas. A Construção Aspectual com Estar é herdeira de um uso especializado da Nominal de Complementação em Para Infinitivo no qual a posição de predicativo é preenchida por *prestes*. Já a Aspectual com Dar é herdeira do Dativo com Infinitivo pelo apagamento do objeto do verbo *dar*, proposta que vai ao encontro da análise de Salomão (1990) para a Construção Habitual com Dar.

Outra evidência para que se relacione a Aspectual com Dar ao Dativo com Infinitivo, e não à CAFPI, é o baixo escore recebido por essa construção para a anteposição do esquema regido por *para*, assim como o que ocorre com a CDCI. Devido à mesma razão, e também ao fato de que os argumentos herdados pela Aspectual com Dar não são os mesmos herdados pela Modal com o mesmo verbo, não se propõe um *link entre* essas duas construções.

As últimas três construções – Adverbial Intensificadora e as Perspectivadoras de Ato de Fala e Tópico Discursivo – são herdeiras da CAFPI por *links* de instanciação, os quais são construídos por via de idiomatização – o que se verifica para a Adverbial e a Perspectivadora de Ato de Fala –, ou por via da aquisição de um *status* de satélite no discurso – ambas as Perspectivadoras.

Por fim, é importante que se deixe claro que todos os *links* propostos para as 17 construções que compõem a rede em *para (SN) infinitivo* – subparte, instanciação e mesclagem – são acompanhados por um *link* metafórico. As metáforas comumente envolvidas nessas relações de herança são: INTENÇÕES SÃO DESTINOS; AÇÕES SÃO MOVIMENTO EM DIREÇÃO A UM DESTINO (LAKOFF & JOHNSON, 1980); bem como a Metáfora do Conduto (REDDY, 2000 [1979]) e aquelas relacionadas à Dinâmica de Forças (TALMY, 1981; 1988; 2001; SWEETSER, 1988; 1990).

3.5 Conclusões Parciais

Na rede construcional proposta nesta tese ecoam as conclusões do trabalho de Salomão (1990, p.281-286) acerca da Rede de Construções com Dar. Nele, a autora afirma que a proposição de uma rede de construções gramaticais motivadas semanticamente é evidência fortíssima da continuidade entre léxico e gramática, uma vez que ela aponta para o fato de que a gramática, assim como o léxico, pode se organizar em categorias radiais, as quais são baseadas em um elemento central a partir do qual os demais herdaram traços formais e funcionais.

Segundo a mesma autora, a rede é ainda capaz de informar, com certo grau de precisão, a distância relativa entre as construções que a compõem, dado o fato de que, enquanto algumas construções se ligam diretamente à construção prototípica, outras podem estar relacionadas a esta através de construções intermediárias. Por fim, Salomão (1990) conclui que os parâmetros formais das construções em uma rede são motivados por seu significado, mesmo que o falante não reflita conscientemente sobre todos os seus aspectos quando do uso da construção.

Todas essas conclusões de Salomão se aplicam à Rede de Construções em Para Infinitivo, porém, a análise levada a cabo neste trabalho ainda constrói mais alguns andares de reflexões sobre os alicerces lançados por aquela autora. Em primeiro lugar, os testes de similaridade semântica permitem que se mensure com ainda mais precisão a distância relativa entre os grupos construcionais. As diferenças entre os escores atribuídos à anteposição do esquema regido por *para* a cada uma das construções fornece evidência estatística do grau de proximidade ou distanciamento entre cada construção e o núcleo da rede.

Ainda, os testes indicam – seguindo o proposto por Goldberg (2006) – que, se, por um lado, os padrões formais das construções são motivados por seu significado; por outro, o significado das construções também é motivado por seus padrões formais, haja vista a ausência, nas paráfrases do esquema em estudo não regidas por *para*, dos aspectos semânticos relativos à Dinâmica de Forças e às metáforas de deslocamento. Logo, a análise desta tese, ao reconhecer a importância das generalizações de superfície, acrescenta a idéia de bidirecionalidade ao processo de motivação entre construções: da função à forma e da forma à função.

Por fim, pelo fato de algumas das construções analisadas na Rede de Construções com Dar se fazerem presentes também na Rede de Construções em Para Infinitivo, a análise proposta neste trabalho, conjugada àquela de Salomão, constitui um bom exemplo para um tratamento da gramática que a considere como uma rede de motivações múltiplas, composta, por sua vez, de incontáveis outras redes, cada uma com um centro irradiador de padrões de forma e sentido. Tal visão da gramática enriqueceria as possibilidades de tratamento das construções de uma língua, uma vez que seria capaz de encontrar, por trás da diversidade existente entre as construções, padrões de motivação oriundos de diversas construções centrais prototípicas, recrutadas pelos falantes em seu esforço de generalizar padrões a partir de sua experiência com a língua.

4 A MUDANÇA GRAMATICAL NAS CONSTRUÇÕES EM PARA (SN) INFINITIVO

A rede construcional apresentada no capítulo anterior tem a intenção de representar as relações de motivação verificáveis sincronicamente entre as construções em *para* (SN) infinitivo. Relações de Herança explicam como as construções são organizadas sincronicamente ao longo do processo de aquisição da língua pelo falante (conforme o que se depreende de GOLDBERG, 1995; 2006). Todavia, não se pode negar que, em alguma medida, tais processos forneçam pistas para a proposição de análises acerca dos processos de mudança construcional – dentre eles a gramaticalização – que levaram ao desenvolvimento das construções ao longo do tempo.

Neste ponto, dada a continuidade semântica fundada em esquemas metafóricos e imagéticos subjacentes a todos os padrões encontrados para o esquema *para* (SN) infinitivo, fica impossível não aventar a possibilidade de organizar as construções em um *continuum* de gramaticalização que siga o *cline* PARATAXE > HIPOTAXE > SUBORDINAÇÃO > AUXILIAÇÃO, proposto por Hopper e Traugott (2003 [1993]). Nessa cadeia, parte-se de um processo de vinculação de orações em que não há dependência formal entre as cláusulas – parataxe –, passa-se a uma situação de dependência formal sem encaixamento – hipotaxe –, em seguida há um processo de vinculação em que ocorre encaixamento – subordinação – até que se chega a um estágio em que não é mais possível separar duas cláusulas, tamanho o grau de encaixamento.

Tomando os dados do PB levantados inicialmente, verifica-se que, com exceção do extremo da parataxe, há ocorrências atestadas de todos os estágios desse *cline* de gramaticalização sendo que há, inclusive, estágios intermediários entre eles, conforme prevê o modelo da sobreposição. Assim, adotando uma perspectiva puramente sincrônica, e assumindo que o *cline* acima é, de fato, produtivo interlinguisticamente, pode-se propor um *continuum* que parta, por exemplo, dos casos prototípicos da CAFPI – hipotaxe –, passa pelos casos de subordinação e chega aos de auxiliação. Vejam-se os exemplos:

- (67) Aí tinha que *mandá pra cidade a televisão pra...pra concertá*. (IBITI – VIC)
- (68) E se você *me der mil reais pra mim fazer* hoje eu num quero. (PROCON-JF – GES)
- (69) A gente em termos de agência, a gente não tem condição. Cê tem que *dá um prazo pra eu ti dá* uma resposta dessas. (PROCON-JF – BLU)
- (70) *Dá pra acender* a luz aqui? Aí, agora sim, dando a luz. (PROCON-JF – GES)

No exemplo (67) temos um caso típico de CAFPI vinculada à oração núcleo por hipotaxe, uma vez que não há encaixamento entre as cláusulas, apesar da dependência formal: todos os papéis argumentais da Construção Transferencial estão preenchidos. Já em (68), observamos um estágio intermediário entre a hipotaxe e a subordinação: conforme se pode notar, há a presença de um pronome oblíquo dativo que torna ambígua a relação entre as cláusulas. Fica difícil precisar se o esquema *para mim fazer* está ou não ocupando a posição de oblíquo da Construção Transferencial da cláusula núcleo, sendo reforçado pelo pronome *me*, ou se funciona como adjunto. Entretanto, em (69), o preenchimento do complemento oblíquo e a mesclagem geradora da Construção de Dativo com Infinitivo são transparentes, o que já caracterizaria o encaixamento e, daí, a subordinação. Por fim, em (70) já se torna impossível isolar as duas cláusulas, o que caracteriza a construção modalizadora.

Apesar de não haver uma construção modalizadora derivada de uma Proposicional, o processo de encaixamento do esquema *para (SN) infinitivo* às construções desse tipo também seguiria os mesmos passos propostos acima:

- (71) A decisão é sua você assina de uma vez e recebe esse valor ou então a gente pode *pedir a concessionária uma prestação de contas maior pra vê* como é que ela chegou nesse valor. (PROCON-JF – CON)
- (72) *Eu vou pedir a você, pra você fazer* o seguinte então, você lembra o nome da pessoa, que fechou o seguro pra você? (PROCON-JF – BLU)
- (73) **INQ.**- Senhora é vicentina?
INF.- Eu sô...e tem um mês que eu num vô...até **pedi uma colega minha lá pra ela** í me representano. (IBITI – AUR)
- (74) Você **pediu pra cancelar**, isso foi quando? (PROCON-JF – BLU)

De forma análoga ao que já foi proposto anteriormente, parte-se de um quadro de vinculação por hipotaxe em (71), no qual os papéis argumentais da Construção Transitiva com verbo *dicendi* se encontram totalmente preenchidos. Já em (72), caracteriza-se a Construção Manipulativa de Complementação em Para Infinitivo, na qual o esquema *para (SN) infinitivo* codifica o espaço-mental da “*coisa pedida*”, encaixando-se na posição do papel argumental de Tema da construção nuclear, sendo o papel de Alvo preenchido pelo sintagma preposicionado “*a você*”. Em (73), ocorre a inversão de transitividade e o Alvo passa a ser codificado no objeto enquanto o esquema regido por *para* se encaixa na posição de oblíquo. Por fim, em (74), o Alvo torna-se o sujeito implícito do infinitivo, o que representa maior grau de encaixamento e, conseqüentemente, um estágio mais avançado de gramaticalização.

O mesmo tipo de análise levaria ainda à proposição de *clines* como Construção Adjuntiva Final Infinitiva > Construção Nominal de Complementação em Para Infinitivo > Construção Modal com Ser (ou Aspectual com Estar, dependendo do caso).

Além de haver exemplos que se adequam à cadeia prototípica de gramaticalização, essa análise também respeita os princípios postulados para esse processo. Uma vez que as formas mais gramaticalizadas relacionam-se a outras formas codificadoras de noções gramaticais semelhantes e coexistem com aquelas menos gramaticalizadas, são respeitados os princípios da Estratificação e da Divergência. Além disso, dada a permanência da noção de transferência nas construções de complementação e auxiliação, o princípio da Persistência também é respeitado, assim como o da Decategorização, já que os verbos *dar*, *ser* e *estar* não mais se comportariam como verbos plenos nos estágios finais do processo.

Quanto ao último princípio, o da Especialização, o mesmo também se verifica nesses casos, visto que começam a surgir restrições para que se codifique a noção de transferência no verbo finito. Enquanto na CAFPI e na CDCI tal noção pode ser indicada por qualquer verbo transferencial, e mesmo por verbos que não o sejam prototipicamente; na modal, apenas o verbo *dar* pode desempenhar essa tarefa.

Assim, a proposta de análise apresentada há pouco seria comprovada sincronicamente através de exemplos, conforme outros trabalhos desenvolvidos sob o arcabouço teórico dos estudos da gramaticalização – veja-se, por exemplo, o tratamento dado por Rodrigues às *Construções Foi e Fez*, na coletânea *Introdução à Gramaticalização* (GONÇALVES ET AL., 2007). Entretanto, a busca por dados em *corpora* do Português Medieval e Clássico, bem como a análise de construções latinas, levou a constatações que apontam para a necessidade de maior cautela ao se propor uma análise como a que acaba de ser feita.

No intuito de se verificar como se deu o processo – ou os processos – de mudança gramatical responsáveis pelo desenvolvimento das construções em *para* (SN) *infinitivo*, foi realizada uma pesquisa diacrônica em *corpora* de textos escritos do Português produzidos no período compreendido entre os séculos XIII e XIX. Quando possível, buscou-se também mapear a história de algumas construções até suas origens latinas. Os 17 padrões encontrados para o século XXI foram pesquisados nesses *corpora* e as frequências de ocorrência de cada um deles, bem como uma linha do tempo de seu surgimento, são apresentadas no Quadro 5. Um

asterisco (*) após o número 1 indica que uma dada construção não foi encontrada nos textos previamente selecionadas para um dado século, tendo sido buscada em outros textos do mesmo período.

Conforme se expôs no capítulo de metodologia, buscou-se realizar a pesquisa diacrônica em gêneros textuais diversos. Entretanto, dada a escassez de dados, não foi possível que se mantivesse uma mesma proporção de número de palavras por século por gênero. Ainda assim, crê-se que os valores apresentados no Quadro 5 possam ser considerados como válidos para o estudo diacrônico das construções em *para (SN) infinitivo*, mesmo porque, a dificuldade encontrada nesta tese no que tange aos *corpora* diacrônicos é já esperada em estudos dessa natureza.

XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX / XXI	◀ SÉC./CONSTRUÇÕES ▼
189 92,20%	248 95,38%	263 80,42%	164 84,10%	243 87,74%	393 82,56%	353 83,45%	553 58,27%	Adjuntiva Final em Para Inf.
							25 2,63%	Dativo com Infinitivo
				1* 0,00%	1 0,21%	5 1,18%	39 4,11%	Manipulativa de Comp. em Para Infinitivo
						1 0,24%	20 2,11%	Manipulativa de Comp. Mesclada em Para Inf.
			1 0,51%	0 0,00%	1 0,21%	0 0,00%	6 0,63%	Tempo Decorrido de Comp. em Para Infinitivo
5 2,44%	4 1,54%	52 15,90%	11 5,64%	21 7,58%	45 9,45%	29 6,85%	55 5,80%	Nominal de Complementação em Para Infinitivo
							11 1,16%	Nominal Volitiva de Comp. em Para Infinitivo
4 1,95%	1 0,39%	1 0,31%	1 0,51%	0 0,00%	7 1,47%	1* 0,00%	1 0,11%	Predicativa em Para Infinitivo
5 2,44%	1 0,39%	3 0,93%	5 2,56%	6 2,17%	18 3,79%	24 5,67%	102 10,75%	Habilitativa em Para Infinitivo
						1 0,24%	60 6,32%	Modal com Dar
2 0,97%	3 1,15%	7 2,14%	10 5,10%	4 1,44%	5 1,05%	7 1,65%	30 3,16%	Modal com Ser
							3 0,32%	Modal com Deixar
	3 1,15%	1 0,31%	3 1,54%	3 1,08%	4 0,84%	1 0,24%	3 0,32%	Aspectual com Estar
							1 0,11%	Aspectual com Dar
							3 0,32%	Adverbial Intensificadora em Para Infinitivo
					2 0,42%	2 0,48%	14 1,48%	Perspectivadora de Ato de Fala em Para Infinitivo
							23 2,42%	Perspectivadora de Tópico em Para Infinitivo
205 100%	260 100%	327 100%	195 100%	277 100%	476 100%	423 100%	949 100%	TOTAL

Quadro 5: Distribuição diacrônica das Construções em Para (SN) Infinitivo

Dentre todas as construções, apenas cinco aparecem nos dados mais antigos do Português Europeu: a CAFPI, a Construção Nominal de Complementação em Para Infinitivo, a Predicativa, a Habilitativa Possessiva e a Modal com Ser. Com o passar dos séculos, algumas novas construções emergem e outras, já existentes, se tornam mais frequentes.

A partir do Quadro 5 é possível perceber que as construções em *para (SN) infinitivo* passaram por um processo notável de aumento de frequência de tipo. Os cinco padrões construcionais encontrados no século XIII passam a seis no XIV; sete no XVI; oito no XVII; nove no XVIII; pulando para 11 no XIX e alcançando os atuais 17.

A CAFPI é de longe o padrão mais frequente para todos os séculos, o que reforça seu *status* de centro prototípico da rede. A redução em sua frequência relativa de *token* pode ser atribuída ao desenvolvimento de novos padrões construcionais, que passam a tomar uma fatia cada vez maior do total de ocorrências do esquema *para (SN) infinitivo*.

Mesmo se restringindo à apresentação das distribuições de frequência dos padrões construcionais estudados ao longo dos séculos, os dados trazidos pelo Quadro 5 parecem jogar por terra a proposta de se aplicar o *cline* de gramaticalização da conexão de cláusulas às construções em *para (SN) infinitivo* como forma de explicar os processos de mudança linguística que lhes deram origem. Há construções modais anteriores às completivas a partir das quais elas deveriam, supostamente, ter se desenvolvido.

Isso posto, para que se possa verificar em maior profundidade como se deram os processos de mudança gramatical envolvidos na emergência da Rede de Construções em Para (SN) Infinitivo, passar-se-á a tratar de cada construção, ou grupo delas, fornecendo-se dados que dêem suporte às análises.

4.1 A Construção Adjuntiva Final em Para Infinitivo

A CAFPI está presente entre os padrões de uso de *para (SN) infinitivo* desde os primórdios do Português. Desde o século XIII até o presente, ela não passou por nenhuma mudança gramatical maior além daquelas a partir das quais se formaram novas construções. Isso significa dizer que, desde que começou a ser usada no Português, essa construção se encontra geralmente posposta à construção com a

qual se combina como adjunto. Além disso, o SN introduzido por *para* sofre equideleção, uma vez que é correferencial em relação ao sujeito ou ao objeto da estrutura argumental nuclear.

A título de comparação, das 189 ocorrências da CAFPI levantadas para o século XIII, tem-se que apenas oito (4,23%) apresentam algum tipo de preenchimento do SN do esquema *para (SN) infinitivo*, sendo que, em quatro dos casos, tal preenchimento é feito por um SN composto de, no mínimo, Determinante e Nome – vide exemplo (75) – e, em outros quatro, por um pronome – vide exemplo (76). Nos 95,77% restantes, não há preenchimento do complemento sujeito do infinitivo – exemplo (77).

- (75) E **por esta cousa ser mays firme e nõ vÿr en dubea** dāmos ende a uos esta carta aberta selada cõ nosos selos pēdētes (CIPM – CHP056)
- (76) E **por esto seer mais firme** e que poys nõ possa vijr en duuida da huã parte nē da outra nos de susso dictos Affonso rodrigiz e Abade e cõuēto sayelamos esta carta de nossos sayelos pēdentes (CIPM – TOX036)
- (77) Esta é a rrazõ que nos moueo **pera fazer leyx** que a maldade dos omees seya refreada per ellas e a uida dos boos seya segura e os maos leyxẽ de fazer maldade per medo das peas. (CIPM – FR)

Quanto à posição da CAFPI em relação à construção nuclear, devido à própria natureza da adjunção, era de se esperar alguma mobilidade de posicionamento desta construção, com preferência para a posição posposta, típica dos adjuntos complexos em Português. Tal hipótese revelou-se procedente com base nos dados do século XIII. De todas as ocorrências de adjunção em *para (SN) infinitivo* levantadas, 6,36% (12 ocorrências) aparecem antepostas, 6,87% (13 ocorrências) em posição medial e 86,77% (164 ocorrências) pospostas à cláusula núcleo. Ainda, em nenhuma das 189 ocorrências encontradas no século XIII, houve flexão do verbo infinitivo.

Como se pode notar, as propriedades da CAFPI mantêm-se estáveis desde o século XIII. Tal estabilidade e a alta frequência em que é encontrada ao longo dos séculos são dois fortes argumentos em favor do caráter prototípico dessa construção quando comparada aos demais padrões em *para (SN) infinitivo*.

As pesquisas acerca da existência da CAFPI já em Latim não forneceram dados relevantes para a análise. Segundo Faria (1958), as cláusulas de finalidade em Latim eram, a princípio, introduzidas pelos pronomes relativos com função de conjunção *ut* ou *quod*, o qual também poderia introduzir cláusulas completivas, consecutivas, condicionais e concessivas. A maneira de diferenciação destas cláusulas se baseava no uso de *consecutio temporum*, na presença ou não de

elementos correlativos e na grade temática do verbo núcleo. As finais eram identificadas pelo uso do subjuntivo, pela ausência dos correlativos e pela não previsão de sua ocorrência na grade temática dos verbos.

Essa configuração construcional para a finalidade é também encontrada no século XIII, conforme pode ser visto na sentença transcrita em (78), na qual se apresenta a finalidade de se mostrarem as leis aos homens. O padrão *que SN subjuntivo* foi encontrado 42 vezes nos textos pesquisados para esse século.

- (78) A ley deue seer moostrada **que todo o ome o possa entender** que nenguu non seya enganado per ella e que seya conuenhauil aa terra & ao tẽpo e seya onesta e boa e dereyta e yqual e profeytosa a todos ensembra e a cada huu per sy. (CIPM – FR)

Entretanto, ainda segundo Faria (1958), o uso de preposições como elementos introdutórios de orações já ocorria em Latim. Poder-se-ia supor, portanto, que, com as mudanças operadas no sistema verbal latino, o uso dos tempos do subjuntivo como forma de marcar a subordinação tornou-se precário. Como consequência, o uso de *pera* (derivado de *perad*) se apresentaria como uma forma eficaz de diferenciar os tipos de relações de subordinação presentes nas línguas românicas.

Maurer Jr., em sua *Gramática do Latim Vulgar*, afirma, na seção dedicada às orações finais (MAURER JR., 1959, p. 221), que a conjunção *ut* não era usada no Latim Vulgar, variedade-mãe das línguas românicas, tendo sido substituída por *quod* ou *quid* e “talvez mais tarde também por uma locução conjuntiva (conf. port. e esp. *para que*, fr. *pour que*, it. *perchè*, etc.). O gramático afirma ainda que o uso de *quid* ou *quod* sozinhos seria antiquado, o que aponta para o fato de que seu emprego seria uma sobrevivência de um período anterior.

Logo a expectativa seria a de que, no Português Medieval, as ocorrências de cláusulas de finalidade introduzidas por *pera* e suas formas variantes – *pora*, *per*, *para* – já fossem sensivelmente mais numerosas do que as ocorrências de tais cláusulas introduzidas pelo relativo *que*. De fato isso acontece, conforme se depreende do contraste entre as 189 ocorrências do padrão *pera (SN) infinitivo* e as 42 do padrão *que SN subjuntivo*.

Além disso, com as possíveis mudanças nas grades temáticas das construções e a necessidade decorrente de que o elemento conjuntivo introdutor da cláusula de finalidade fosse mais do que um mero suporte sintático – tal como parece ser o complementizador –, muito provavelmente, o falante acabou por

aproximar a noção de finalidade àquela indicada por *per+ad*, já que a ambas subjaz a idéia de transferência, elevando esse grupo preposicional ao *status* de conjunção.

Em suma, a presença da adjunção em *pera (SN) infinitivo* no PM parece ser decorrência de uma necessidade de maior marcação sintático-semântica das cláusulas de finalidade em face do dismantelamento do sistema latino fundado nas relações de *consecutio temporum* e de complementação. Entretanto, uma análise mais cuidadosa será necessária antes que se possa tratar tal suposição como algo além de uma suposição

4.2 A Construção Nominal de Complementação em Para Infinitivo, A Construção Aspectual com Estar e a Construção Nominal Volitiva de Complementação em Para Infinitivo

A Construção Nominal de Complementação em Para Infinitivo também está entre as primeiras, dentre as estudadas, a serem encontradas no Português. Ela também se manteve bastante estável ao longo dos séculos, sendo que as únicas mudanças notáveis em sua configuração foram: (i) a fixação da ordem $[SN V_{cop} SN]$, a partir do século XV e (ii) a presença de verbos-suporte na posição de V_{cop} a partir do século XXI.

Desde o século XIII, essa construção pode ser parcialmente parafraseada pela Construção Nominal de Complementação em De Infinitivo, conforme se demonstrou através do teste de julgamento de similaridade semântica, e pela Construção Nominal de Complementação em A Infinitivo, a qual não foi testada. Ambas as paráfrases não apresentam, entretanto, a noção de movimento para um destino almejado, saliente no esquema *para (SN) infinitivo*.

A Construção Nominal de Complementação em Para Infinitivo é a fonte de um processo de gramaticalização que leva à emergência da Construção Aspectual com Estar no século XIV. Ainda no século XIII, é possível encontrar um uso especializado – então um *link* de instanciação – da construção de complementação, no qual a posição do segundo SN era preenchida pelo adjetivo *prestes*, conforme se vê em (79).

- (79) O dito Martin queixada protestou dizêdo perdãte m̃j dito Tabyeõ que **el prestes staua pera filhar o testemuˆyho** polas ditas donas asi como era cõteudo eessa carta del Rey que o dito Martim queixada mostraua. E o Alcayde da Azãbuia nẽ seus enqueredores nẽ seu escriuã nẽ outrẽ por el nõ ueerõ nẽ pareçerõ perdãte m̃j.

Nesse exemplo, o adjetivo pode ser ainda interpretado de acordo com seu significado lexical: *prestes* vem do Latim *praestus*, que significa *presente, em presença* (HOUAISS, 2001). Na sentença acima se afirma que Martin, representando algumas senhoras junto à corte, protesta porque nem o juiz, nem qualquer representante deste, estava presente para tomar o testemunho que ele estava pronto a proferir.

Se, por um lado, a noção de aspecto iminente não é o foco da construção exemplificada acima, por outro, o fato de Martin estar presente para dar seu testemunho, ação que foi adiada até que comparecesse o juiz, pode sugerir que houve a iminência de se realizar a audiência, entretanto, ela não ocorreu.

Já no século XIV, pode-se encontrar tanto o uso especializado da construção nominal com *prestes* – (80) – quanto uma forma primitiva da Construção Aspectual com *Estar* – (81).

- (80) E envyou dizer dô Johã Afonso a el rey per Ruy Dias Cabeça de Vaca, seu mordomo moor, que el se tornara cõ seu reço, por que lhe disserom que algûus seus privados ho avyã mal ãformado dele, pero que, se algûus dissessem que ele avya errado contra el rey, que **dô Johã Afonso estava prestes pera se salvar**.
- (81) E aconteceo que se feriron ambos e foy dom Nuno ferido no rostro e **esteve pera se vencer**, por que dom Henrique e os seus pelejavõ muy fortemente.

Em (80) já fica mais fácil inferir alguma noção de iminência, visto que, tão logo João Afonso receba ordens do rei, ele as irá cumprir no intuito de ser perdoado. A noção de aspecto iminente parece ser estendida do significado de *prestes*, combinado com a noção de movimento metafórico para um destino almejado codificada pelo esquema *para (SN) infinitivo*.

O exemplo (81) já traz o padrão resultante da mudança grammatical. O adjetivo não se faz mais presente e a noção de *estar pronto, disponível* também não. Por outro lado, a noção de aspecto iminente é agora bastante clara. Dados do século XIV e dos séculos subsequentes confirmam a fixação da Construção Aspectual com *Estar* nesse formato.

O processo que acaba de ser descrito é um exemplo prototípico da gramaticalização de construções. Um padrão de complementação mais lexical é transformado em uma construção grammatical. A cópula se transforma em um auxiliar e se encaixa profundamente no infinitivo, formando uma única cláusula. Os cinco princípios propostos por Hopper para o processo de gramaticalização se verificam neste caso.

Primeiramente, o Princípio da Estratificação se aplica na medida em que o novo marcador aspectual emergente se torna um membro da categoria dos marcadores aspectuais do Português. Ele interage com essas construções e passa a compor com elas uma outra rede de construções, cujo elemento central seria uma construção aspectual prototípica, da qual ele também passa a herdar propriedades sintático-semânticas. No que tange à Divergência, ela se sustenta pelo fato de que a Construção Nominal de Complementação em Para Infinitivo pode ainda ser usada com o adjetivo *prestes* – vide nota 38 nesta tese – conforme vem sendo usada desde o século XIII.

A Especialização é observada na medida em que o complemento de *prestes* poderia ser introduzido tanto por *para* quanto por *a*. Entretanto, apenas a construção com *para* passa pelo processo de gramaticalização, provavelmente devido às propriedades semânticas do esquema *para (SN) infinitivo*. Por fim, os princípios da Persistência e da Decategorização são verificáveis, respectivamente, pela manutenção da noção metafórica de movimento para um destino desejado e pela mudança da cópula em auxiliar.

A Construção Nominal de Complementação em Para Infinitivo (CNCPI) levou sete séculos para passar por nova mudança gramatical. Desta vez, contudo, a mudança é menos profunda. Faz-se referência aqui à emergência da Construção Nominal Volitiva de Complementação em Para Infinitivo. O início do caminho de mudança é o mesmo observado para a construção aspectual, ou seja, a CNCPI está passando por um processo de especialização no sentido de que a presença de dois adjetivos – *doido* e *louco* – leva à instanciação de um novo significado de volição nesse padrão sintático. Essa mudança ainda está começando e, portanto, ainda não é possível prever se um processo de gramaticalização nos moldes do que acaba de ser descrito irá acontecer.

4.3 A Construção de Dativo com Infinitivo e As Construções Manipulativas de Complementação e de Complementação Mesclada em Para Infinitivo

O processo de desenvolvimento histórico da Construção de Dativo com Infinitivo parece ser paralelo à explicação relativa ao seu processo de herança. Em outras palavras, essa construção parece ter emergido na língua através de um

processo de mesclagem construcional envolvendo, de um lado, a Construção Transferencial e, de outro, a CAFPI.

A mesclagem se torna oportunamente possível devido a uma série de coincidências formais – presença na Construção Transferencial de um argumento regido pela mesma preposição que introduz a CAFPI – e funcionais – noção metafórica, ou não, de movimento em direção a um destino almejado – entre as fontes envolvidas no processo. Os dados diacrônicos parecem validar essa explicação, aprofundando-a.

Apesar de a CDCI apresentar suas características atuais apenas a partir do século XXI (em especial a mesclagem de Beneficiário e Agente no SN dativo), desde o XVIII é possível atestar a ocorrência de alguns exemplos nos quais os processos de compressão de Relações Vitais envolvendo o Beneficiário da transferência e o Agente da resultante (Analogia>Identidade>Unicidade) estejam parcialmente completos.

- (82) Como já a tempos escrevi a vmce. huma em que lhe expunha aminha carência e dela não tive resposta, agora sou a dizer a vmce que meapertão não so os meus credores os aquém devo Atestamentaria do defunto meu irmão e como sem esta acabando o tempo que me deu o dito defunto pa. dar conta careso decobrar e mostrar se estão perdidas ou não em termos careso de saber de vmce semequer hir contrevaindo com amais que puder poderemos hir vivendo todos oseus **Vmce me adeconseder licença pa eu cuidar** na cobrança. (CILP1BMCPMG14)

O exemplo (82) traz uma sentença na qual o Beneficiário da transferência da licença e o Agente que tomará conta das cobranças são a mesma pessoa, nomeadamente, o sujeito que escreve a carta da qual a sentença foi extraída. É possível argumentar, portanto, que há Analogia entre essas duas entidades, uma vez que, apesar de desempenharem papéis diferentes em evento diferentes, a relação de causação intrínseca à transferência de recursos as aproxima.

Além disso, é possível dizer que tal Analogia é comprimida em Identidade, uma vez que ambas as entidades são sinalizadas no discurso através de pronomes de primeira pessoa (*me* e *eu*). Entretanto, não se pode argumentar, conforme se fez para a CDCI, que exista compressão de Identidade em Unicidade, haja vista que ainda há dois elementos formais codificando a entidade em questão. Esse padrão ainda pode ser encontrado no PB e foi considerado, na análise sincrônica, como fronteiroço entre a CAFPI e a CDCI.

Com relação à Construção Manipulativa de Complementação Mesclada em Para Infinitivo, os dados diacrônicos são ainda mais interessantes. Antes da fixação,

no século XIX, do padrão atual, é possível encontrar, desde o século XVI, ocorrências estruturalmente ambíguas as quais podem ter sido responsáveis por lançar as bases para que os falantes pudessem realizar a mesclagem oportunista responsável pela emergência dessa construção. Veja-se o exemplo (83), encontrado no *corpus* do CP para o século XVI:

- (83) Ninguem ha de presumir que os maos & desalmados aconselhem melhor os outros do que aconselhão a si. Ninguem busca a fonte em o lodo, nem **pede para beber a agoa turba**. (CP – Diálogos)

Não é possível determinar, no exemplo, se o SN *a agoa turba* é perfilado como um objeto do verbo *pedir* ou do verbo *beber*, já que os objetos de ambos os verbos podem ser correferenciais nesse contexto. Por conseguinte, também não é possível decidir se o exemplo (83) traz uma ocorrência da versão mesclada da Construção Manipulativa ou se apresenta uma instanciação da CAFPI interposta em uma estrutura transitiva.

Curiosamente, a emergência da Construção Manipulativa de Complementação em Para Infinitivo é posterior a esses casos ambíguos (século XVII). Ainda, conforme se pode ver em (84), essa construção, a princípio, tomava dois complementos regidos por preposição – assim como o que ocorre em alguns poucos casos atualmente –, os quais codificam o indivíduo manipulado (SN regido por *a*) e o comportamento desejado (cláusula infinitiva introduzida por *para*).

- (84) Desejava fazer letrado ao senhor Dom António, seu filho (que depois foi Prior do Crato) e **pediu nomeadamente a Frei Bertolameu pera lhe ler Teologia**. (CP – A Vida de Frei Bertalomeu dos Mártires)

No PB contemporâneo, quando o objetivo da manipulação é codificado por um sintagma e não uma cláusula, a dinâmica de perfilamento da construção é diferente: geralmente, o manipulado é codificado como oblíquo introduzido por *a* ou *para*, enquanto o objetivo da manipulação ocupa a posição de objeto, de forma idêntica ao que ocorria no século XVII.

Logo, o que se conclui é que, enquanto a Construção Manipulativa de Complementação Mesclada em Para Infinitivo parece ter emergido a partir de usos estruturalmente ambíguos envolvendo a CAFPI, a Construção Manipulativa de Complementação em Para Infinitivo emergiu através de uma reorganização de seu padrão de perfilamento de participantes, já que o padrão Objeto+Oblíquo se encaixa melhor nos parâmetros do PB do que o padrão Oblíquo+Oblíquo.

Essa proposta sugere ser ser improvável, conforme inferível pela rede construcional sincrônica proposta, que a versão mesclada da construção manipulativa seja historicamente derivada da versão não mesclada. Essas duas construções seguem padrões de mudança distintos e acabam convergindo no PB atual devido à generalização de padrões de estrutura argumental de superfície encontrados em várias construções da rede.

4.4. As Construções Habilitativas Possessiva e Existencial em Para Infinitivo

As Construções Habilitativas em Para Infinitivo estão entre as que receberam maior escore para a anteposição do esquema no teste de similaridade semântica. Esse resultado levou a que se propusesse um *link* direto entre essa construção e a CAFPI. Todavia, assim como o que ocorre para as construções manipulativas, estender a relação sincrônica entre essas construções para uma relação diacrônica não seria possível.

A primeira evidência contrária à possibilidade de transposição da relação sincrônica para o domínio da mudança gramatical é o fato de que a combinação da CAFPI com construções Possessivas e Existencias é extremamente rara. Nos dados levantados para o século XXI, apenas quatro das 553 ocorrências da CAFPI (0,72%) apareceram ligadas por adjunção a esses tipos de construção. Uma frequência tão baixa, comparada aos fatos de que (i) as Construções Habilitativas estão entre as mais antigas dentre as construções em *para (SN) infinitivo* e (ii) podem ser facilmente combinadas com a Construção de Anteposição, coloca uma questão importante: qual foi o processo histórico em que as Habilitativas tomaram parte de modo a desenvolver propriedades aparentemente tão incoerentes?

Uma resposta padrão seria tentar encaixar essas construções no *cline* de conexão de cláusulas. Poder-se-ia imaginar que houve um período no Português em que a CAFPI ocorresse combinada a estruturas argumentais Possessivas ou Existenciais e que, devido à gramaticalização, tais ocorrências foram se tornando cada vez menos frequentes. Contudo, não há momento na história do Português em que essa combinação seja frequente.

Por outro lado, é possível encontrar em Latim uma construção cujas forma e função são muito semelhantes às da Construção Habilitativa. O dicionário de Latim

de Lewis e Short, em seu verbete para o verbo *habeo*, traz os seguintes padrões de uso:

hābéō , ūi, ĭtum, 2 (archaic I. perf. subj. habessit, Cic. Leg. 2, 8, 19; inf. haberier, Plaut. Mil. 2, 6, 111), v. a. and n. etym. dub.; cf. Gr. κπη, handle; Lat. capio; Germ. haben, Haft; Engl. have, to have, in the widest sense of the word, to hold, keep, possess, cherish, entertain, occupy, enclose, contain (cf.: teneo, possideo, etc.). (...)

(b). With inf. (analog. To the Gr. χω), to have something to do, be able to do something: “habeo etiam dicere quem contra morem majorum dejecerit, etc.,” Cic. Rosc. Am. 35, 100: “de re publica nihil habeo ad te scribere,” id. Att. 2, 22, 6. (...)

2. With an object- or relative-clause, to have the means, ability, or knowledge, i. e. to be in a condition, to be able, to know how to do or say any thing. (...)

(a). With an objectclause: “de Alexandrina re tantum habeo polliceri, me tibi cumulate satisfacturum,” Cic. Fam. 1, 5, 3: “de re publica nihil habeo ad te scribere,” id. Att. 2, 22, 6: “haec fere dicere habui de natura deorum,” this is the substance of what I had to say, id. N. D. 3, 39, 93; cf.: “quid habes igitur dicere de Gaditano foedere?” id. Balb. 14, 33: “habeo etiam dicere, quem de ponte in Tiberim dejecerit,” id. Rosc. Am. 35, 100: “illud affirmare pro certo habeo, etc.,” Liv. 44, 22, 4: “sic placet, an melius quis habet suadere?” Hor. Epod. 16, 23.—

(b). With a relat.-clause (usually with a negative: non habeo, quid faciam; “or: nihil habeo, quod faciam, dicam, etc.): de quibus habeo ipse, quid sentiam: non habeo autem, quid tibi assentiar,” Cic. N. D. 3, 25, 64: “de pueris quid agam, non habeo,” id. Att. 7, 19: “usque eo quid arguas non habes,” id. Rosc. Am. 15, 45: “quid huic responderet, non habebat,” id. Mur. 12, 26: “nec quid faceret habebat,” id. Verr. 2, 4, 23, § 51; id. Off. 2, 2, 7: “qui, quo se reciperent, non haberent,” Caes. B. G. 4, 38, 2: “nihil habeo, quod ad te scribam,” Cic. Att. 7, 19: “nil habeo, quod agam,” Hor. S. 1, 9, 19; and: “nihil habeo, quod cum amicitia Scipionis possim comparare,” Cic. Lael. 27, 103. (LEWIS & SHORT, 1879) (grifo nosso)

Perceba-se que os autores já apresentam duas estruturas diferentes para a semântica das habilitativas: uma com uma cláusula-complemento infinitiva (*de re publica nihil habeo ad te scribere – Não tenho nada para te escrever sobre as questões públicas*); e outra com uma cláusula relativa (*nihil habeo quod ad te scribam – Não tenho o que escrever a você*). A estrutura infinitiva é quase idêntica à utilizada atualmente no PB. Logo, não faz sentido propor uma relação de gramaticalização que tenha a CAFPI como fonte e as Habilitativas como produto.

O alto escore das Habilitativas nos testes pode se dever, portanto, à capacidade do falante de estender a possibilidade de anteposição do esquema, verificável para a CAFPI, por via de generalizações de superfície, a todas as construções em *para (SN) infinitivo* que não apresentem qualquer restrição a essa inversão, tal como a mesclagem.

4.5 A Construção Modal com Ser

O caminho diacrônico para a Construção Modal com Ser é paralelo ao das Habilitativas. Numa tentativa de se formatar a família de construções em *para* (SN) *infinitivo* em um *cline* de gramaticalização, poder-se-ia querer propor, com base em dados sincrônicos, que a Modal com Ser teria seguido o caminho ADJUNÇÃO > COMPLEMENTAÇÃO > AUXILIAÇÃO, uma vez que é possível encontrar ocorrências do esquema em estudo relacionado ao verbo *ser* em todos esses padrões clausais. Vejam-se os exemplos de (85) a (87):

- (85) **O seguro**, aqui, **foi uma imposição, para se fazer** o empréstimo. (PRONCON – BLU)
- (86) **Cê é cara de pau pra falar** que eu tô mentindo. (PROCON – GES)
- (87) **Eu já era pa tê ido** num médico. (IBITI – AUR)

Em (85), o esquema regido por *para* codifica a finalidade da imposição; em (86), funciona como complemento de *cara-de-pau*; já em (87) tem-se a modal. Entretanto, a Modal com Ser é tão antiga, nos dados do Português, quanto a suposta fonte a partir da qual teria se desenvolvido, conforme atesta o exemplo (88), retirado do *corpus* do século XIII.

- (88) E por todos entenderẽ que eu ey grã corazõ de correger e d'ẽmendar totalas cousas que **forẽ pera correger e pera entregar** dei meu poder a estes sobredictos que corregam e fazã; den e entegrẽ e fazam correg(er) e' entergar e emẽdar totalas cousas assi como de suso dito est. (CIPM – CA020)

É possível depreender do trecho grifado acima um sentido claro de modalidade deôntica. Nesse contexto, a construção codificada por *forem para corrigir* relativiza o SN *totalas cousas*, restringindo tais coisas apenas àquelas que devem ser corrigidas. Esse fato, tomado conjuntamente com o baixíssimo escore atribuído a essa construção para a anteposição adjuntiva, foi considerado como uma pista de que algum tipo de desenvolvimento histórico específico poderia estar escondido por trás da aparente adequação das construções com *ser* ao *cline* de gramaticalização costumeiramente proposto para a vinculação de orações.

A pista se revela verdadeira já que é possível encontrar em Latim uma construção bem delineada chamada de *Datius Auctoris*. Ernout e Thomas (1953) a definem, em sua gramática, como um

Dativo complemento do adjetivo verbal em *-ndus*: trata-se de um dativo de interesse indicador de a quem uma dada obrigação se destina: Pl. Am. 891: *faciendum est mihi illud... quod illaec postulat* “ele me faz fazer aquilo que ele pede”, literalmente “há para mim uma coisa a fazer”... (ERNOUT & THOMAS, 1953, p.74)

Além da possibilidade de se ligar a um Gerundivo – adjetivo verbal em –ndus – o Dativo Agente também poderia funcionar como Complemento do Particípio Passado Passivo e, posteriormente, teve seu uso estendido aos tempos do Infecum entre os poetas e prosadores do período imperial (ERNOUT & THOMAS, 1953,p.74).

Os autores franceses explicam, por fim, que tal emprego do Dativus Auctoris ocorria quando “o dativo é literalmente um dativo de pessoa interessada. Mas a pessoa interessada era também, ao mesmo tempo, o Agente” (ERNOUT & THOMAS, 1953, p.74). Assim, o elemento dativo – *mihi*, no exemplo – é ao mesmo tempo Recipiente e Agente. Essa caracterização se encaixa na semântica da Modal com Ser, uma vez que o SN introduzido por *para* codifica tanto a pessoa a quem a obrigação se destina quando aquele que deve agir no sentido de satisfazê-la.

Os exemplos citados poderiam facilmente ser traduzidos como casos de Modal com Ser. Ao invés de dizer que “*ele me faz fazer aquilo que ele me pede*” ou “*há para mim uma coisa a fazer*” pode-se dizer que “*é pra mim fazer o que ele pede*”.

Parece, inclusive, que tais traduções respeitam mais a estrutura original latina, uma vez que a construção em questão construía-se com gerundivo, forma nominal que, conforme Faria, substituía o gerúndio quando este deveria acompanhar o dativo. O mais interessante, porém, é o fato de que, em Latim, o gerúndio era uma flexão do infinitivo, empregada quando este não estava acompanhando formas nominativas (FARIA, 1958, p.458). Sendo assim, tem-se que, em última instância, era o gerundivo uma forma de expressão do infinitivo, tendo permanecido, no Português, esta última.

Outro dado interessante é que, segundo Faria, o gerundivo poderia se especializar em indicar uma obrigação existente para uma pessoa, a qual vinha sempre assinalada no caso dativo, mais especificamente no Dativo Agente. Ou seja, levando-se em consideração os paradigmas de mudança que permeiam a deriva do Latim ao Português, tem-se que a construção em *ser para (SN) infinitivo* já possuía similar em Latim, porém, com o gerundivo ocupando o lugar hoje preenchido pelo infinitivo. Há exemplos outros, fora o apresentado por Ernout e Thomas e transcrito acima, que comprovam esta afirmação.

Um deles encontra-se no verso 105 do ato I da Aululária, de Plauto: “Occlude sis fores ambobus pessulis iam ego hic ero discrucior animi, **quia ab domo abeundum est mihi**. (PLAUTO, Aul., I, 105)”.

Mais uma vez as traduções podem vir a evitar o uso do esquema *para* (SN) *infinitivo*, propondo redações como a feita por Walter de Medeiros e publicada pela Editora da UnB: “São as penas do inferno que eu sinto na alma, só por ter de sair de casa. E – raios! – é bem contra vontade que eu saio.”

Porém, assim como se disse acima, é possível, e parece inclusive mais próximo da construção original latina, traduzir o referido verso como “só porque é pra mim sair de casa”.

Logo, é possível argumentar que a Construção Modal com Ser contemporânea nada mais é do que o *Datiuus Auctoris* após uma série de processos de reorganização gramatical que transformaram o Latim em Português.

Mais uma vez, a tentativa de formatar a Família de Construções em Para (SN) Infinitivo segundo um *cline* unidirecional de gramaticalização provou ser ineficaz.

4.6 A Construção Modal com Dar

Uma forma de olhar para a história dessa construção é fornecida por Salomão (2007; veja-se também Velloso, 2007). De acordo com essa proposta, a Modal com Dar é o produto de um processo de gramaticalização cuja fonte é o Dativo com Infinitivo, ou Construção Habilitativa com Dar, nos termos de Salomão (1990). A autora afirma que

A Construção Modal é uma generalização sobre a Construção Habilitativa, da qual herda parcialmente sua sintaxe e semântica. (...) o significado Habilitativo original com Agonistas Agentivos é ainda o uso mais comum da Construção Modal com Dar: um estudo de frequência para usos no discurso falado e no MSN Messenger mostra que o sentido Habilitativo ocorreu em 63% dos casos, o sentido de Possibilidade Raiz apareceu em 27% e o sentido de Permissão, em 10% de todas as vezes em que a Modal com Dar foi empregada (Velloso2007). A frequência mencionada acima sugere uma expansão gradual do escopo semântico da Construção, o que segue as predições acerca do processo de gramaticalização dos marcadores modais (Bybee, Perkins and Pagliucca 1994; van der Auwera and Plungian 1998; Traugott 2006): HABILIDADE > POSSIBILIDADE RAIZ > PERMISSÃO. (SALOMÃO, 2007, p.8-9)⁸⁰

⁸⁰ The Modal Construction is a generalization over the Enablement Construction, from which it partly inherits its syntax and its semantics. (...) the original Abilitative meaning with Agentive Agonists is still largely the most common usage of the Modal dar Construction: a frequency study over spoken discourse and Internet MSN Messenger usage shows that the Abilitative meaning occurred 63%, the Root Possibility meaning appeared 27% and the Permission sense happened 10% of all times that the Modal dar Construction was employed (Velloso2007). The above mentioned frequency pattern suggests a gradual spreading of the semantic range of the Construction, which follows the predictions about the process of grammaticalization of Modality markers (Bybee, Perkins and Pagliucca 1994; van der Auwera and Plungian 1998; Traugott 2006): ABILITY > ROOT POSSIBILITY > PERMISSION.

A análise de Salomão apresenta correlações fortes com os padrões típicos de emergência de construções modais. Ainda, ela se baseia em uma análise muito acurada dos processos metafóricos envolvidos nos *links* de herança entre a Modal com Dar e a Habilitativa com Dar.

Entretanto, o levantamento de dados levado a cabo nesse trabalho parece ser capaz de preencher algumas lacunas deixadas pela análise de Salomão, fornecendo evidências acerca de como o papel de causador da transferência codificada pela Construção Habilitativa com Dar é apagado na Modal.

Argumenta-se nesta tese que a origem dessa construção remonta ao século XIII, mais especificamente a um padrão de uso da CAFPI combinada a Construções Passivas com Dar. Dois exemplos desse padrão são apresentados em (89) e (90). No primeiro, expõe-se que nenhum procurador que seja apontado para acusar ou defender alguém em algum julgamento pode tomar qualquer atitude que não tenha sido autorizada por quem o indica. Já o exemplo (90), prevê a pena para o notário público que faz documentos falsos.

- (89) Nenuu pessueyro que **seya dado** enalguu preyto quer **pera demandar** quer **pera deffender** ou **pera iuyzo fillar** nõ possa fazer nenhuma aueenca nen nenuu cõpoymento enaqueel preyto, ergo se llo o dono da uoz mandar nomeadamente per aquella pessuarya. (CIPM – FR)
- (90) Se escriuam publico que **é dado por fazer cartas** assy como mãda a ley fazer carta falsa en preyto de #C maraudis a iuso, perça a mão e o offizio. (CIPM – FR)

O padrão de combinação construcional exemplificado acima, além de codificar uma noção de finalidade, também permite uma interpretação habilitativa, assumida corretamente por Salomão (2007) como o ponto de partida para as mudanças semânticas que irão se seguir no caminho de gramaticalização da Modal com Dar. Esse padrão de combinação é encontrado do século XIII – de onde vêm os exemplos acima – até o XVI, quando passa a coexistir com outro padrão de combinação no qual a noção de habilidade também se faz presente.

Esse segundo padrão é bastante similar à Construção Habilitativa com Dar, exceto pelo fato de que não seleciona nenhum sujeito referencialmente definido, ou seja, apela para o uso do pronome reflexivo (*se*) em referência anafórica ao Paciente da transferência metafórica codificada por *dar* para subfocalizar o causador da transferência. Tal subfocalização abre as portas para se interpretar a construção em um viés habilitativo. Além do mais, do século XVII em diante, mesmo um certo sentido de possibilidade raiz pode ser inferido, conforme pode ser visto nos exemplos (91) – século XVI – e (92) – século XVII.

- (91) Os cinco grãdes cõ seus assistêtes trazê todos por divisa as armas del Rei nos peitos e nas costas, que sam hûas serpêtes tecidas de fio de ouro, das quaes hã vindo muitas a Portugal, que **se dã pera servirê** nalgûs ornamêtos das igrejas.
- (92) Vendo Jorge Dalbuquerque tamanho espanto na gente, foy cercado de gradissima tristeza, & dor, por ver que ja nam tinha nenhum modo de mantimento, nem que beber, auendo ja muytos dias que nao bebiamos agua, nem vinho, & que o vinagre que **se daua pera molhar** o padar, estaua ja na borra.

Em (91) afirma-se que os guardas reais trazem nas costas serpentes bordadas a ouro que são dadas de modo a servirem de ornamentos nas igrejas. Nota-se que a subfocalização do causador da transferência dos ornamentos para as igrejas é evidente. Já em (92), a subfocalização do provedor do vinagre abre espaço também para a interpretação de possibilidade, visto ser possível interpretar a relativização do vinagre tanto em termos de “*vinagre que era dado para que as pessoas molhassem a boca*”, quanto como “*vinagre com que se podia molhar a boca*”.

Parece que a mudança gramatical que levaria as construções em (91) e (92) a se desenvolverem como a Modal com Dar é também bastante provável, mesmo porque, desde o Latim (cf. LEWIS & SHORT, 1879, p.604), a forma passiva do verbo *dar* – *datur* – codifica as noções de permissão, habilidade e possibilidade. Essa mudança estaria fundada nas mesmas bases metafóricas definidas por Salomão (2007). Ainda, a presença da passiva e do reflexivo ajudariam a explicar a generalização do Agonista, desde sempre subfocalizado, proposta pela mesma autora.

4.7 Demais Construções em Para Infinitivo

As construções não abordadas nessa seção possuem história muito recente, não havendo dados diacrônicos relevantes sobre elas.

4.8 Conclusões Parciais

O capítulo 4 forneceu descrições das mudanças gramaticais pelas quais passaram a maioria das construções em *para (SN) infinitivo*. A análise diacrônica realizada nesta tese reuniu um conjunto de fortes evidências contrárias à tentativa de explicar as relações entre as construções em estudo observáveis

sincronicamente por meio de um único *cline* unidirecional de gramaticalização cujo ponto de partida seja tão somente a CAFPI.

Demonstrou-se que, na realidade, são vários os *clines* envolvidos na emergência das construções estudadas, além de processos de mesclagem construcional. Porém, o fato de que todos os padrões de instanciação que compõem a rede de construções são formal e semanticamente motivados é sustentado por fortes evidências, quais sejam a continuidade semântica entre as construções e a generalização da anteposição adjuntiva verificada para a CAFPI à maioria das demais.

Isso posto, faz-se necessário propor uma forma de resolver a questão levantada pelo fato de que construções historicamente não relacionadas acabem por formar, ao longo dos séculos, uma rede construcional de propriedades formais e funcionais bastante definidas. Essa é a tarefa do próximo capítulo.

5 A HIPÓTESE DA CONVERGÊNCIA CONSTRUCIONAL POR VIA DE GENERALIZAÇÕES DE SUPERFÍCIE

As análises apresentadas nos capítulos 3 e 4 desta tese podem parecer contraditórias à primeira vista. No capítulo 3 forneceram-se evidências poderosas em favor da hipótese de que os padrões de instanciação do esquema *para (SN) infinitivo* formam uma família de construções relacionadas por *links* de herança. Essa análise foi embasada por três argumentos inter-relacionados: (i) todos os padrões estudados compartilham o esquema sintático *para (SN) infinitivo*; (ii) a presença desse esquema funciona como uma pista para a combinação dessas construções com a Construção de Anteposição, observadas as restrições impostas pela mesclagem, mesmo naqueles casos em que a anteposição seria considerada agramatical aprioristicamente; e (iii) a contraparte semântica de todas as construções da rede envolve a noção de movimento físico ou metafórico em direção a um destino almejado.

Por outro lado, o capítulo 4 descarta a hipótese de acordo com a qual as construções da rede estariam relacionadas através de um *cline* de gramaticalização unidirecional que preservaria os significados subjacentes à CAFPI à medida que fosse dando origem, nessa ordem, às construções completivas, modais/aspectuais e discursivas. Pelo contrário, a análise diacrônica forneceu evidências de que as construções que compartilham o esquema *para (SN) infinitivo* se originam de, pelo menos, cinco fontes distintas: a CAFPI; a Construção Habilitativa Latina com Habeo; o *Datius Auctoris*; a Construção Nominal de Complementação em Para Infinitivo e as Construções Passiva/Reflexiva com Dar.

Mostrou-se ainda, com base no estudo das Manipulativas que, mesmo quando uma construção se origina da CAFPI, o centro da rede sincrônica, há sempre a possibilidade de os *links* sincrônicos não reproduzirem os processos históricos de mudança.

Apesar de poderem soar contraditórios, esses achados podem ser conciliados caso se leve em consideração que, mesmo não-relacionadas historicamente em uma cadeia de mudanças gramaticais, as construções em estudo compartilham propriedades formais e funcionais que podem ajudar o falante a construir uma rede construcional motivada através de processos sincrônicos de generalização de padrões a partir do testemunho do uso de formas de superfície (GOLDBERG, 2006).

É necessário também ter em mente que o falante geralmente não está ciente dos processos de mudança gramatical envolvidos na história da língua. Por outro lado, ele é capaz de extrair generalizações a partir de um padrão que adquire pelo uso e estender o uso desse padrão a outros contextos, conforme demonstrado por pesquisas recentes em aquisição da linguagem (GOLDBERG, 2006; TOMASELLO, 2003; dentre outros).

Dentre as construções em *para (SN) infinitivo* é possível encontrar um padrão prototípico muito antigo, estável e básico para a cognição humana, a Construção Adjuntiva Final em Para Infinitivo, a partir da qual os falantes poderiam generalizar o emprego do esquema regido por *para* para outros domínios que não o da adjunção. A continuidade semântica encontrada entre as construções, assim como os resultados dos testes de julgamento de similaridade semântica, embasam fortemente essa proposta.

Os dados diacrônicos, apesar de chamarem atenção para a existência de diversas fontes a partir das quais as construções em causa emergem, também fornecem evidências em favor da hipótese que se deseja construir, na medida em que, no momento em que as diferentes fontes transformaram-se nas construções que compõem a rede, elas assimilaram o já produtivo esquema sintático *para (SN) infinitivo*.

Em vista desses achados, propõe-se que a capacidade de extrair generalizações de padrões de superfície e extendê-los a outros domínios da combinação de cláusulas é a força motivadora de todas as mudanças gramaticais descritas nesta tese. Isso posto, cria-se a base para uma proposição ainda mais ampla, a qual pode ser formulada como se segue:

Hipótese da Convergência Construcional por Via de Generalizações de Superfície: construções não relacionadas historicamente podem tomar parte em uma rede formal e funcionalmente motivada através da extração de generalizações de padrões superficiais de forma e sentido e da extensão de tais generalizações a outros domínios construcionais.

Essa hipótese pode explicar padrões de mudança gramatical que não se desenvolvam de maneira unidirecional, de uma fonte a um alvo. Pode ainda abarcar os processos de reorganização e reanálise em famílias de construções complexas.

Isso é possível uma vez que a hipótese proposta não invalida as análises comumente recrutadas para explicar a mudança histórica – gramaticalização, analogia etc. Pelo contrário, ela toma uma capacidade humana, aquela de identificar e estender generalizações de superfície, como a força motivadora dos processos de mudança histórica e, em última análise, seu ponto de convergência.

6 CONCLUSÕES

Ao longo desta tese desenvolveu-se a análise da família de construções em *para (SN) infinitivo* no PB. Descreveram-se 17 padrões inter-relacionados de pareamento de forma e função e propôs-se que eles formem uma rede construcional que abarca quase todos os domínios construcionais para a combinação de cláusulas: adjunção, complementação, auxiliação e perspectivização discursiva.

Argumentou-se, com base na continuidade semântica verificada entre as construções e na sua combinação relativamente fácil com a Construção de Anteposição, que elas constituem uma família de construções do PB, compartilhando *links* de herança e os mesmos tipos de restrições sintáticas. Demonstrou-se a validade da Hipótese das Generalizações de Superfície proposta por Goldberg (2006), mostrando-se que as construções em análise compartilham mais propriedades sintático-semânticas entre si do em relação a construções que não compartilham o esquema, mesmo que estas últimas sejam constantemente tomadas por paráfrases daquelas.

Conduziram-se, ainda, análises diacrônicas que apontaram para a impossibilidade de se tratarem as relações entre as construções em *para (SN) infinitivo* como um produto de *cline* unidirecional de gramaticalização baseado em uma única fonte.

Finalmente, no intuito de resolver o aparente paradoxo entre a coerência interna da Rede de Construções em Para (SN) Infinitivo e os múltiplos processos não-relacionados de mudança gramatical envolvidos na emergência dessas construções, propôs-se a Hipótese da Convergência Construcional por Via de Generalizações de Superfície, de acordo com a qual, construções não-relacionadas historicamente podem integrar uma rede motivada formal e funcionalmente através da identificação e extensão de generalizações de formas de superfície e de suas contrapartes funcionais correspondentes a outros domínios construcionais.

As principais contribuições desta tese para o campo da linguística distribuem-se por três domínios: o descritivo, o metodológico e o teórico.

No domínio descritivo a tese contribui com a análise de mais uma família de construções do PB, seguindo a mesma linha adotada pela quase totalidade dos trabalhos de orientação funcional-cognitivista.

No campo metodológico, apresenta metodologias pouco usuais nos trabalhos da área desenvolvidos no Brasil, tais como o uso de testes de julgamento de similaridade semântica aplicados via *web* e o emprego de análise de variância (ANOVA) para a validação estatística dos resultados. Ainda, ajuda na reconciliação do trabalho com a Linguística Histórica com as perspectivas teóricas de cunho mais mentalista/biológico.

Por fim, no que tange às contribuições teóricas, esta tese propõe avanços em três pontos principais:

- (i) Ao se propor a relação entre a Rede de Construções em Para (SN) Infinitivo e a Rede de Construções com Dar, estende-se a noção de categorias radiais na gramática, já estudada por Salomão (1990), demonstrando-se que, assim como o que ocorre com o léxico e com as categorias cognitivas, as construções podem se organizar em redes interconectadas de motivações múltiplas, sendo que uma mesma construção pode herdar traços oriundos de núcleos de redes diferentes;
- (ii) Ao se demonstrar a inconsistência entre a proposta de gramaticalização das construções em *para (SN) infinitivo* baseada exclusivamente em dados sincrônicos e os processos de mudança linguística atestados pela análise dos dados diacrônicos, reforça-se a necessidade indispensável de se conduzirem análises diacrônicas nos estudos orientados pelo paradigma da gramaticalização, sob pena de que se proponham análises incompatíveis com a realidade experienciada pela língua ao longo do tempo;
- (iii) Ao se propor a Hipótese da Convergência Construcional por Via de Generalizações de Superfície, resolve-se o impasse criado entre os processos de herança e mudança construcional, explicando-se a mudança linguística pela mesma força motivadora da aquisição da língua pelo falante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Afranio & LOPES, Célia Regina *et alii*. **Corpus diacrônico do Rio de Janeiro: cartas pessoais – séculos XVIII-XIX**. Rio de Janeiro, UFRJ/PIBIC-CNPq/*Labor-Histórico*, 2003 (versão eletrônica);
- BARBOSA, Afrânio & LOPES, Célia (orgs.). **Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do século XIX: cartas de leitores e cartas de redatores**. Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB). UFRJ, 2002;
- BARLOW, Michael & KEMMER, Suzanne (org.). **Usage Based Models of Language**. Stanford: CSLI Publications, 2000;
- BYBEE, Joan. Regular morphology and the lexicon. **Language and Cognitive Process**, v.10, 1995;
- _____. Mechanisms of Change in Grammaticization. In: JOSEPH, Brian & JANDA, Richard (org.). **A Handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003;
- CHOMSKY, Noan. **Aspects of The Theory of Syntax**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1965;
- _____. **The Minimalist Program**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1995;
- DANCYGIER, Barbara & SWEETSER, Eve. **Mental Spaces in Grammar – Conditional constructions**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2005;
- DIAS, Nilza Barrozo. **As Cláusulas de Finalidade**. 2001. 175 f. Tese de Doutorado em Lingüística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001;
- _____. As Funções Discursivas das Cláusulas de Finalidade. **Veredas**, Juiz de Fora: UFJF, v.6, n.2, p. 137-148, jul./dez., 2002;
- ERNOUT, Alfred & THOMAS, François. **Sintaxe Latine**. 2.ed. Paris: Klincksieck, 1953;
- FARIA, Ernesto. **Gramática Superior da Língua Latina**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958;
- FAUCONNIER, Gilles. **Mappings in Thought and Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997;
- FAUCONNIER, Gilles & TURNER, Mark. **The Way We Think: Conceptual Blending and The Mind's Hidden Complexities**. New York: Basic Books, 2002;
- FERRARI, Lílían Vieira. **Perspective and Prediction: A Mental Space Approach to Brazilian Portuguese Conditional Constructions**. No prelo;

- GIVÓN, Talmy. Verbal complements and clause union. In: _____. **Syntax: an introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.
- GOLDBERG, Adele. **Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995;
- _____. **Constructions at Work: The nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006;
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite et al. **Introdução à Gramaticalização**. São Paulo: Parábola, 2007;
- GORSKI, Edair. Níveis de Integração de Cláusulas Para + Infinitivo. **Estudos Linguísticos**. Assis, SP: GEL, v.29, p.88-102, 2000;
- HEINE, Bernd. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian & JANDA, Richard (org.). **A Handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003;
- HOPPER, Paul. On Some Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elisabeth Closs & HEINE, Bernd (org.). **Approaches to Grammaticalization**, Vol. 1 – Focus on Theoretical and Methodological Issues. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991;
- HOPPER, Paul & TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993];
- HOUAISS, Antônio & HOUAISS, & VILLAR, Mauro. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001;
- ILARI, Rodolfo & BASSO, Renato. **O Português da Gente**. São Paulo: Contexto, 2006;
- LAKOFF, George. **Women, Fire and Dangerous Things: What categories reveal about the mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1987;
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. **Metáforas da Vida Cotidiana**. Trad. Vera Maluf. Campinas: Mercado de Letras, 2002 [1980];
- _____. **Philosophy in The Flesh: The embodied mind and its challenge to western thought**. New York: Basic Books, 1999;
- LANGACKER, Ronald. **Foundations of cognitive grammar**, Vol. 1. Stanford: Stanford University Press, 1987;
- _____. A Dynamic Usage-Based Model. In: BARLOW, Michael & KEMMER, Suzanne (org.). **Usage Based Models of Language**. Stanford: CSLI Publications, 2000;

- LEHMANN, Christian. **Thoughts on Grammaticalization**. 2.ed. Erfurt: Universität Erfurt, 2002 [1982];
- MANDELBLIT, Nili. **Grammatical Blending: Creative and Schematic Aspects in Sentence Processing and Translation**. 1997. 298 f. Tese de Ph.D. em Ciência Cognitiva, University of California in San Diego, San Diego, 1997;
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. Vinculação em Cláusulas Adverbiais: Uma análise de cláusulas finais. In: DECAT, Maria Beatriz, BITTENCOURT, Vanda de Oliveira e BRAGA, Maria Luiza (orgs). **Scripta: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e do CESPUC**. Belo Horizonte: PUC-MG, v. 5. p. 54-66, 2º semestre 2001;
- MAURER JR., Theodoro Henrique. **Gramática do Latim Vulgar**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959;
- MIRANDA, Neusa Salim. Domínios conceptuais e projeções entre domínios: uma introdução ao Modelo dos Espaços Mentais. **Veredas**, Juiz de Fora: UFJF, v.3, n.1, p. 81-95, jan./jun., 1999;
- NOONAN, Michael. Complementation. In: SHOPEN, Timothy. **Language Typology and Syntactic Description – Volume II: Complex Constructions**. 2.ed. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2007;
- REDDY, Michael. A metáfora do conduto: um caso de conflito de enquadramento na nossa linguagem sobre a linguagem. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre: UFRGS, n. 9, p. 5-47, jan./mar., 2000 [1979];
- SALOMÃO, Maria Margarida Martins. **Polysemy, aspect and modality in Brazilian Portuguese: the case for a cognitive explanation of grammar**. 1990. 295 f. Tese de Ph.D. em Linguística, University of California at Berkeley, Berkeley, 1990;
- _____. Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sócio-cognitiva sobre a linguagem. **Veredas**, Juiz de Fora: UFJF, v.1, n.1, p. 23-39, jul./dez., 1997;
- _____. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Veredas**, Juiz de Fora: UFJF, v.3, n.1, p. 61-79, jan./jun., 1999;
- _____. Gramática das construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico. **Veredas**, Juiz de Fora: UFJF, v.6, n.1, p. 63-74, jan./jun., 2002;
- _____. The Metaphoric Grounding of Grammar: the Modal Construction with ‘give’ in Brazilian Portuguese. In: **The 33rd Annual Meeting of The Berkeley Linguistics Society**. University of California at Berkeley, Berkeley, 2007;
- SCHIFFRIN, Deborah. **Discourse Markers**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1987;

- SIGILIANO, Natália Sathler. “**O telefone tocô eu peguei e:: quem tá falano?**” A polissemia do verbo pegar. 2008. 150 f. Dissertação de Mestrado em Letras/Lingüística, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008;
- SWEETSER, Eve. Grammaticalization and Semantic Bleaching. In: **Proceedings of The Fourteenth Annual Meeting of The Berkeley Linguistics Society**, Berkeley: UC Berkeley, 1988;
- _____. **From Etymology to Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.;
- TALMY, Leonard. Force Dynamics. **Conference on Language and Mental Imagery**, Berkeley, Ca: UC Berkeley, 1981;
- _____. Force dynamics in language and cognition. **Cognitive Science**, vol. 2, p. 49-100, 1988;
- _____. **Toward a Cognitive Semantics – Volume I: Concept structuring systems**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2001;
- TOMASELLO, Michael. **Constructing a Language: A usage-based theory of language acquisition**. Harvard: Harvard University Press, 2003;
- TORRENT, Tiago Timponi. **O Homem Vai Botar Uma Casa Para Mim Morar – Uma abordagem sociocognitivista e diacrônica da Construção de Dativo com Infinitivo**. 2005. 77 f. Dissertação de Mestrado em Letras – Lingüística. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005;
- _____. A Gramaticalização das Construções Modalizadoras Herdeiras do Dativo com Infinitivo: evidências em favor da necessidade de empreender análises históricas nos estudos orientados pela perspectiva da Gramaticalização. **Domínios de Lingu@agem**, v. 1, p. 1-22, 2007;
- _____. A construção de dativo com infinitivo: Uma abordagem sociocognitivista e diacrônica. **Veredas On Line**, v. 1, p. 95-111, 2008;
- _____. A Hipótese da Dupla Origem para A Construção de Dativo com Infinitivo: primeiras incursões pelo Português Medieval. **Revista da ABRALIN**, v. 7, p. 65-92. Belo Horizonte: ABRALIN, 2009 a;
- _____. A Construção de Dativo com Infinitivo. In: MIRANDA, Neusa Salim & SALOMÃO, Maria Margarida Martins (Org.). **Construções do Português do Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2009 b;
- TRAUGOTT, Elizabeth & DASHER, Richard. **Regularity in Semantic Change**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2002;

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O Aspecto Verbal no Português:** a categoria e sua expressão. Uberlândia: UFU, 1985;

VELLOSO, Mônica Monken. **Um Estudo da Idiomatização da Construção Modal com O Verbo Dar no Português do Brasil.** 2007. 95 f. Dissertação de Mestrado em Letras – Lingüística. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.

APÊNDICE

**TESTE DE JULGAMENTO DE SIMILARIDADE SEMÂNTICA APLICADOS,
ATRAVÉS DA *WEB*, EM FALANTES NATIVOS UNIVERSITÁRIOS DO
PORTUGUÊS DO BRASIL**

1. Instruções ao Voluntário

Prezado Voluntário,

Obrigado por se dispor a responder essa rápida pesquisa acerca da impressão dos falantes do Português do Brasil sobre algumas possibilidades de uso da língua.

A seguir, serão apresentadas a você questões nas quais você será convidado a analisar sentenças produzidas em Português. Cada questão traz uma sentença de referência, a qual foi produzida durante conversas informais entre pessoas conhecidas. Posteriormente, a questão oferece algumas outras sentenças cujo objetivo seria o de indicar o mesmo significado. Seu trabalho será o de julgar em que medida cada uma dessas alternativas poderia substituir a sentença de referência, sem levar a uma alteração significativa de seu significado.

Para tanto, você deverá atribuir a cada sentença um valor em uma escala de 1 a 7, em que 1 equivale a dizer que "A SENTENÇA EM ANÁLISE É UMA PÉSSIMA ALTERNATIVA PARA A SENTENÇA DE REFERÊNCIA" e 7 significa que a "A SENTENÇA EM ANÁLISE É UMA ÓTIMA ALTERNATIVA PARA A SENTENÇA DE REFERÊNCIA".

Lembre-se: não se trata de avaliar se a sentença está ou não de acordo com as regras propostas pela gramática. O que deve ser avaliado é a capacidade que cada sentença alternativa tem de reproduzir o significado da sentença original. Quanto maior a semelhança entre os significados da sentença de referência e a sentença alternativa, maior deve ser a sua nota. Quanto mais diferentes forem os significados ou quanto mais estranho soar a sentença alternativa, menor será a sua nota.

Mais uma vez, obrigado pela colaboração!

Tiago Timponi Torrent
Doutorando em Linguística – Universidade Federal do Rio de Janeiro
Visiting Student Researcher – University of California at Berkeley

2. Página de Cadastramento

Antes de começar, informe alguns dados sobre você. Esses dados são necessários para traçar um perfil dos voluntários. Sua identidade e seu endereço de e-mail não serão divulgados.

1. Dados Pessoais:

Nome:

Documento de Identidade:

Endereço:

Cidade/Estado:

E-mail:

2. Faixa etária

- Menor de 18
 Entre 36 e 45 anos
 Mais de 65 anos
- Entre 18 e 25 anos
 Entre 46 e 55 anos
- Entre 26 e 35 anos
 Entre 56 e 65 anos

4. Leia a sentença de referência:

Quando o Pedro morreu, todo mundo ficou surpreso... ninguém esperava a morte dele. Então, a viúva pediu o Jorge pra vender as coisas do falecido.

Agora leia as sentenças alternativas abaixo e atribua a cada uma delas uma nota de 1 a 7, em que 1 indica que ela é uma PÉSSIMA ALTERNATIVA à sentença de referência e 7 indica que ela é uma ÓTIMA ALTERNATIVA à sentença de referência.

	1	2	3	4	5	6	7
Quando o Pedro morreu, todo mundo ficou surpreso... ninguém esperava a morte dele. Então, que vendesse as coisas do falecido a viúva pediu o Jorge.	<input type="radio"/>						
Quando o Pedro morreu, todo mundo ficou surpreso... ninguém esperava a morte dele. Então, a viúva disse ao Jorge pra vender as coisas do falecido.	<input type="radio"/>						
Quando o Pedro morreu, todo mundo ficou surpreso... ninguém esperava a morte dele. Então, a viúva pediu o Jorge que vendesse as coisas do falecido.	<input type="radio"/>						
Quando o Pedro morreu, todo mundo ficou surpreso... ninguém esperava a morte dele. Então, pra vender as coisas do falecido a viúva pediu o Jorge.	<input type="radio"/>						

5. Leia a sentença de referência:

O presidente falou que será preciso cortar gastos do governo.

Agora leia as sentenças alternativas abaixo e atribua a cada uma delas uma nota de 1 a 7, em que 1 indica que ela é uma PÉSSIMA ALTERNATIVA à sentença de referência e 7 indica que ela é uma ÓTIMA ALTERNATIVA à sentença de referência.

	1	2	3	4	5	6	7
Ser preciso cortar gastos do governo o presidente falou.	<input type="radio"/>						
O presidente falou ser preciso cortar gastos do governo.	<input type="radio"/>						
Que será preciso cortar gastos do governo o presidente falou.	<input type="radio"/>						
O presidente disse que será preciso cortar gastos do governo.	<input type="radio"/>						

6. Questionário - Seção 4

4. Leia a sentença de referência:

Como a gente tinha prova a semana toda, não rolava de sair esse fim de semana.

Agora leia as sentenças alternativas abaixo e atribua a cada uma delas uma nota de 1 a 7, em que 1 indica que ela é uma **PÉSSIMA ALTERNATIVA** à sentença de referência e 7 indica que ela é uma **ÓTIMA ALTERNATIVA** à sentença de referência.

	1	2	3	4	5	6	7
Como a gente tinha prova a semana toda, não rolava pra sair esse fim de semana.	<input type="radio"/>						
Como a gente tinha prova a semana toda, não rolava sair esse fim de semana.	<input type="radio"/>						
Como a gente tinha prova a semana toda, de sair esse fim de semana não rolava.	<input type="radio"/>						

5. Leia a sentença de referência:

Demorou quatorze anos pra ela acreditar no que eu tinha falado.

Agora leia as sentenças alternativas abaixo e atribua a cada uma delas uma nota de 1 a 7, em que 1 indica que ela é uma **PÉSSIMA ALTERNATIVA** à sentença de referência e 7 indica que ela é uma **ÓTIMA ALTERNATIVA** à sentença de referência.

	1	2	3	4	5	6	7
Para que ela acreditasse no que eu tinha falado demorou quatorze anos.	<input type="radio"/>						
Demorou quatorze anos para que ela acreditasse no que eu tinha falado.	<input type="radio"/>						
Levou quatorze anos pra ela acreditar no que eu tinha falado.	<input type="radio"/>						
Pra ela acreditar no que eu tinha falado demorou quatorze anos.	<input type="radio"/>						

7. Questionário - Seção 5

4. Leia a sentença de referência:

Eu não entendo nada de computador e agora o meu computador deu problema.

Agora leia as sentenças alternativas abaixo e atribua a cada uma delas uma nota de 1 a 7, em que 1 indica que ela é uma PÉSSIMA ALTERNATIVA à sentença de referência e 7 indica que ela é uma ÓTIMA ALTERNATIVA à sentença de referência.

	1	2	3	4	5	6	7
Eu não entendo nada de computador e agora pra dar problema o meu computador deu.	<input type="radio"/>						
Eu não entendo nada de computador e agora o meu computador deu de dar problema.	<input type="radio"/>						
Eu não entendo nada de computador e agora de dar problema o meu computador deu.	<input type="radio"/>						

5. Leia a sentença de referência:

Depois do acerto de ontem, ficou alguma coisa para pagar?.

Agora leia as sentenças alternativas abaixo e atribua a cada uma delas uma nota de 1 a 7, em que 1 indica que ela é uma PÉSSIMA ALTERNATIVA à sentença de referência e 7 indica que ela é uma ÓTIMA ALTERNATIVA à sentença de referência.

	1	2	3	4	5	6	7
Depois do acerto de ontem, ficou alguma coisa por pagar?	<input type="radio"/>						
Depois do acerto de ontem, sobrou alguma coisa para pagar?	<input type="radio"/>						
Depois do acerto de ontem, por pagar ficou alguma coisa?	<input type="radio"/>						
Depois do acerto de ontem, para pagar ficou alguma coisa?	<input type="radio"/>						

8. Pesquisa Concluída!

Você respondeu o questionário com sucesso!

Muito obrigado pelo seu tempo!

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)